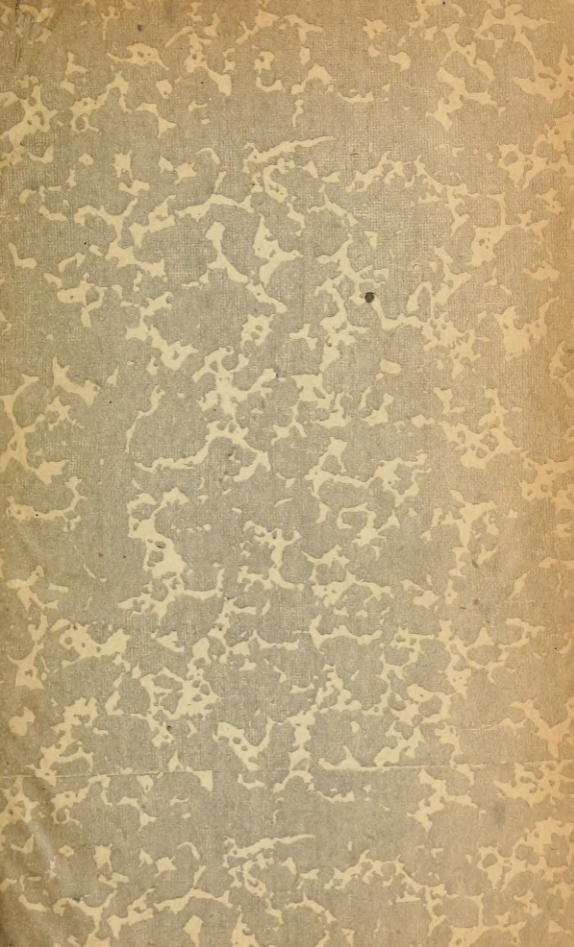


cont









Ministério da Instrução Pública

Secretaria Geral

Considerando que à excepção dalgumas raras jóias do património literário nacional, se não conhecem geralmente as obras primas da literatura portuguesa, muitas delas de difícil aquisição pela antiguidade ou raridade das suas edições;

Atendendo a que a *Antologia Portuguesa*, organizada pelo escritor Agostinho de Campos e publicada pela Livraria Aillaud, procura obviar àqueles inconvenientes, oferecendo ao público uma colecção onde fique arquivada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas;

Atendendo ainda a que a forma material como a *Antologia Portuguesa* é apresentada, a torna verdadeiramente agradável e atraente e, portanto, de fácil vulgarização e largo proveito educativo:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que seja louvada a Livraria Aillaud pelo seu patriótico empreendimento, em vista dos altos benefícios que essa casa editora vai prestar à divulgação das preciosidades da literatura nacional, com a publicação da *Antologia Portuguesa*.

Paços do Governo da República, 24 de Abril de 1920. — O Ministro da Instrução Pública, *Vasco Borges*.

ANTOLOGIA PORTUGUESA

BERNARDES

II

Antologia Portuguesa

VOLUMES PUBLICADOS

- MANOEL BERNARDES, 2 volumes, 2.^a edição.
FREI LUÍS DE SOUSA, 1.^o vol. (*Vida do Arcebispo*).
HERCULANO, 1.^o vol. (Quadros literários da história
medieval, peninsular e portuguesa).
PALADINOS DA LINGUAGEM.
JOÃO DE BARROS (Primeira Década da *Asia*).
GUERRA JUNQUEIRO.

VOLUMES NO PRELO OU EM PREPARAÇÃO:

- GONÇALO TRANCOSO.
HERCULANO, 2.^o vol. (Antologia cívica).
CAMÕES LÍRICO.
FERNÃO LOPES.
VIEIRA.
JOÃO DE LUCENA.
FREI LUÍS DE SOUSA, 2.^o vol. (Crónica de S. Domingos).
BOCAGE.
CAMILO, etc., etc.

5226n

Antologia Portuguesa

organizada por

AGOSTINHO DE CAMPOS

BERNARDES

II

(NOVA FLORESTA, ESTIMULO PRATICO,
LUZ E CALOR, ULTIMOS FINS DO HOMEM,
EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS, etc.)

SEGUNDA EDIÇÃO

172647
10/7/22

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

PARIS -- LISBOA

LIVRARIA CHARDRON
PORTO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

1921

Todos os exemplares vão rubricados pelo organizador
da ANTOLOGIA PORTUGUESA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

INTRODUÇÃO

I

Apontamentos sôbre a língua e o estilo de Bernardes

DE acôrdo com o plano estabelecido, e justificado a pág. xx do prefácio do primeiro volume da *Antologia de Manuel Bernardes*, encontrará o leitor neste segundo tómo, além de muitos outros trechos da *Nova Floresta*, alguns excerptos de outros livros do célebre místico e prosador seiscentista : da *Luz e Calor*, dos *Exercícios Espirituais*, dos *Últimos fins do homem*, do *Estímulo Prático*, etc.

Avultam ainda aqui, naturalmente, as transcrições da *Nova Floresta*, por ser êste livro, entre tôdas as obras de Bernardes, o menos religioso e místico na forma; aquele em que as anedotas profanas entremeiam mais freqüentemente com os assuntos de carácter espiritual, tornando-o assim mais apropriado a servir de fonte para uma vasta

escolha, feita com intuitos de vulgarização, de educação do gosto literário, de ensinamento artístico da língua.

A ordenação dos capítulos, tanto neste como no primeiro volume, obedeceu apenas ao critério de variar a matéria apresentada, para tornar a leitura mais atraente, e mais eficaz, portanto, esta propaganda em que nos empenhamos, dos bons modelos da literatura pátria.

Pelo que respeita à exactidão essencial dos textos podemos dizer que, pôsto não deva ser êsse o maior dos nossos cuidados, fomos sempre conferir com a primeira edição da *Nova Floresta* os passos d'aviduosos e as formas de vocabulário ou de syntaxe em que encontrámos motivo de estranheza. De qualquer grave infidelidade que acaso houvéssimos cometido involuntariamente a êste respeito, apressamo-nos a pedir desculpa, e muito agradecidos ficaremos a algum curioso ou erudito que no-la aponte, para lhe darmos remédio em futuras reimpressões.

*

*

*

Abordando agora mais estreitamente o estudo do estilo e da língua de Manuel Bernardes, começaremos por transcrever o que acêrca

dêles percorreu Castilho, no t6mo II da *Livra-
ria Clássica* (1):

«Tentemos perfilar (a obrigação que nos impu-
semos, de brevidade, nos defende sombrear e colo-
rir) um retrato desta linguagem que nos enamo-
rou, não escurecendo os senões, se por entre as
lindezas os descobriremos. Clareza, a primeira
virtude para Quintiliano, é logo a primeira feição
que nos vem aqui ferir os olhos. Resulta-lhe esta,
primo: do estudo que, se vê, fazia o autor da ma-
t6ria em que havia de escrever e do muito que a
digeria e elaborava com a meditação; *secundo*,
do seguro g6sto com que sabia dar de mão aos
enfeites supérfluos que a sua fantasia inexaurível
lhe havia de estar, contínuo, ministrando, e re-
jeitar igualmente os laconismos exagerados, que
deixam o discurso a cada passo rôto e descosido;
tertio, do constante emprêgo dos vocábulo em
cada matéria mais técnicos ou mais dignos de o
serem, isto é: de palavras em que o uso geral ti-
nha engastado inabalávelmente as suas ideas;
ou de outras que, por uma engenhosa mas per-
ceptibilíssima translação, fazem mais que signifi-
car a cousa, porque a pintam ou a explicam, des-
cobrindo algumas ou muitas de suas relações».

(1) V. p. 298 da edição de 1865 (Garnier, Rio de Janeiro).

«Nesta qualidade era admirável, e poderia dar só êle de que se confiar um precioso dicionário; a linguagem que êle deixou pesa e vale o dôbro da que êle achou. †E quereis agora saber donde tirou esta riqueza de matéria prima para o seu feiticeiro estilo? Dir-vo-lo hemos e provar-vo-lo-íamos sem dificuldade. Foi, antes de tudo, do latim, estudados a fundo e com filosófica análise os seus autores; depois, do castelhano puro; últimamente, do italiano; que são, e não o francês, os vizinhos do pé da porta de que a nossa língua se pode valer para uma pressa, sem se envergonhar; porque além de vizinhos são irmãos, e tão bons irmãos, que parte grande do seu património o trazem ainda hoje em comum com o nosso. Tanto assim que para sair escritor asseado, terso, elegante e bem recebido por nossas províncias tôdas, de doutos e indoutos, de letrados e rústicos, mais seguro e eficaz seria ajuntar à leitura dos nossos clássicos e dos latinos, a de Cervantes e Santa Teresa de Jesus, a de Boccacio e Ariosto, que a disso, quási tudo, que por aí sai dos nossos prelos, verdadeiros lagares em que se mói a nacionalidade para a água russa».

«A' clareza, que é já de si parte e princípio de elegância, acede elegância a mais formal e positiva, nascida da racional e artística distribuição e colocação dos vocábulos entre si. Não basta que

os termos correspondam às ideas, como para um baile ser gracioso não basta vestir convenientemente os dançantes, senão que é indispensável fazê-los subir ao tablado a seus tempos, e distribuí-los em relação uns a outros, e todos ao espectador, com bom cálculo e sem nunca perder de vista o que a sua pantomima tem de significar. Nisto levava a nossa língua, enquanto a estudávamos nela mesma, na latina, na castelhana e na italiana, uma vantagem manifesta ao que hoje é, depois que a espartilharam e tolheram à francêsa. Meteram-nos nas talas do agente, verbo e paciente, e ficaram muito contentes; cuidaram e cuidam ter metido uma lança em África, dizendo à bôca cheia; *melhor é esta ordem, que é mais clara*».

«Não; esta aparente ordem nem isso de ser mais clara tem por si, porque em muitos casos, e em quási todos, é um desarranjo, ou da filiação e concomitância das ideas, ou de imagens, que, por outro modo dispostas, poderiam causar impressão mais funda ou duradoura; é um sacrificio de entidades lógicas e rêtóricas, feito aos pés de um idolozinho com capa de carneira, chamado por cortesia a gramática. Bem ao contrário de invejarmos ao francês essa pobreza, sentida e deplorada por Laharpe, por Voltaire, por Fénelon, por Lamothe, por todos, e já de facto repugnada mui-

tas vezes por Victor Hugo, Sainte-Beuve e alguns outros, devêramos invejar, como todos os Franceses de siso, a liberdade do *hypérbaton* em que os Italianos nos excedem, e em que os Latinos excedem aos Italianos, tanto como aos Franceses excedemos nós outros, boa gente do velho Portugal».

«A' clareza e elegância, que são virtudes do estilo em relação ao pensamento, ajuntemos terceira virtude do nosso autor, devida à mesma causa que a segunda; isto é, ao uso de inverter a ordem gramatical no enfiar os termos de cada período, mas virtude de diversa índole, pois só tem por fim a lisonja do ouvido. Quem tem a fortuna de falar, como nós, uma língua aberta e franca, de sons perceptíveis, distintos e claros, de agudos, graves e exdrúxulos nas convenientes proporções, sem demasia de vogais que a enervem como o italiano, sem tropel de consoantes que a endureçam e a arripiem como o inglês, tem licença, antes obrigação, de fazer dela um instrumento músico até na prosa. Ora, que a prosa pode ter ou deixar de ter número e ritmo como o verso, só o ignora quem ignora tudo».

«¿ Em que porêm consistem? como se alcançam? quais são as suas regras? Algumas gerais se podem dar, que não são para aqui; deu-as Quintiliano para o latim, deu-as até Mauri para a surda

e entrevada língua dos Franceses; uma orelha delicada sabe êsses segredos da sua língua por uma predisposição nativa, desenvolvida, aumentada e aperfeiçoada pelo estudo dos bons exemplares.

«Êste estudo, que para nós deve ser feito nos clássicos romanos e portuguezes, confessamos, com pena, que não pode ser a todos aproveitável. Assim como há talentos que nunca acertaram a fazer um bom verso, assim os há que, dizendo tudo correcto e claramente em prosa, nunca jámais lograram afiná-la, nem conhecer se desentoa. É um dom particular como o da solfa, uma especialização da natureza, uma graça infusa; bem se podem, sem ela, fazer livros muito úteis: mas o que sem ela mal se conseguirá, é fazê-los muito agradáveis. Para quem os manuseou e os entendeu também nisto, os períodos do nosso Bernardes são bem feitos, são melodiosos e harmoniosos, em geral; e nos passos em que facilmente se conhece que esmerou mais, tem em eminentíssimo grau esta virtude. Familiarizar com êle será bom conselho a quem deseje consegui-lo; e a êsse ajuntaremos ainda outro, qual em nossa puerícia, quando começávamos a tratar letras, no-lo deu tamanho mestre como era o Sr. António Ribeiro dos Santos, a quem, ao cabo de mais de trinta anos, julgamos ainda agora estar ouvindo, tanta era a

persuasiva suavidade do venerando velho: «metrificação e poesia haviam todos de cultivá-las no seu primeiro tirocínio, porque não só servem para o que são e representam, mas por elas, tomadas com discreta sobriedade, é que se forma e pule a prosa literária e rica, a prosa mestra, a prosa intransferível a peregrinos idiomas, aquela prosa que não vale menos que os poemas. Poeta sem prosa poderá havê-lo; prosador bom sem poesia poderá também havê-lo; ainda o não vi».

*

*

*

Assim falou o Mestre, e a sua douta e vernácula doutrina ficará resumida, se dissermos que a heleza do estilo de Bernardes está, para Castilho, na limpidez e na elegância; que a clareza daquela prosa é feita de três elementos principais: do conhecimento perfeito dos assuntos tratados, da simplicidade no dizer e da propriedade dos vocábulos, com muitos dos quais a nossa língua foi enriquecida pelo próprio Bernardes, indo êste buscá-los às boas fontes aonde sempre podemos, e dondê só devemos, fazer provisão: não ao francês, parente afastado, mas ao latim, ao espanhol e ao italiano; e, finalmente, que a virtude da elegância a deve Bernardes ao seu modo e uso,

muito português, de inverter a ordem gramatical na distribuição dos termos do período, e também ao apurado sentido ou instinto do ritmo, faculdade que, ou se possui por disposição nativa, ou difficilmente se aprende no exercício precoce da poesia e na freqüência dos mestres prosadores.

Aos dons da clareza, da elegância, da simplicidade e do ritmo junta Bernardes mais dois — a concisão e a variedade — que Castilho notou e menciona também, demorando-se pouco na verificação do primeiro, talvez porque êle próprio o não admirava muito, e sôbre-estimando a nosso ver o segundo algum tanto, quando diz :

«Foi o seu talento um órgão perfeitíssimo, com registros para todos os sons — clangor de trombetas, trinos, e gorgeios de aves, cornamusa e tamboril de aldeãos, sentida voz humana, estrépito festivo — e, no meio de tanta variedade, sempre órgão, animado de um só espírito, exalando tôdas as suas melodias para as alturas, percebendo-se ao folgar que folga sôbre sepulcros, ao gemer que geme debaixo de um céu que é todo esperanças e alegria».

Depois das virtudes, os defeitos ; em seguida à defesa, a acusação. Tendo prometido que *não es-*

cureceria os senões, se por entre as lindezas os descobrisse. Castilho cumpre, chamando a atenção dos aprendizes de estilo para uma *veleidadezinha casual e passageira* de Bernardes, a qual lhe parecia em Vieira *hábito vicioso do engenho*: a queda, aqui e ali, em trocadilhos e joguetes de palavras.

Segue-se a acusação de nem sempre evitar a *concorrência de palavras de cuja união se formam para a orelha outras menos convenientes, sons duros e tautologias desagradáveis*; mas logo se alega a circunstância atenuante *de serem communissimos estes desvios em todos os nossos clássicos, achando-os os criticos nos melhores poetas e no mesmissimo Vergílio.*

Passando ao libelo gramatical, cita Castilho erros de conjugação, como *vós amares* por *vós amardes*; de concordância, como *lhe* em vez de *thes*; de elipse viciosa: *O nosso clérigo confiou-se do demónio, e o levou*, quando devia ser: *e este o levou*; de má correspondência de tempos: *Faziam o que ainda de longe podia valer-lhe, que foi ajudá-lo com orações*, em vez de *que era ajudá-lo*, etc. Por último condena, acusando-a justamente de francesia, a prática de colocar na ordem directa o sujeito do gerúndio: *Frei Domingos, vindo de Tortosa para Valença*, quando seria mais português dizer *Vindo frei Domingos*, etc.

Alguns dêstes erros, como o emprêgo de *lhe* em vez de *lhes*, são-no hoje e não o eram ao tempo, visto que nem Lucena, nem Frei Luís de Sousa, nem muitos outros dos melhores quinhentistas e seiscentistas, tais quais ainda hoje o povo e as crianças, faziam cerimônia ou escrúpulo em usar o singular pelo plural. Aqui deverá talvez dizer-se com melhor justiça que o *idolozinho com capa de carneira* se tornou mais exigente, e não que os velhos devotos pecaram por menos devoção.

*

*

*

Os estudos literários superiores teem progredido em Portugal nos últimos anos: dedicam-se-lhes muitas cátedras e faculdades novas e o seu pêsso começa a ser considerável — no orçamento do Estado. Se dêste progresso financeiro e burocrático resultar qualquer avanço real, se ao sacrificio crescente dos contribuintes puder corresponder algum benefício para os estudiosos, é de crer que em breve tenhamos o que agora nos falta: que ao menos se consiga obter que os mestres officiais da literatura pátria levem os seus alunos mais distintos a estudar de perto, com seriedade e profundez, a língua e o estilo dos grandes escriptores portuguezes de Quinhentos e Seiscentos.

Por agora temos de prescindir dêsse necessário socorro ou subsídio erudito e de afirmar ao Leitor a triste verdade: fora do pouco que nos disse Castilho da prosa de Bernardes, não existe, de conhecimento nosso, qualquer estudo a que possamos remeter quem quer que desejasse aprofundar o assunto. Pela nossa parte, dada a falta de competência técnica e o carácter leve, menos científico do que artístico, duma colecção premeditada para servir os curiosos e não os sábios, não poderemos ir além do que vamos tentar, que é fornecer, como tipo e guia de análise sumária do estilo e da língua de Bernardes, algumas rápidas exemplificações.

*

*

*

Modelos de prosa parenética, sermonária ou moral:

Desigualdade no casamento—(VOL. I, pág. 1); *Pátrias* — 1, 5; *Amigo «do meu» e não amigo meu*— 1, 9; *Velhice* — 1, 23; *Luxo e enfeite nas mulheres* — 1, 37; *Necessidade e appetite* — 1, 109; *Formosura* — 1, 257; *Esperança* — 1, 267; *A soberba e a morte* — II, 9; *A virtude do silêncio* — II, 43; *Desprezo*

das ofensas — II, 53; *A lição do cadáver* — II, 65; *O mundo passa* — II, 69; *Astrólogos e agoiros* — II, 95; *A vida é morte* — II, 115; *Jôgo* — II, 137; *Sentenças e avisos espirituais* — II, 149; *Arte de ter amigos* — II, 185; *Bugiarias monásticas* — II, 203; *Vontade e veleidade* — II, 217; *O varão espiritual e o peixe náutico* — II, 239; *Saber e saber* — II, 242; *Insuficiência da esmola* — II, 256; *Sinónimos morais* — II, 261; *O mundo* — II, 263,

Obras-primas de concisão, clareza, simplicidade, fluência e elegância narrativa:

Grande demanda entre frades e formigas — (VOL I, pág. 15); *Eulógio, o «novo rico»* — I, 29; *História de São Filemon e Santo Ariano* — I, 47; *O dragão de Rodes* — I, 97; *O furto do sêlo régio* — I, 113; *A abadia de S. Dionisio* — I, 119; *Lenda dos bailarins* — I, 151; *O lobo e o cordeiro* — I, 167; *Falam os mudos e os infantes* — I, 235; *O alquimista* — II, 15; *Henrique III empenha o gabão para cear* — II, 23; *O menino ressuscitado* — II, 57; *O monge e o passarinho* — II, 61; *Os setenta camelos* — II, 103; *A divina fiança* — II, 121; *Os hóspedes exigentes* — II, 175; *Os três cegos* — II, 181; *Astúcia de um cego* — II, 214; *Os santos e os ladrões* — II, 250; *O apólogo das cotovias* — II, 268.

*

*

*

Costumam os admiradores da prosa clássica assacar à moderna a pecha de entrecortada, *desarticulada*, e atribuir êste defeito, caracterizado pelo uso e abuso do período curto, à influência perniciosa do francesismo, donde resultou aos nossos escritores de agora a incapacidade de orquestrarem as grandes massas de ideas, sensações e sentimentos íntimamente ligados, com sons e palavras que os representem e expressem, associando-os num conjunto ao mesmo tempo lógico, proporcionado, claro e harmónico.

Até certo ponto dá-se aqui uma ilusão de óptica, resultante da diferença entre o sistema antigo e o novo de pontuar: se descermos a miúda análise, cedo veremos depararem-se-nos falsos períodos longos na prosa antiga, e falsos períodos curtos na actual. Mas é fôrça confessar que convém aos novos prosadores estudar nos clássicos as largas construções, não porque o período rápido deva condenar-se à pena máxima, senão porque a prosa moderna, exigente como se apresenta cada vez mais no empenho de descrever e pintar, tem de lançar mão de um ou de outro, segundo as circunstâncias e os intuitos. A boa prosa artística quere ser boa música a seu modo; e a música em-

pobreceria e metade, no momento em que abdicasse das riquezas de expressão obtidas pelo uso alternado do *legato* e do *staccato*.

Quanto à dicção meramente expositiva ou didáctica, essa contenta-se bem com a construção *staccata*, que até lhe serve para *destacar* as ideias imprimindo-as no cérebro do leitor por sucessivos golpes. ¿Quem sabe se não vem daqui em parte a fama de clareza feita ao francês e o jeito que aos Franceses achamos, de vulgarizadores da cultura e sciência de outros povos, como o alemão, mais atreitos que êles ao arranjo do período longo?

Seja como fôr, julgamos conveniente guiar desde aqui o leitor para algumas páginas da *Antologia* de Bernardes, onde poderá encontrar modelos, uns mais felizes que outros, de construção larga do período. Citaremos, para abreviar, apenas o princípio do trecho que importa, seguido da indicação do volume e da página onde se encontra:

Pelos anos da vinda do Filho de Deus... — I, 37.

Qual tesouro de oculta pólvora... — I, 52.

Os que saltaram em terra divulgaram... — I, 74.

Na batalha que D. Francisco de Meneses... — I, 88.

No cerco de Diu, que sustentou o grande capitão... — I, 91.

Orando uma vez Demóstenes... — II, 39

- Não cuide o religioso ou religiosa... — II, 45.
 Com ser tanta a pureza e discrição... — II, 80.
 Mas foi cousa digna de admiração... — II, 85.
 Êle, posto em tão estreito apêrto... — II, 89.
 E para que contasse qual dos dois... — II, 94.
 Outras vezes os homens, fazendo... — II, 102.
 E em continente o rico, começando a servir..
 — II, 110.

*

*

*

Há vários processos, uns mais elegantes ou mais sábios que outros, de evitar o tropeçamento constante da nossa prosa na intrometida e indiscreta palavrinha *que*. Bernardes adopta muitos (quando pensa nisso), mas usa e abusa de um dos mais simples ou sumários, como é a supressão do *que* integrante:

Frei António das Chagas, avisado por certa dama *não falasse* tão acremente (vol. I, pág. 6).

Rogou a Deus *se servisse*... (I, 30).

E êle, envergonhado, lhe *pediu rogasse* a Deus... (I, 36).

A primeira água de Maio que *opinaram fazia* o carão lustroso (I, 43).

E êle to *mandou* por escrito *confessasses* a Cristo... (I, 49).

Fingiu serem vindos os embaixadores de el-rei da Pérsia (I, 85).

Com sonhos foi *avisado voltasse* para Roma... (II, 2).

¿Para que vives como immortal, affectando seres adorado?... (II, 9).

Rogar-lhe repetisse a experiência em qualquer dos seguintes dias (II, 20).

Os seus mesmos sócios *ignoravam tivesse* préstimo... (II, 51).

Se bem não quis fazer a experiência diante daquelle monarca... (II, 88).

Mandou ao moço *voltar* o rosto... (II, 89).

Pediú humildemente *ser* instruído... (II, 126).

Temendo-se não trouxesse a dilação dela alguma ocasião de ficarem... (II, 178):

*

*

*

Exemplos de sintaxe das preposições e dos verbos, discordante da que hoje habitualmente praticamos:

Costuma a habitar (VOL. I, pág. 5).

Ajudando umas às outras (I, 18).

Que elas *mudassem* logo *habitação* (I, 20).

E bem singular o que vou *a* referir (I, 24).

Homem que não teme a morte, de todos é *para temido* (I, 27).

Pedi *ser ouvido* à puridade (I, 33).

O levou onde um clérigo estava *acaso* à margem de um rio (I, 54) (1).

Com ordem que devassassem do caso (I, 66).

Tinha razão S. Pigménio *de* estimar a sua coqueira, só *por* não ver a este demónio humano (II, 7).

Como é pesada (certa pedra) *para* tão pequena (II, 29).

Pega logo *dos* quinze dobrões (II, 19).

Demóstenes *no* mesmo tempo *se* *desceu* da cadeira (II, 39).

Em conformidade *desta* doutrina (II, 46).

Dentro *em* uma caldeira (II, 57).

O amo se determinou *em* despregar a fechadura (II, 58).

Como tinha *de* costume (II, 61).

Éle, considerando *na* grandeza dos bens eternos (II, 63).

Se incorrerem *excomunhão* (II, 68).

A (com, para) *este fim* (II, 75).

Certa moeda em que estava *de rel'vo* a imagem (II, 81).

(1) Hoje dizemos quasi sempre *por acaso* e empregamos assim inútilmente a preposição *por*, esquecidos de que em *acaso* já está incluída uma preposição.

Arremessou a moeda *no chão* (II, 81).

Encontrar logo ao sair de casa *com* alguma donzela (II, 98).

Vivos *a* Deus e mortos para o mundo (II, 109).

Prometendo que *lhe* satisfaria inteiramente (II, 118).

Fugiu para *dentro do mar* (para o largo), (II, 124).

Assim o convence a razão (II, 187).

*

*

*

Emprêgo do gerúndio ou participio do presente:

Um poeta, vendo a um dêstes forcejando por andar com o seu bordão, disse... (VOL. I, pág. 24).

Achou o menino dentro em uma caldeira de água fervendo... (II, 57).

A um menino tiritando de frio disse compassiva... (II, 79).

Apelo de el-rei dormindo para el-rei acordado (II, 134).

A emprêsa (emblema) do pelicano sangrando-se no peito com o bico... (II, 146).

Não havendo lar aceso $\frac{1}{2}$ como haveria fumo subindo? (II, 178).

*

*

*

Exemplos de transposição ou *hyperbaton* :

Onde cada um habita com o espirito e o desejo,
daí é natural (I, 8).

Da vida tôda fezes são as cansadas respirações
de um velho achacoso (I, 23).

Hugo de S. Vítor disse que três correios ou men-
sageiros tinha a morte (I, 25).

E todos estes três correios tinha já recebido o
papa Adriano (I, 26).

A vexação lhe deu o entendimento de que o pri-
vara a prosperidade (I, 36).

Aparelhado estou para passar por onde êles pas-
saram... (I, 49).

E até os ossos do profeta Eliseu... desterrou e
queimou (II, 5).

A imortalidade da alma muitos impiamente a
negaram... (II, 10).

E o mesmo sinal de festa usou com o mais povo
(II, 74).

Os vasos santos das fórmulas consagradas en-
cheram (êles) de vinho (II, 84).

Sai fora e vereis se tem Deus cuidado dos seus
em qualquer parte (II, 111).

De pontos díssonos não se compõe harmonia...

Esau e Jacob, o sangue os fêz irmãos inteiros...
Da firmeza na amizade o fundamento é a seme-
lhança de costumes... (II, 186).

*

*

*

Uma das elegâncias de Bernardes, e aliás de todos os nossos bons prosadores clássicos, consiste na prática muito latina — e muito pouco francesa — de evitar a repetição desagradável e o próprio emprêgo inútil dos artigos, mormente do indefinido. Convém à nossa prosa afrancesada aprender com êle como isto se faz:

O matrimónio é *jugo*. A semelhança é *causa* de amor (VOL. I pág. 1).

Nosso pai celestial vai criando as almas e unindo-as a *nossos* corpos (I, 5).

Do segundo (caso) *temos exemplo* em S. Basilio (I, 6).

Não levou aquele miserável do poder *de filho* tão ímpio (I, 25).

Pedia *gôlfo grande* o galeão que na sua fantasia armava (I, 31).

Os bens temporais são *escravo* fugitivo e atraído (I, 36).

A mulher vã e amiga de enfeites é *nau...* (I, 44).

Sentado, *como mulher*, sobre um coxim preciosíssimo, recebe em tudo culto e rito e cerimónias *como divindade* (II, 13).

Bernardes diz *havia desbaratar* para não cair na tautologia *de-des* (II, 100). E faz, como aliás todos os nossos clássicos, mais largo uso de que nós, hoje em dia, do verbo *haver* nos tempos compostos passados. Imitando-o neste ponto, evitaremos a repetição frequente e desagradável do auxiliar *ter* nas mesmas circunstâncias.

Sendo a adversativa *mas* uma das palavras correntes e impertinentes que mais vezes nos faz cair ou escorregar em repetições pouco elegantes, será bom aprender com Bernardes certas maneiras de a evitar :

Esta mercê fazia, não à benevolência para com sua pessoa, *senão* à memória dos seus antigos serviços (VOL. II, pág. 1).

A virtude do silêncio não consiste em não comer, *senão* em comer com a moderação devida (II, 50).

*

*

*

Alguns exemplos que mostram a modificação operada com o dobar do tempo no sentido ou nas applicações de certos vocábulos :

Volume I: *declarar* = aclarar, explicar; *costa* = encosta, costela; *atraídoado* = traiçoeiro; *reportado* = comedido; *fundar* = estabelecer-se, fixar-se; *assunto* = elevado (a certo cargo ou dignidade); *curioso* = affectado, pretensioso; *capaz* = espaçoso; *preciso* = tirado, exceptuado; *nervoso* = valente; *revolver* (alguém com alguém) = indispor.

Volume II: *presidio* = auxílio, força militar; *aceito* = íntimo, valido; *acanhos* = lucros, rendimentos; *prevenir* (alguma cousa) = arranjá-la, prepará-la, dispô-la; *empenho* = dívida; *convite* = banquete; *novidade* = amor da novidade; *consequência* = coincidência; *picar* = troçar; *efectivo* = enérgico, activo; *pender* = depender; *divertir* = desviar; *rendimento* = humildade; *perecer* = (o rio) = desaguar; *repugnar* = recusar; *abraçar* = adoptar; *conversar* = conviver; *alcançar* = compreender, perceber, entender; *convir* = acontecer; *emprêsa* = emblema; *delicioso* = sensual; *prática* = conversação; *calado* (de água, por exemplo) = impregnado; *paradoxo* = paradoxal;

Influência da morfologia e sintaxe castelhanas:

Alhanado = aplanado, remediado (VOL. II, pág. 222).

Harto = bastante, assaz (I, 18).

Regalar = obsequiar (II, 58).

Quando chegaram *âquilo* do salmo... (II, 61).

Quis lograr o vistoso desta entrada *desde* o castelo de Santo Angelo (II, 74).

Muchacho = rapaz (II, 88).

Mirões (mirones) II, 137.

Boa tendência de aporuguesar os nomes próprios estrangeiros:

João *Grubero* em vez de *Grüber* (II, 12). *Loraina* por *Lourain*; *Antuérpia* por *Antwerpen* (II, 15); *Plescóvia* por *Pleskov* (II, 90); *Salisburgo* por *Salzburg* (II, 92).

Notem-se os seguintes factos de sintaxe dos pronomes:

Mandando dizer ao ouvido de *cada um* que *guardassem* fome para os últimos pratos, (I, 12).

Entre os animais, *¿ quem* mais brioso que o cavalo? (II, 192).

Pelos não tornar vencedores (I, 27)

O de que necessitais (II, 106).

Note-se também (e é isto de importância, muitas vezes, para clara interpretação do texto) o emprêgo quasi habitual do *mais-que-perfeito* do Indicativo pelo Condicional e pelo *imperfeito* do Conjuntivo:

Se *dera* a quantos me pedem, brevemente *pedira* eu (II, 23).

Se os homens *viram* (vissem) um incêndio tão disformemente vasto e dilatado (II, 43).

*
* *

Formas de dizer mais ou menos esquecidas do falar actual e dignas, quasi tôdas, de voltarem ao uso literário:

Entre conversação = no meio da conversa (I, 13).

Por tantas vias = de tantas maneiras (I, 19).

¿ *Que muito que?* = ¿ *Que admira que...?* (I, 23).

Muito leve no caso = sem lhe dar importância (I, 25).

Dar em = descobrir, encontrar (I, 31).

Algun tempo = outrora (I, 34).

Calar dentro = penetrar (I, 35).

Como, tanto que = logo que, assim que... (II, 4 e 26).

A fôro de = com privilégio de (II, 14).

A ponto = pontualmente (II, 27).

Com tal que = se, com-tanto que (II, 27).

Ter para si que = entender que (II, 35).

Ao (modo) humano, ao feminino (II, 49 e 95).

Pobre de outro conselho (II, 57).

Fêz a chave perdida (II, 58).

Uma mulher errada (II, 65).

A' língua de água (II, 124).

Fazer lado a algum (II, 73).

Achar menos = sentir falta de.

Pôr por obra = executar, realizar.

A' prima noite = ao principio da noite (I, 138).

*

*

*

Âs almas bem formadas repugna naturalmente (ou, pelo menos, não encanta, nem diverte) a tarefa de pôr na praça os erros dos mestres, as misérias dos ricos e os desmaios dos fortes. Só os que dormem quasi sempre gozam de verificar que o divino Homero dormitava às vezes; só a impotência invejosa se compraz no estendal dos senões e defeitos que uma ou outra vez maculam a beleza das obras grandes e perfeitas.

E, todavia, pode ser meritório e fecundo êsse acto de impiedade e de ousadia, quando o desculpe na essência o empenho de ensinar e precaver, quando na forma o temperem a delicadeza e o respeito, luvas cuidadosas de que o crítico não deve nunca desvestir a sua mão.

Antes de apresentar, como vamos fazer, alguns exemplos de incorrecção e deselegância na escrita de Bernardes, cumpre-nos, portanto, recordar que os melhores dos nossos artistas monásticos (melhores também no sentido moral ou religioso) não tinham muitas vezes consciência do seu génio artístico, não tiravam vaidade da sua arte, não sabiam, sequer, que estavam fazendo arte, porque o seu fim era a religião e não a arte, a beleza espiritual e não a beleza formal.

Alguns dêles (e Bernardes foi tal) fizeram-se escritores por mera obediência à Regra e à Ordem, escrevendo porque lhes disseram que escrevessem, como teriam prégado, ensinado, ou varrido os claustros e as celas: humildemente, despretensiosamente. E é também de equidade não esquecer que o processo de revisão de provas tipográficas corria nesses tempos à revelia do autor, pois só assim se pode explicar o tropeçarmos hoje, na leitura dos bons clássicos, com estranhezas e até monstruosidades inteiramente

destoantes de centenas e centenas de páginas de perfeita, irrepreensível construção.

Tudo isto pôsto, é evidente que se não pode recusar a qualquer de nós o direito de dizer que os outros fizeram mal, ainda quando não somos capazes de fazer melhor. Seria até um bom e legítimo exercício prático de linguagem e de estilo, levar os nossos rapazes da 6.^a ou 7.^a classe de letras dos liceus a rectificar e melhorar, sob a guia discreta dos seus mestres de Português, certos passos menos felizes, e por vezes desastrosos, dos mais apreciados e apreciáveis escritores nacionais. O que é preciso é que isto se faça com modéstia e com respeito.

Alguns exemplos de construção incorrecta ou deselegante, respigados no presente volume :

Página 33 : Alguns se prendiam com cadeias, tendo só por seu aquele espaço de terra *que elas lhes davam licença*, para confundir no dia de Juizo os Neros, *que lhes pareciam curtas* as galerias e pórticos de légua...

Página 48 : *Andando* um religioso *trabalhando*, caiu de uma taipa de boa altura, ficando tão atormentado do golpe...

Página 49 : Estava *este* (o Prelado) em oração e *pelo não inquietarem* (ao Prelado), o (a um frade

contuso da queda) tiveram assim, postos de joelhos largo tempo...

Página 79: Entrando pela igreja prostrava-se, adorando o Santíssimo: e, tomando água benta, ia-se direita ao altar-mor, onde persistia inmóvel junto do acólito, ouvindo duas ou três missas de joelhos, com tal atenção que, *entrando*...

Página 128: O encontro foi o intentar el-rei tomar a cidade de Cória, e não lhe succedeu como desejava, com que se houve de retirar sem levá-la.



Entre as incorrecções assacadas aos clássicos avulta a da concorrência de palavras de cuja união, como disse Castilho, se formam para a orelha *outras menos convenientes*. «Menos convenientes» é aqui eufemismo e significa *inconvenientes* ou *sujas*.

Estas *incorrecções* pululam não só nos clássicos portuguezes, mas nos de tôdas as literaturas, incluindo a latina. Lá diz Castilho que os críticos as acham nos melhores poetas *e no mesmíssimo Vergilio*. Tanto montava dizer que não são incorrecções, e não o são, de facto: vieram-no a ser com o rodar do tempo e o variar da moda, que, no conceito da larachia e, se assim podemos

dizer, no gosto do indecente, muda e saltita como em tudo mais.

Dá-se principalmente este fenómeno na concorrência do *r* dobrado e é de frequentíssima insistência na prosa de Frei Luís de Sousa, um dos mais puros, mais graves e mais correctos escritores portuguezes. E não será preciso mais nada para se afirmar que os séculos alteraram sensivelmente, ou a fonética de certas combinações vocais, ou a semântica de certas formas vocabulares, a que hoje correspondem sentidos grotescos, indecorosos, que não tinham de antes.

Sabido que a immoralidade destingue muitas vezes das almas para as coisas, e não *vice-versa*, acontece naturalmente que os que andam neste mundo à procura de beleza, e não de porcaria, pouco ou nada reparam na existência de tais incorrecções. Daqui a repugnância com que, para não ir ao encontro da moda e salvar do ridículo o que é e deve ser sério, nos resignámos a alterar de quando em quando o original, substituindo *para* a *por*, *soberano* a *rei*, etc. O mundo é imundo, mas é elle quem manda nestes pontos; e é a nós, afinal, que cumpre pedir-lhe desculpa, se alguma vez deixámos passar intacta a inocência por elle transformada em *contrabando*.

*

*

*

Exemplos do que Castilho chama *trocadilhos ou joguetes de palavras* (1):

Volume I, pág. 12: ... *Com que todos, por comerem mais, comeram menos; e bastou o pouco onde o muito não bastaria, ficando as «sombas» às escuras quando viram o engano às claras.*

Volume I, pág. 232: ... *e com este manda e re-manda se faz eterna a demanda; e com este espera e re-espera o pobre, em fim, desespera.*

Volume I, pág. 244: *O inocente exposto deixou exposto o culpado... Em má hora foi embicar nos jejuns do próximo quem tão próximo tinha o documento de que não guardava abstinência de carne.*

Volume II, pág. 21: *Pela manhã não acharam os mercadores mais que os troços e destroços da oficina, com daquele melhor Caco, e nas suas bôlsas os (cacos) que causara, etc.*

Volume II, pág. 50: *Bom simbolo temos disto no relógio, que o mais do tempo cala, e as suas horas fala, dando as horas.*

(1) Não esquecer que, assim destacados do contexto, estes passos tomam feições ainda mais gongóricas do que de acto teem, e chegam a parecer charadísticos.

Volume II, pág. 56: *Descobriu-lhe a sua meditada cobertura, e impediu-lha pelo mesmo caso que lha mandou fazer.*

Volume II, pág. 58: *Abre-se o cofre, para os olhos terem o mesmo que recusavam ter.*

Volume II, pag. 59: *Estava o menino muito mais engraçado depois da desgraça.*

*
* *

Subentendimento forçado e por vezes confuso de palavras anteriores:

Usa deles como de vasos: enquanto cheios, (*usa*) despejá-los; quando já vazios, despedi-los (I, 9).

Resta que não desdenhes tão salutífero conselho, nem da escada que te lanço para subires fazeres mais alto o teu precipício (I, 57).

Recolheu-se a palácio com maior enfado do que saíra; e mandou logo alojar em uns pátios interiores um terço de seiscentos homens armados; e de manhã recado áqueles senhores, que importava conferir logo com eles matéria de importância... (II, 25) (1).

(1) Note-se que o verbo *mandar*, subentendido na segunda parte, significa aí *enviar*, ao passo que na primeira fôra empregado no sentido de *ordenar*

Mais se pareceu com outro que viu Diógenes, tão certo no errar que, passando-se (Diógenes) do lugar afastado... (II, 90)

Passado assim algum tempo, já o era de serem tentados pelo comum adversário (II, 104).

Sendo consultado a el-rei Filipe II, de Espanha, em um bom lugar certo cavalheiro, dilatava (*aquelle*) o despacho... (II, 140).

*

*

*

Rebateu Castilho, e com justo motivo, a accusação feita por Cândido Lusitano a Manuel Bernardes de ser *imitador acérrimo* de Vieira (1). A accusação era injusta, o que porém não quer dizer que se não encontre aqui e ali, em Bernardes, um ou outro passo capaz de nos recordar os melhores *fogos de artificio* do grande prègador.

Vejam-se, como exemplos, os trechos que começam:

«Enquanto Job esteve...» (vol. I, pág. 9).

«Que mais? É necessário que concorra também o mar...» (I, 42).

«Muitos Alexandres houve sempre, cada qual ansioso e occupado...» (II, 10)

(1) V. a nossa *Antologia de Bernardes*, vol. I, pág. XXXI.

«Não sei que infeliz consequência tem isto de sair a palavra...» (II, 43).

«Quantos homens há; tantos cadáveres somos...» (II, 118)

II

Ensaio sôbre a leitura dos Clássicos

S*I une nation devient esclave* (disse o poeta Mistral) *tant qu'elle garde sa langue elle tient la clef de sa prison.* E à nossa volta, nestes agitados dias, está a História a fazer-se ou a refazer-se nos termos daquele belo aforismo.

Ressurge a Polónia, libertam-se a Boémia e a Grande Sérvia, redimem-se as terras outrora conquistadas pela Áustria e pela Rússia à Itália e à Roménia; e é graças à língua, conservada pela literatura escrita ou pela influênciã communicativa dos poemas e hinos nacionais, que todos êsses povos escravizados e dilacerados encontram no momento próprio o direito exarado nos seus títulos tangíveis de liberdade e de independência, o prêmio devido à constância, à fidelidade, ao respeito e ao amor com que guardaram por anos e por séculos a chave do seu cárcere estreito e immedido.

Nós, Lusitanos de Aquê m e de Alê m-mar, temos de agradecer em grande parte à nossa língua o

não havermos sido senão passageiramente ameaçados de absorção estranha, tanto aqui como no Brasil. Foi pela língua, ainda mal distinta e balbuciante, que já nos séculos xi e xii tomámos consciência nítida e forte da nossa individualidade nacional. Foi ela que ajudou Afonso Henriques a marcar com a lança e o punhal as fronteiras da Pátria no ocidente da Ibéria. Foi ela que nos firmou, em Aljubarrota, o lugar à parte que ainda temos e teremos na Península. Foi ela que, mais tarde, projectada triunfalmente até a América pela ponta de Sagres, nos deu e assegurou o lugar bem maior que hoje temos no mundo.

Nenhuma força humana é já capaz de impedir que o português, começado a brotar há nove séculos, como fio de água, da sua nascente de Entre Douro e Minho, e falado já agora por dezenas de milhões de bocas, o venha a ser um dia por centenas e centenas de milhão.

Os maiores cataclismos nacionais e políticos que se possam fantasiar ou temer não fariam senão excitar em nós a consciência da nossa estirpe, da nossa autonomia, do nosso direito imprescritível à liberdade e à independência. A língua que falamos e a literatura que a fixou em moldes perfeitos, a fala ruda que o povo criou há séculos e que os poetas e prosadores de Portugal e Brasil aperfeiçoaram e ennobreceram imortalmente—

devem ser para nós objecto de um amor sincero e de profunda veneração. Agora mais do que nunca temos de guardar e defender êsse tesouro, o único que nos restaria talvez dentro de pouco tempo, se as lufadas de loucura furiosa que esbravejam no oriente da Europa viessem a assolar também os nossos campos e as nossas cidades.

É tão confuso êste momento que, lado a lado, há nações que ressuscitam e nações que se suicidam. A Polónia refaz-se dentro das amplas fronteiras da sua raça, isto é: da sua língua; e ali ao pé milhares de Russos deixam-se assassinar por mercenários letões e magiares, alemães e chineses, em holocausto à Comuna Universal. Não é fácil a qualquer de nós — mísera gôta de água a ferver em cachão na caldeira da Europa — profetizar a qual das duas energias adversas caberá o triunfo próximo. ¿Vão vencer as forças centripetas do patriotismo, da nacionalidade e da língua? ¿Ou triunfarão, pelo contrário, os elementos centrífugos e dissolventes do internacionalismo quimérico e desumano?

Seja qual fôr o desfecho das próximas batalhas, nenhuma dúvida pode haver de que a vitória última caberá por força e por justiça às nações vivazes, dotadas de línguas próprias, bem marcadas e bem fixadas. Entre estas nações nos contamos

nós, graças a Deus, raça, como somos, das mais resistentes e expansivas do mundo actual, autora e portadora de uma literatura que faz de nós, sem favor para ela, uma das seis ou sete grandes potências do Espírito

*

*

*

A melhor maneira, senão a única, de conservarmos a nossa língua consiste em praticá-la na leitura dos escritores clássicos.

Convém averiguar porquê e convém, depois, assentar em que modo e com que espírito os clássicos devem ser lidos.

É preciso lê-los, porque são os mestres mais sabedores que podemos encontrar para nos ensinarem a nossa língua, no que esta tem de característico e de nosso. Espontâneos e inconscientes muitos deles, reflectidos e amorosos dela muitos outros, uns e outros nos doutrinam pelas influências mais fortes de que pode dispor todo o ensinamento fecundo: o exemplo, a fé, a sinceridade e o amor.

É preciso lê-los, porque a nossa língua, que não chega a aprender-se na escola, sem cessar se aprende na vida. Não chega a aprender-se na escola, exactamente porque a escola não dispõe de

tempo, nem de material, e por vezes nem de jeito, para nos pôr em contacto instrutivo e atento com os clássicos. E desaprende-se na vida todos os dias e a todos os instantes, porque a vida é corrupção e morte para tudo, e para as línguas como para tudo.

A nossa língua desaprende-se, e não só se desaprende mas perde-se, na prática diária de si própria. Desaprende-se e perde-se no uso falado, que é a sua contínua invasão e deturpação pelos erros que se tornam de individuais em comuns, e pelas gírias — degradação e caricatura das línguas. Desaprende-se no uso escrito ou lido dos jornais e das publicações governativas, burocráticas, comerciais ou industriais, entregues umas desleixadamente, e outras inevitavelmente, a redactores lingüicidas. Desaprende-se na frequência excessiva e às vezes até exclusiva das literaturas estrangeiras e da obra dos próprios escritores nacionais contemporâneos, filha ela mesma, não raro, de vícios e adultérios dissolventes.

Ora este desaprender incessante tem de ser contrariado e corrigido, para que a língua viva e dure, por um incessante rever e recordar. É preciso ler os clássicos, para que o nosso espirito se agasalhe e retempere no espirito da língua; mas é necessário que aqueles que os lêem, quando por

sua vez, vão escrever, evitem a confusão da matéria com o espírito, confusão que os levaria insensivelmente, e ridiculamente, ao anacronismo, ao artifício, à affectação.

Camilo, por exemplo, abusou a tal ponto das formas arcaicas, que Vieira e Bernardes, Lucena e Luís de Sousa, se ressuscitassem para o lerem, achá-lo-iam difícil e talvez nem sempre o entendessem. Quem tenha frequentado esses clássicos, que escreveram há mais de duzentos anos, não pode deixar de observar que a linguagem deles, cheia de simplicidade e limpidez, se aproxima muito mais da fala dos nossos dias, do que muita da prosa camiliana, com os seus três, quatro, ou poucos mais decênios de idade.

Camilo tinha talento, tinha temperamento, tinha facilidade, tinha bom-gosto, doseava bem o arcaísmo com o regionalismo e o modernismo, e assim conseguiu talvez escapar às inconveniências e perigos daquele melindroso jôgo de embutir o antigo no actual. Mas este exercício de tauria não é para todo o fiel marcheteiro que se apresente com o seu saquitol de velhos sinónimos bem recheado, depois de pacientes buscas por elucidários e alfarrábios: e o gosto do termo raro, criando insensivelmente em quem o tem um desgosto progressivo pelo vocábulo que todos usam e entendem, acaba por afastar e alhear o escritor

da sua língua, que é a nossa língua, e acabaria, generalizando-se, por transformar cada estilo num dialecto e por negar e trair a própria função da literatura.

E ver como a obra de Eça de Queiroz, munida de um vocabulário pobre, exalou á sua volta muito mais electricidade literária do que o opulento vernaculismo de Camilo. É ver como os raros discípulos do mestre de S. Miguel de Seide degeneram fácilmente em seus caricaturistas.

Quem quer escrever em portuguez deve ler os melhores escritores portuguezes, deve lê-los muito e sempre. Mas não deve copiá-los, tomando miúda nota das palavras que êles usaram e adoptando-as a torto e a direito, por puro espirito de ferro-velho. Convém decerto repor em circulação todos os termos e modos de dizer que fazem verdadeira falta na língua actual e que existiam na língua de outrora; mas há de fazer-se isto com discreto cuidado e justa medida, sob pena de cairmos na affectação e na puerilidade.

O rebuscamento da expressão, no sentido arcaico ou noutra qualquer, atrai os basbaques, dispostos sempre a mais admirar o que menos entendem. Felizmente para a língua e para a literatura, êste culto da pirotecnia pode transviá-las um momento, mas não dura nem lhês dá as leis. Os foguetes passam e as estrêlas ficam.

*

*

*

Num artigo sôbre a prosa de Bergson diz o Sr. Alberto d'Oliveira, que é um dos nossos mais cristalinos e mais comunicativos prosadores:

«Nas loquazes terras latinas há ainda muita gente que de boa-fé julga depreciar um estilo, ou empobrecê-lo, chamando-lhe *simples*. ¶ E quantos escritores, cedendo ao mau-gosto do público, enfeitam a sua prosa de galas e jóias supérfluas para que ninguém deixe de achá-la rica! A educação do gosto ir-se há fazendo. A chamada *prose artiste*, laboriosa giria para uso e enlêvo de letrados, fêz o seu tempo. A língua escrita e a língua falada caminham uma para a outra. As exhibições de pretenciosa vernaculidade encontram cada vez menos amadores. E isto terá ainda a vantagem de reduzir o número de candidatos à literatura. Escrever é com efeito tanto mais difficil quanto mais fácil parece. Um leitor ingénuo confessava-me um dia não perceber a minha admiração pela prosa de Anatole France—«que afinal de contas (dizia êle) escreve como tôda a gente!». A êste *simples*, e aos seus semelhantes, recomendo que decorem a sentença do grande filósofo e grande artista da palavra escrita que é o Sr. Bergson: *Plus les mots que nous choisirons seront-*

ordinaires, mieux ils traduiront ce que nous pensons — pourou que nous ayons réellement pris la peine de penser.

Aquele *simples*, de quem fala o Sr. Alberto d'Oliveira, não compreendia nem estimava a simplicidade. João de Deus, que era simples de outra maneira, estimou-a, praticou-a nos seus poemas immortais e defendeu-a algures nos seguintes termos, que podem servir de lição aos complicados:

«¿ O que é o verso e a rima? ¿ É uma nova língua? ¿ É uma nova sintaxe?... Não há duas línguas num povo, nem duas sintaxes numa língua. O verdadeiro verso rimado é o que respeita profundamente o tesouro público da língua nos seus elementos e combinações estabelecidas: não vive à custa da ordem, da propriedade, e da clareza devida ao espirito, que está em primeiro lugar; não acrescenta nem tira nada: fala como se costuma falar, diz o que se deve dizer; e, sem a mais pequena diferença da linguagem usual, a sua é compassada e harmónica. Este verso não é moda: funda-se na natureza das cousas, e há-de durar enquanto o homem tiver pernas e ouvidos».

¿ Porque não havemos de ampliar do verso à prosa estes salutareos princípios, que João de Deus praticou sempre fielmente? O que mais nos en-

canta nos seus versos é essa *fácil naturalidade* cujo segredo consiste afinal em que a linguagem do Poeta é aquela mesma que nós ouvimos e falamos correntemente, apenas estilizada com sóbrio gosto pelo talento literário.

Inventar cada um de nós o seu *rolapuk*, desarticular a sintaxe natural, ou servir aos outros um glossário inédito; pôr ao sol, por mero desporto de coveiro às avessas, as velhas múmias que jazem no cemitério dos cronistas e nos códices, para as fazer dançar um fandango anacrónico com as ideas e os factos de agora — tudo isto são jogos pueris que ficariam inofensivos, se a literatura presente não estivesse assim desprezando o seu instrumento legítimo, que é a fala do povo presente, e compondo de tal jeito uma música que pode agradar a alguns ouvidos pervertidos pelo mau gosto de hoje, mas não terá ressonância no futuro.

A frequência inteligente dos bons mestres nacionais é necessária à conservação e defesa da nossa língua. A ressurreição affectada e maníaca das formas e modelos antigos só pode produzir, na literatura como na architectura ou na pintura, empadas gongóricas, mortas e empalhadas. Desfeito, com o rodar dos tempos, o prestigio efémero que lhes vem da moda, essas artificiais obras de arte sumir-se hão no pó inglôriamente, amortalhando os seus autores no esquecimento justiceiro.

O soneto mais popular da língua portuguesa, em Portugal pelo menos, é o que começa *Alma minha gentil* e com efeito pode considerar-se um dos mais belos do nosso mais alto poeta. A Sr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcelos sancionou, com o seu bom-gôsto e a sua erudição literária, a eleição espontânea do vulgo, incluindo esta obra-prima na colecção das *Cem melhores poesias*, editada em Inglaterra. Há quem prefira à *Alma minha* o soneto apologal sôbre a constância de Jacob, e êste é também uma jóia sem senão. Qualquer dos dois exprime o sentimento eterno e universal do amor sublime, contra o qual não prevalecem Tempo e Morte. Na essência é igual ou único o assunto dos dois; e foi em parte a eternidade e universalidade do assunto que assegurou aos dois sonetos a sua consistente aceitação nas nossas almas.

Mas, ¿ o que é a essência sem a forma, em tóda a obra de arte, e muito mais nesta miniatura formal do soneto, tão escrava da regra e da bitola? Para que aqueles versos quadrassem tão bem, a tanta gente e a tantas gerações, como expressão dilecta daqueles sentimentos, é preciso que nas próprias palavras de que êles foram feitos exista e se imponha igualmente, no mais alto grau, a eternidade e a universalidade. Um vocabulário erudito, uma construção rebuscada, uma técnica

de preciosismos e arrebiques, um estilo sujeito ao domínio passageiro da moda e da escola, teriam por força condenado aqueles dois poemas ao esquecimento esmagador onde jazem tantos outros sonetos do próprio Camões e quasi todos os do grande versificador que foi Bocage. O que os fêz e fará boiar para sempre no oceano dos tempos é a sua leveza admirável de forma, a simplicidade corrente do seu vocabulário, a perfeita naturalidade da sua sintaxe. A gente lê-os, relê-os, e acaba sempre por dizer: *! Parecem feitos hoje!*

Qualquer dêles, tirante o ritmo, é escrito quasi em prosa vulgar: não seria preciso deslocar uma única palavra para os transferir à dicção prosaica. E não há em ambos (além da expressão *assento etéreo* para significar o *céu* ou o *paraíso*) um só vocábulo e uma só locução que não possa ser desde logo interpretada e compreendida por qualquer pessoa inculta, e até por qualquer criança dos nossos dias.

Eis aí o segredo, aparentemente fácil, de uma mocidade que já vai em mais de três séculos, e promete continuar...

Foz do Douro, 11 de Outubro de 1919.

A. de C.

MANUEL BERNARDES

Transcrições da «Nova Floresta»,
«Estímulo Prático», «Luz e Calor»,
«Últimos Fins do Homem», «Exer-
cícios Espirituais», etc.

I

JULIANO APÓSTATA

E NCONTRANDO-SE Juliano Apóstata com S. Pigménio, presbítero romano (que era cego e depois padeceu martírio) como quem o saúdava benévolaemente, disse:

— Glória aos Deuses e Deusas imortais, que te cheguei a ver.

Respondeu o santo:

— Glória a meu Senhor Jesus Cristo Nazareno Crucificado, que cheguei a não te ver.

O venerável Beda diz que êste santo criou a Juliano, quando menino, e lhe ensinou as letras sagradas; o qual, desamparando depois com a lei de Cristo tôda a piedade, e sabendo que Pigménio se ocupava em dar sepultura aos mártires, lhe enviou a dizer que se ausentasse, se queria viver; e que esta mercê fazia não à benevolência para com sua pessoa, senão à memória dos seus antigos serviços.

Com efeito, Pigménio passou à Pérsia, onde esteve alguns anos, e caiu em cegueira; mas então recebeu do Céu maior luz, porque em sonhos foi avisado voltasse para Roma. Onde sucedeu que, subindo uma calçada, guiado por um menino, teve o dito encontro com Juliano, o qual, exasperado com a liberdade da reposta, o mandou precipitar da ponte no Tibre, e seu corpo foi achado, e recolhido no cemitério de Ponciano, não longe dos santos mártires Abdon e Senen.

Semelhante impropério levou (1) o mesmo Juliano de Mariz, bispo de Calcedónia, em Bitínia, já ancião, e que necessitava de um moço que o guiasse, por ter quasi perdida a vista.

Êste, sabendo que o imperador sacrificava a uma estátua da deusa Fortuna, inflamando-se em zêlo da honra de Cristo, lhe chamou apóstata da fé e desprezador de Deus. E o miserável não teve que responder, senão chamar-lhe cego e blasfemar de Cristo, dizendo que o seu Galileu não era poderoso para lhe dar vista. Porê m Mariz lhe tornou:

(1) = ouviu, recebeu.

— Muitas graças dou a meu Senhor Jesus Cristo, que me tirou a vista, para não ver cara tão desavergonhada.

*

*

*

Dêste maldito Juliano darei alguma notícia sumária, que baste a informar o leitor de que é um dos mais grossos trasfogueiros (1), que arde e arderá eternamente nas fomalhas do Inferno.

Foi filho de Constâncio, irmão, por parte de pai, de Constantino Magno. Sucedeu a outro Constâncio, seu primo, filho do dito Constantino, do qual foi o avêssio totalmente; porque, se o tio se converteu do paganismo à religião católica, o sobrinho se tornou da religião católica para o paganismo. Se o tio mandou destruir os templos dos ídolos e edificar igrejas ao verdadeiro Deus, o sobrinho mandou derrubar as igrejas e reedificar os templos dos ídolos, à custa dos mesmos que os tinham arruinado. Se o tio foi grande

(1) *Trasfogueiro* é o pau de lenha a que se encostam os outros paus para acender o fogo, correndo por baixo o ar livre.

honrador dos sacerdotes e estado eclesiástico, o sobrinho os desprezou, vexou e perseguiu quanto pôde, não tanto por tiranias manifestas, quanto por ocultas fraudulências. Porque, havendo-lhe ensinado a experiência que o sangue dos mártires era para a cristandade o que a chuva oportuna para os campos, se portava menos furioso, porém mais perverso que os Maximinos e Dioclecianos.

Libânio Siro (1), sofista gentio, e Máximo, filósofo efésio, lhe pegaram o contágio do gentilismo e lhe ensinaram artes diabólicas; e, ainda que ao princípio as dissimulava, tanto que se viu confirmado no Império, renegou da fé católica e profissão monástica, que em outro tempo tivera, invocando os demónios com cerimónias públicas e derramamento de sangue humano em sacrificios, e se entregou às idolatrias dos Gregos.

E este sangue dos sacrificios mandou em outro tempo lançar nas fontes em Antióquia e fazer aspersões com elle sôbre as cousas comestíveis que se vendiam publicamente, para que o povo cristão por força partici-

(1)=natural da Síria.

passse dêle. Roubava as igrejas, para enriquecer os templos dos ídolos. E até os ossos do profeta Eliseu e do mais que profeta S. João Baptista, que estavam na cidade de Sebaste em Samaria, desenterrou e queimou; e as cinzas, misturadas com terra, espalhou pelos campos.

Deu favor e grandes ajudas de custo aos Judeus, para reedificarem o templo em Jerusalêm, só pelo que lhe agradava nêles o ódio dos cristãos; e assim começaram esta emprêsa com tal alvorôço e ufania, que levaram, para cavar os alicerces, enxadas de prata; se bem que destas diligências e despesas não colheram mais fruto que exaltação maior do nome e glória de Cristo, e complemento do que êste Senhor tinha pronunciado: que não ficaria daqueles magníficos edificios pedra sôbre pedra. Porque, sobrevindo um grande terremoto, até as primeiras que jaziam nos fundamentos saltaram fora, com notável dano dos que encontraram diante.

Levantou o destêrro aos hispos católicos, que seu antecessor Constantino tinha ablegado, só a fim de os revolver (1) com os hispos herejes, que estavam intrusos nas

(1) = indispor.

suas Igrejas, e dêsse modo gerar, como gerou, inumeráveis inquietações e escândalos na cristandade.

Vendo que as letras eram um grande presidio (1) para sustentar a verdade evangélica e convencer os erros contrários, mandou que nenhum cristão estudasse nem tivesse ádito a lugar algum de govêrno ou dignidade.

Finalmente, por dizermos tudo em uma só palavra, era nigromântico, que tratava familiarmente com os demónios. ¿Que malícia e crueldades lhe não aconselhariam, achando-o dedicado totalmente a seu serviço?

Com razão S. Gregório Nazianzeno (que vendo em Atenas êste monstro, antes de crescer, logo o marcou por Apóstata) lhe chamou outro Herodes na perseguição da inocência, outro Judas na traição e aleivosia, outro Pilatos no Cristicídio, e outro Povo Judaico no ódio da Igreja.

Havendo imperado dois ou três anos (Eutrópio diz que sete), morreu desastradamente na guerra contra os Persas, atravessado de uma seta, ou lança, que lhe pregou o braço com ailharga. É fama que o arco donde

(1) — fôrça, auxilio, defesa.

saíu êste felicíssimo tiro foram as mãos de Santo Artêmio e S. Mercúrio, mártires, como atrás deixamos escrito.

Foram achados muitos corpos de homens mortos nos fundos dos poços, e em outros lugares secretos, em que êste monstro infernal fazia os seus agouros; e em um templo, aonde tinha deixado guardas até que voltasse da guerra, aberto depois, foi achada uma miserável mulher, pendurada pelos cabelos, o corpo nu e aberto, em cujas entranhas tinha supersticiosamente conjecturado os sucessos da sua jornada.

Para morrer como fino hipócrita e rematado em ambição luciferina, ordenou a uns seus amigos que sumissem seu corpo no fundo de um rio, para que se entendesse haver desaparecido, e o reputassem por deus, como succedeu com Rómulo, Nembrot e Empedocles; e como também Alexandre Magno (cuja alma cuidava êle que era a sua mesma) intentou por êste fim lançar-se no Eufrates.

Do referido se mostra se tinha razão S. Pigmênio, de estimar a sua cegueira, só por não ver a êste demónio humano, ou homem diabólico.

(*Nova Floresta*, «Heresia, etc.»)

II

A SOBERBA E A MORTE

(O Gran Lama)

HAVENDO Alexandre Magno preguntado a uns filósofos de grande nome várias questões, e ouvido com satisfação e agrado suas discretas repostas, quis premiá-las, e lhes mandou pedissem o que quisessem.

— Pedimos, disseram êles, que nos faças imortais.

— Agora, replicou Alexandre, perco o bom conceito que de vossa sabedoria tinha formado, porque ¿ como posso eu dar o que não tenho ?

Inferiram os filósofos:

— Logo, ¿ mortal és tu?

— Não o nego, disse o imperador.

— Pois, se és mortal (tornaram êles), ¿ para que vives como imortal, conquistando o mundo, affectando seres adorados e seguindo teus antojos e appetites?

Muitos Alexandres houve sempre, cada qual ansioso e ocupado em conquista do seu mundinho; uns quanto às honras, outros quanto aos gostos, outros quanto às riquezas; e todos esquecidos da morte, porque, se entrara êste desengano, desapareceram aqueles apetites.

A imortalidade da alma muitos impiamente negaram, como foram os hereses arábicos e os thnetopsiquitas (1), e mais modernamente um Hermano Rissuic, holandês, e os deístas, ou novos arianos, que no ano de 1564 romperam em Polóuia.

Porêm a mortalidade do corpo não será fácil encontrar nas histórias quem se atrevesse a negá-la, porque ao redor de nós e dentro em nós temos continuamente o contrario desengano; e, ainda que alguns affectaram parecer deuses, sempre o seu coração os desmentia. E, por muito que alguns reis e imperadores bárbaros se glóriassem de intitular-se com apelidos e elogios soberbíssimos, não sei que ousassem de tomar entre êles o de immortal.

(1) = thnetopsychistas (do grego *thnetos*, mortal, e *psyke*, alma): membros da seita que afirmava ser a alma mortal.

Seja exemplo um Sapor, rei da Pérsia, que, escrevendo ao imperador Constantino, começou assim a carta: «O rei de reis Sapor, participante das estrêlas, irmão do sol e da lua, a Constantino, meu irmão, saúde, etc.».

E um rei de Bisnaga, na Ásia, o qual se intitulava «espôso da boa fortuna, deus das grandes províncias, rei dos reis potentíssimos, senhor de tôdas as cavalaria, mestre e doutor dos que não sabem falar, imperador de três imperadores, conquistador de tudo o que vê, e conservador de tudo o conquistado, de quem as oito partes do mundo teem mêdo, cavaleiro que não tem par, destroçador de quaisquer fortíssimos, caçador de elefantes, senhor do Oriente, do Austro, e Setentrião, e Ocidente, e de todo o mar, etc.».

Eis aqui como entre tanta variedade de flamantes plumas e folhagens não puseram estes nomens no paquife (1) do seu elmo o titulo de immortal, ou isento do senhorio da morte. Pois por certo que não ficou à mingueta de soberba, nem de desejo dèste nunca

(1) = folhagens, plumagens que saem do elmo dos brasões heráldicos.

visto e sempre apeteccido privilégio ; mas o coração não podia arribar a crer e esperar contra o que o perpétuo fluxo de tôdas as cousas transitórias lhe estava protestando.

*

*

*

Uma notícia mui rara neste particular nos deram os padres Alberto Dorville e João Grubero, da Companhia de Jesus, os quais, voltando da China para Europa no ano de 1661, passaram pelo reino de Tanchut, que é um dos do Preste João. E viram como há naquele império dois reis, um que administra todo o temporal, outro que faz figura como de sumo pontífice, a que chamam o *deus pai*, ou *celeste*, e comumente o *Gran-Lama*.

Êste, em tôda a Tartária e nos reinos convizinhos, tem tal veneração, que qualquer rei, e ainda o mesmo imperador, não pode coroar-se nem exercer seu officio, sem primeiro mandar-lhe especiais embaixadores, a pedir-lhe a investidura, ou inauguração, com presentes preciosísimos.

Vive sempre nos deliciosos retiros do seu palácio, e mui a raras pessoas se mostra.

por favor grande, em uma riquíssima tribuna, rodeada de lâmpadas, sentado, como mulher, sôbre um coxim preciosíssimo, e recebe em tudo culto e ritos e cerimónias como divindade. E a tão alto grau de estima subiu a sua veneração (pondere-se a ilusão do nosso inimigo comum, com que sempre procura fazer contumélia à natureza humana) que até os seus excrementos se entende e crê que servem contra todo o género de enfermidades; e, por conseguinte, os aplicam, misturados em todos os medicamentos; e não se envergonham, antes se gloriam, de os trazer em bocetinhas de prata e ouro, pendentas ao pescoço, como certíssimo amuleto contra todo o mau successo.

Mas, porque a Morte com a sua irreverente gadanha não deite abaixo tôda esta falsa tramóia de divindade, tanto que o Gran-Lama morre, os seus familiares, que vivem grossamente das gages (1) dêste embelêco (2), teem já preparado outro homem que se pareça com êle, e o substituem no

(1) = gages: espórtulas, lucros.

(2) = embuste.

seu trono, afirmando ser o mesmo, porém ressuscitado: de sorte que o que reinava no tempo que os ditos padres ali se acharam era já ressuscitado sete vezes. Nem se atreve pessoa alguma a suspeitar nisto falsidade, sob pena de apostasia da sua fé.

E temos um homem, senão imortal simplesmente, ao menos redivivo a fôro de fénix, ou que traz a immortalidade em prazo de muitas vidas, quantas a malícia e cegueira daquelas gentes quiser, uma e outra efeitos do demónio, que as domina e de-
menta.

(*Nova Floresta*, «Apelites»).

O ALQUIMISTA

UM caso peregrino, em que se mostra o ardil com que estes embusteiros encravam os que crêem nêles, refere Gomes à Medis, e dêle Martin Del-Rio, cuja substância é a seguinte:

Nos anos passados vivia em Paris um escolar, homem de meia idade, mui versado nas sciências, e particularmente na química (que, não obstante o embaraço dos seus negócios, folgava de exercitar occultamente), e o seu engenho era astutissimo para fingir, a sua lãbia mui apta para persuadir.

Neste tempo, em que havia guerras entre o imperador Carlos V e el-rei Francisco de França, a quem era mui aceito, se passou por causa de seus negócios a Lovaina, e depois deu consigo em Antuérpia, onde se meteu com quatro mercadores ricos espanhóis, porque sabia a língua destramente. E, vindo-se um dia a falar dos empregos de

cada um e dos avanços, perigos e quebras dos cabedais, êle, sorrindo-se falsamente disse :

— Vós outros mesmos tendes a culpa, pois não quereis tomar pelo caminho mais breve, mais seguro e mais lucroso.

— ¿ Que caminho é êsse ? perguntaram os mercadores.

— ¿ Porventura (respondeu o embusteiro) não é bom o trato em que, sem pôr o meu pé fora de casa, nem uma só tábua sôbre o mar, peço sem dúvida alguma, a olhos vistos, avanços cento por cento ?

— Que trato é êsse ? (replicaram os mercadores). Vós estais zombando.

— Não zombo (acudiu êste, fingindo-se meio colérico para abonar o sizo com que falava) e pouco disse, em os avanços, eram de cento por cento (1); pois, se o engenho se applica, bem pode dar duzentos ou trezentos por cento.

Homem (dizem êles, mui atiçados do de-

(1) Esta construção é insólita e difficil de aceitar como da responsabilidade de Bernardes. ¿ Terá havido na impressão da 1.^a edição um salto tipográfico, que suprimiu a conjunção *que* em seguida a *em* ? ¿ Ou deverá ler-se *serem* em vez de

sejo de ter), declarai-nos êsse segrêdo, por vossa vida.

Respondeu, levando-os pouco e pouco ao princípio, que pretendia.

— Dai-me, vós outros, palavra de o não comunicar a pessoa viva.

— Sim, damos; ¿ que segrêdo é êsse ?

— Então, como quem descobre a misteriosa cortina de Apolo Dêlfico :

— É (disse) a celebrada, mas igualmente perseguida arte aurifactoria. E não quero esperar a que me argumenteis, nem oponhais dúvidas. De uma vez fecho a porta a tôdas, remetendo-me à experiênciã que me ofereço fazer diante de vossos olhos, cada vez que quiserdes; e, conforme as quantidades que me derdes para meter no fogo, assim vereis proporcionada a multiplicação delas.

Já os mercadores estavam encravados no engano, nem lhes ocorria dúvida alguma fundamental que perdesse a oferta tão ingênua.

eram ? Seja como fôr, mantêm-se aqui exactamente a pontuação do texto, para que o leitor julgue e resolva, se puder, a dificuldade. A única alteração feita consistiu em substituir por *eram* a grafia *erão* da primeira edição.

patente e desinteressada. Ajuntaram logo entre si quinze dobrões, que foram os que êle disse que bastavam para a primeira mostra. O qual chamou logo um criado de um dos mesmos mercadores, e, metendo-lhe na mão dois reales, disse, mui esperto :

— Vai ali a qualquer boticário, e pede a pedra *Onastro*, e, se não houver trôco, deixa todos os dois reales, por não esperarmos mais, e traze de pressa.

E já o criado estava na porta, quando tornou a chamá-lo, dizendo :

— ¿Ouves tu? Vai direito à botica defronte da porta da Sé, que ontem vi vender aí destas pedras, melhores que em qualquer parte.

E é de saber que o embusteiro tinha de antemão vazado a quantidade de ouro que determinava fundir com os quinze dobrões, e feito dela uma massa em forma de pedra, pintada fortemente com tintas pegadas com fogo, a qual entregou ao boticário, concertando com êle bem pago, como determinava mandá-la buscar, e que não duvidasse vendê-la barata, porque assim convinha. E até o nome da pedra malicio (1) eu que continha irrisão dissimulada, porque *Onos* em

(1) maliciar == suspeitar, interpretar a mal.

grego quer dizer *asno*, e a partícula *Aster* entre os latinos bem se sabe que é aumentativa para a parte deterior (1), como se vê em *Oleaster* de *Olea*, *Mentaster* de *Menta*, etc., com que a pedra *Onastro* vinha a ser o mesmo que a pedra *Asneirão*.

Trouxe, pois, o criado a dita pedra, que por êle estava esperando; fecham-se todos na oficina do alquimista mais retirada. Começa êle a lavar a pedra; e os mercadores, pegando dela, ora um ora outro, todos se admiravam. Este dizia:

— ¡ Como é pesada para tão pequena!

Aquele:

— ¡ Como é lustrosa, e com galantes veias!

Outro respondia:

— O que lhe eu gabo mais é custar tão barata; mas é que lhe não conhecem as propriedades.

Entretanto a fornalha já estava acesa, e os vasos e os instrumentos preparados. O alquimista, mui destro e ágil, punha e dispunha aqui e acolá as cousas necessárias, que tôdas vinham a ser supérfluas. Pega logo dos quinze dobrões, que eram a raiz quadra

(1) = pejorativa, depreciadora.

da multiplicação prometida; começa-os a morder; mete-os debaixo do martelo, murmurando, a trechos, certas palavras, quando os ia espalmando; lança-os a fundir, juntamente com a pedra «Asneirão».

Os olhos de todos estavam lá na obra, não só postos, mas como pregados uniformemente. Separou o fogo as tintas da pedra e tudo o mais que se tinha misturado; e, finalmente, saíu de ouro a quantidade verdadeira, que se tinha lançado; mas, ao parecer dos mercadores, tresdobrada.

Mandou logo o alquimista que dois dêles fôsem examiná-la ao contraste; e, achando-se ser ouro sem liga alguma, e de tôda a conta, voltaram contentíssimos; e, dando aos outros as novas, tal foi a exultação de todos que parecia não caberem em si de gozo. Assim, às portas fechadas, se juramentaram logo de não revelar o mistério da pedra «Asneirão» a pessoa viva.

Seguiu-se o dar as graças ao alquimista por tão sinalado benefício, e o repartir com êle do ouro que saíra, e o rogar-lhe repetisse a experiência em qualquer dos seguintes dias, entrando cada um com mil moedas e oferecendo entrar com mais no terceiro lanço. Com efeito, veio à sua mão a dita quantidade, pe-

dindo êle demora só de um dia, para prevenir maiores vasos.

E naquela noite montou em cavalos à ligeira para França, levando as quatro mil moedas; e pela manhã não acharam os mercadores mais que os troços e destroços da oficina, cova daquele melhor Caco, e nas suas bôlsas os que causara não tanto a pedra *Onastro*, quanto a sua credulidade néscia e cobiça desmoderada.

(*Nova Floresta*, «Dádivas, etc.»)

IV

HENRIQUE III EMPENHA O GABÃO PARA CEAR

A EL-REI D. Filipe de Castela, por antonomásia o Prudente, disse Morata (que era um seu gracioso):

— ¿Porque não dais a quantos vos pedem, e se queixam?

Respondeu:

— Se dera a quantos me pedem, brevemente pedira eu...

Aqui se mostra a condição limitada e miserável das maiores grandezas e estados do mundo. Porque os monarcas de Espanha vencem, na opulência e âmbitos vastíssimos de seu domínio, a todos os mais da cristandade; e das veias dêste grande corpo recebem muito sangue os outros reinos.

E, não obstante esta opulência, diz êste prudente rei que se der a todos quantos lhe pedem, brevemente pedirá êle...

Mas não é este o maior encarecimento da pobreza humana, senão que, ainda que os reis não dêem a todos, muitas vezes, com efeito, chegam a pedir. Pedem tributos, pedem donativos, pedem empréstimos, pedem pensões nos bispados, pedem a prata das Igrejas, pedem subsídio à Sé Apostólica por via das indulgências; e, se umas vezes pode deixar de ser assim, outras não pode. A tanto chegou já a necessidade em um rei de Espanha (por não sairmos do mesmo distrito) que, para cear, mandou empenhar o seu gabão, suposto que, se o empenhou como pobre, soube desempenhá-lo como rei. Refiro o caso, por ser memorável — ainda que sumariamente:

El-rei D. Henrique III, de Castela, vindo uma tarde da caça com a fome que este exercício costuma fazer, não achou ceia; e o comprador (1), preguntado pela causa desta falta, disse que já não havia quem tivesse dêle mais quantidades, em razão dos empenhos (2) atrasados.

(1) — o funcionário encarregado dos compras para a mesa régia.

(2) = dívidas.

O rei, já incrédulo, já irado e, finalmente, resoluto, despiu o gabão e o mandou empenhar por um pouco de carneiro, que, junto com umas aves que trouxera do monte, serviu para se lhe pôr a mesa. Enquanto comia, ouviu que alguns criados murmuravam entre si, dizendo:

— Que é como se sofria tal caso em um rei, no mesmo tempo que os grandes se banquetevam uns a outros tôdas as noites, como era público na cidade, e que naquela noite cabia o turno ao arcebispo de Toledo?

Acabando, pois, el-rei de cear, safu disfarçado e entrou ocultamente, misturado com a mais turba, em casa do arcebispo: onde viu os aparatos, grandeza e abundância do convite, e que, por postre dêle, se puseram os convidados a conversar jactanciosamente sobre as rendas da coroa, que cada um lograva.

Recolheu-se a palácio com maior enfado do que saíra; e mandou logo alojar em uns pátios interiores um têrço (1) de seiscentos homens armados; e de manhã recado àquelles senhores, que importava conferir logo com êles matéria de importância, porquanto lhe sobreviera um acidente e queria fazer

(1) = porção de soldados.

testamento; e juntamente deu ordem para que se juntassem em certa sala, excluídas tôdas as pessoas da sua comitiva.

Como estiveram juntos, e já enfadados de esperar (sem saber para quê), abriu-se a porta, correu-se a cortina e saíu o rei com aspecto terrível, a espada nua na mão e o outro braço arrodelado (1) com o gabão, que desempenhara. Sentou-se e, estando todos suspensos e temerosos, sem saber onde se encaminhavam preparações tão funestas e estrondosas, foi perguntando a cada um de per si quantos reis de Castela conhecera.

Uns disseram que três, outros que quatro, e os que mais disseram que cinco.

— ¿ Como pode isso ser, replicou o rei, se, sendo eu mais moço que vós todos, conheço mais de vinte ?

— Não entendemos o que V. Alteza quer dizer nisso, disseram êles.

— Pois eu me explicarei, tornou êle. Vós outros sois os reis, e eu não, porque as rendas da coroa são vossas, para banqueteardes cada noite, e eu ceei ontem do que se fiou sôbre êste gabão; mas eu saberei pôr-lhe remédio, e bem eficaz, e logo, logo.

(1) = escudado.

Aqui, levantando a voz, bradou:

— ¡ Oh lá, oh lá, gente da minha guarda !

Acudiram a ponto os soldados, tomando as portas; e na dianteira vinha um algoz, com cepo, cutelo e cordas, que deixou cair no meio da sala, e começou a fazer acção de preparar-se para fazer seu ofício. Deram-se os réus por perdidos, porque o furor de um rei moço, e com armas, agravado e resolutivo, faz tremer os corações mais alentados. Então o arcebispo se lhe lançou aos pés, pedindo, em nome de todos, perdão, e as vidas, de mercê; e que, no tocante às fazendas, cortasse por onde lhe parecesse.

Aplacado o rei, disse que perdoava, com tal que, antes de saírem de palácio, haviam de dar conta de tôdas as suas rendas e estados e dos títulos com que os possuíam desde que êle tomara posse da coroa. Assim se fêz, e estiveram reteúdos por dois meses, em que as ditas contas se ajustaram; e foram entregues a el-rei muitos castelos que os tutores haviam alheado em tempo de sua menoridade, e, além disso, cento e cinqüenta contos de maravedis, que, naquele tempo, era soma mui considerável.

(*Nova Floresta*, «Dádivas, etc»).

D. JAIME DE BRAGANÇA E O POBRE

EL-REI D. Fernando o Católico, vindo a Sevilha, mandou prender ao Duque del Infantazgo, por cousas que dêle lhe delataram. Porém, temendo alguma revolta ou levantamento, o soltou. Depois, estando com êle, lhe perguntou :

— ¿Como se fizera tão bem-quisto com a nobreza e povo?

Respondeu, pondo a mão no chapéu e na hólta :

— *Con este y con esta.*

Era o mesmo que dizer: sendo cortês e liberal; dando aos que tratava honra e proveito, que são as duas asas com que remonta os seus vôos e forma os seus giros a altenaria (1) do coração humano. Todo o

(1) = altaneria ou altanaria : caçada que se faz com aves de rapina ensinadas, as quais, remontando-se no ar, veem cair sôbre a presa.

cavalheiro que tem a mão encolhida para se descobrir e para dar, avarento é consigo mesmo, pois mais é o que assim perde do que o que poupa. Ninguém é mais honrado que o que é mais honrador, nem mais abundante que o que é mais dadivoso, porque em um e outro caso corre a máxima evangélica: *Dai, e dar-vos-hão*; e, da medida que usardes com os outros, usarão êles convosco. Tanto que a pessoa regateia muito ou dispensa por indivisíveis os termos da urbanidade, está publicando que confia pouco da sua autoridade ou fidalguia e que receia que, sendo tão singela, se gaste ou rompa fácilmente.

Com esta mesma arte de cortês e liberal ganhou o coração de todos D. Jaime (ou Gemes), IV Duque de Bragança. Quanto suas afabilidades o comediam com todos, tanto seus beneficios o singularizavam sôbre todos. Como sua Casa era rial, tinha honra de casa a montes (1); e assim não receava que se gastasse. De sua liberalidade pia contarei os seguintes dois casos breves, que achei em uns antigos manuscritos, que apontava um curioso daquele tempo.

(1) = em abundância.

Estando fora de Vila-Viçosa, côrte sua, escreveu ao seu esmoler: — Que, sendo já passados dois meses de ausente, e havendo-lhe deixado só seiscentos mil réis para esmolas, se admirava de lhe não ter mandado pedir mais.

Outra vez, recolhendo-se, já perto da noite, do campo de Veiros, onde tinha andado à caça, ouviu gemer um homem ao pé de uma árvore; e, mandando que lho trouxessem à sua presença, lhe perguntou quem era e porque gemia.

— Sou (disse êle) um homem pobre que vivo nestes campos, e vinha esperar o duque, porque me disseram que era fácil em socorrer os necessitados.

— Aparai (1) o chapéu, disse logo o duque; e tirou uma bôlsa grande, que trazia pendente na cinta para semelhantes ocasiões; e, lançando-lhe dentro uma mancheia de dinheiro, perguntou:

— ¿Quereis mais ?

Calou o pobre; e o duque lançou segunda mancheia de dinheiro, tornando a perguntar:

— ¿Quereis mais ?

(1) = preparai para aparar ou receber

Tornou o pobre a calar-se, e vasou o duque a bolsa, mas não o coração da vontade de dar. E repetiu a pergunta :

— ¿ Quereis mais ?

E, ouvindo a mesma reposta, que era não responder, chamou um criado, que lhe costumava trazer estes socorros, e foi lançando até que ia enchendo a copa do chapéu. E então o pobre, mais por vergonha que por vontade (ao que se deixa entender), disse :

— Basta, não quero mais.

E o duque, sorrindo-se, disse :

— Graças sejam dadas a Deus, que vos fartei de dinheiro.

E mandou, a outro criado de cavalo, que o levasse seguro a Veiros, por ser já de noite. Êste foi o cogulo da medida, que o pobre não advertia ser-lhe necessário, porque lhe não succedesse perder de uma vez em algumas mãos roubadoras o que adquirira por tantas, de outras mãos liberais.

(*Nova Floresta*, «Cortesia, etc.»).

VI

EREMITAS. ANACORETAS E CENOBITAS

MONGES inclusos eram os que se entaipavam em uma celinha, sepultando-se vivos, para poderem reinar mortos. Assim encerrou Pafúncio por espaço de três anos a S.^{ta} Tais, a pecadora, dando-lhe por matéria da sua meditação esta só palavra :

— Tu, que me criaste, tem de mim misericórdia :

Qui plasmasti me, miserere mei.

Alguns se prendiam com cadeias, tendo só por seu aquele espaço de terra que elas lhe davam licença, para confundir no dia do Juízo os Neros, que lhes pareciam curtas as galerias e pórticos de légua, e os Alexandres, que abafavam em um só mundo.

Houve muitos santos neste aspérrimo instituto e modo de vida morta. Em Santo

Estêvão Auxenciano, que morreu mártir por defender a adoração das sagradas imagens, foi esta reclusão tão estreita e continuada que (segundo refere S. João Damasceno) não podia desdobrar-se para andar, porque o costume de estar encolhido lhe baldara o movimento dos joelhos para baixo, com que os soldados que vieram prendê-lo foram juntamente bêstas de carga que o levaram.

Lavra distingue-se de mosteiro, em que este é um só edificio continente, onde juntos os religiosos vivem vida comum. Porém «lavra» consta de celas separadas, dentro de um só muro, e seus habitantes costumam ajuntar-se sómente em certos dias para as conferências espirituais, ou capítulos, ou para receberem a comunhão sagrada; e assim o erudito padre Francisco Bivário distingue três gêneros de vida regular, a saber: a Eremita, que era estar cada um de per si no deserto, sem comunicação com outro, suposto que com obediência a algum superior; a Cenobita, que era viverem todos juntos; e a Laurética, ou Anacorética, que era uma discreta mediania entre ambas, porque de tal sorte estavam separados que podiam também estar juntos. E isto mesmo

significa na etimologia grecânica (1) o nome «Lavra», que quer dizer Lugar ou Aldeia, como traz Macro no *Dicionário Sagrado*, reprovando outra significação de Quarésmio, que tem para si que as Lavras se distinguem dos Mosteiros em ser conventos de comunidade mui numerosa.

Costumavam ensinar-se primeiro no mosteiro as regras da vida espiritual, e dos que ali provavam bem passavam para a Lavra, e da Lavra os que tinham espírito forte para lutar só por só com o demónio, havida licença, se retiravam para o Ermo. Houve Lavra, antigamente, de mil monges.

Em Portugal temos duas famosas: uma em Bussaco, outra na Arrábida; com esta diferença: que na Arrábida se ajuntam aos actos de comunidade cada dia, porque não tem mais que uma igreja, côro, capítulo, refeitório e pãdaria; e em Bussaco, como tem cada um o preciso para a sua vivenda, permanecem separados quanto lhes dura a licença, a qual acabada, sobem a encorporar-se com

(1) *Grecinico* significa não propriamente *grego*, mas *relacionado com a Grécia*, por origem, semelhança ou imitação. Aqui tomou-se como sinónimo de *grego*.

os mais cenobitas que estão na eminência da serra.

O diabo, como é mona que procura remedar as obras de Deus, também edificou as suas Lavras, e tal parece ser uma, já desbaratada, que se vê na ilha de Salsete. Assoberba ali as nuvens uma montanha, ou penha altíssima, pela qual ao redor em forma de caracol vão subindo três mil celinhas, cada uma com sua cisterna, tudo cavado na pedra viva. Por dentro da montanha atravessa um caminho oculto, furado na mesma pedra à fôrça de picão, com semelhantes celas colaterais, por espaço tão dilatado que dizem chega até Cambaia, com que é preciso que passe por baixo daquele mar.

O padre Frei António do Pôrto, religioso franciscano, resoluto a inquirir e explorar êste secreto (1), se preveniu de gente, mantimentos, luzes e novelos de cordel. Prendeu uma ponta dêle na bôca da gruta e largando fio, caminhou sete dias, suposto que tudo era uma contínua noite (mas levaria também instrumento de medi-los); não aelando fim, e estando perto de o ter o

(1) = **segrêdo**.

mantimento, desandou pelo mesmo fio quanto tinha caminhado, que seria, a seu parecer, cinquenta léguas, e se saiu admirado, mas não satisfeito. Os gentios dizem ser obra de Bimilamanca, rei naquelas partes, com antiguidade de mil e trezentos anos.

(*Nova Floresta*, «Fortaleza e Valor»).

VII

FUTILIDADE E GONGORISMO

ORANDO uma vez Demóstenes em Atenas sôbre matérias de importância, e advertindo que o auditório estava pouco atento, introduziu com destreza o conto ou fábula de um caminhante que alquilara um jumento e, para se defender no descampado da fôrça da calma, se assentara à sombra dèle, e o almocreve o demandara por maior paga, alegando que lhe alugara a bèsta, mas não a sombra dela.

Estavam os atenienses neste passo mui applicados, desejando saber a sentença com que se decidira aquele pleito. Porém Demóstenes no mesmo tempo se desceu da cadeira, dizendo :

— ¡Ó pejo! Ó miséria grande! ¡Folgais de ouvir da sombra do jumento; e não folgais de ouvir do estado e bem público da Grécia!

Os atenienses eram sumamente affectos à curiosidade de ouvir cousas novas (testifica dêles S. Lucas, nos Actos dos Apóstolos). E Plutarco, que alcançou o tempo de S. Lucas e S. Paulo, imperando Domiciano, diz que eram tão amigos de comédias, por serem oficinas de novidades, que gastavam nelas o que fôra bom gastar nas armadas e exércitos; e traz o gracioso caso de um barbeiro que, ouvindo dizer a um seu escravo de uma batalha que os atenienses tinham perdido em Sicília, com geral mortandade sua, saíu logo pela porta fora, a dar a triste nova em público. Com que, amotinado todo o povo, (porque apenas havia quem não tivesse no exército filho, ou pai, ou marido, ou irmão) quiseram averiguar a origem e fundamento de tão funesta fama.

E, não aparecendo senão o dito barbeiro, que não podia descarregar-se com testemunhas abonadas, investiram a êle e, depois de cheio de pancadas e opróbrios, o amarraram a um pau, para ser baliza dos escárnios públicos, pois fôra alvorotador falso da paz pública. Mas, sobrevindo alguns que escaparam da batalha, verificaram a desgraça, e cada um se recolheu a carpir-se em sua casa, e a ninguém lembrou soltar o miserá-

vel barbeiro. Até que, já tarde, chegou um beleguim, a desatá-lo; e estava êle já tão emendado do seu vício de saber novidades, que perguntou ao mesmo beleguim se sabiam já também de que modo morrera Nícias, general do exército.

Pior lhe succedeu a um cavalheiro florentino, que mandou a um criado que nunca viesse para casa sem lhe trazer novas de um seu inimigo. O criado, achando ocasião, matou ao tal inimigo, e foi muito contente referir estas novas a seu amo. Foi êste preso e sentenciado como réu de homicídio, porquanto a sua ordem equivalia a mandato, nas circunstâncias do caso. Estes frutos lhe rendeu a sua novidade.

Êste vício da curiosidade e afeição a cousas novas passa também aos trajés, aos edificios, aos comeres, aos estilos, às leis e até às mesmas palavras. Porque não faltam noveleiros que querem emendar ou ilustrar o idioma comum, introduzindo palavras exóticas e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo na verdade mais ridículos.

Dionísio Sículo, sofista, affectava explicar-se por êste modo: Ás donzelas cha-

mava *menandros*, isto é: que esperam por varão; à coluna *menécrates*, isto é: que sustenta o pêso firmemente; e aos esconderijos e buracos dos ratos chamava-lhes *mistérios*, porque os occultam e defendem.

Alexarco, irmão de Cassandro, rei de Macedónia, chamava ao galo Ortoboas; ao barbeiro Brotoceres; à dracma, que é um dinheiro pequeno de prata, Argirides. Pela mesma toada, Demades não dizia os manebos, senão *a primavera do povo*; nem dizia muralhas, senão *o vestido da cidade*; nem dizia trombeteiro, senão *o galo do exército*.

Os espíritos que não mortificam em si êste génio de curiosidade e afeição a novidades, perdem nisso mais do que porventura lhes parece, porque se fazem incapazes de cousas sérias; e como sempre andam nadando sôbre a cortiça da vaidade, nunca descem ao fundo da verdade, antes esta se lhes representa cousa tão cheia de tédio, tristeza e trabalho, que sempre diferem o tratar dela para outro dia.

(*Nora Floresta*, «Curiosidade»).

VIII

A VIRTUDE DO SILÊNCIO

A VIRTUDE do silêncio é cara, porém preciosa ; difficil, porém necessária. Diz a Escritura que o vaso que não tiver tampa, ou cobertura, será imundo. E que tal é o homem que não pode conter as suas palavras, qual a cidade sem muralhas, exposta à invasão dos seus inimigos.

Não sei que infeliz consequência tem isto de sair a palavra, com isto de entrar o peccado: que logo no principio do mundo o peccado não entrou por outra parte, senão pelo falar. Subiu a morte pelas janelas, disse o profeta Jeremias. ¿ Sabeis que janelas eram estas? A bôca da nossa mãe Eva, pondo-se à fala com a Serpente.

Ó alma minha: se os homens viram um incêndio tão disformemente vasto e dilatado, que enchia a redondeza da terra, e penetrando os mesmos Céus os assolava, ¿ que assombro occuparia seus entendimentos na

ponderação de calamidade tanta, e de qual seria o infelicíssimo princípio dela? Pois este incêndio é o do pecado, e seu princípio esteve em duas faíscas da língua :

Da língua de Lúcifer saltou uma faísca ao Céu e abrasou a têrça parte daquele altíssimo arvoredó espirital das criaturas angélicas. Daqui pegou na terra, porque a sopros do mesmo espirito maligno saltou da língua de Eva outra faísca, e abrasou tôda a espêssa mata do género humano; e até o fim do mundo estarão seus estragos fumegando.

Santo Agostinho, falando dos anciãos na idade, porém verdes ainda nos costumes, diz assim : «Deve vigiar-se o homem de duas partezinhas que na sua carne nunca envelhecem e tôdas as mais levam consigo a rastros para o pecado. São estas o coração e a língua. O coração é incansável engenheiro de novos pensamentos; e a língua official expedito para copiar as invenções do coração.

S. Basílio dá à língua o afrontoso nome de mulher terceira, que negocia o adultério da alma com o pecado; e diz do vício da língua que é de todos o mais pronto e o mais multiplicado: verdadeiramente multi-

plicado em blasfêmias, maldições, detracções, testemunhos falsos, juramentos sem verdade ou sem necessidade, mexericos, murmurações, lisonjas, mentiras, jactâncias, revelação de segredos, contumélias (1), injúrias, vitupérios (2), chocarrices, irrisões, obscenidades, porfias, palavras ociosas: enfim: uma universidade de males, como nos disse o apóstolo Santiago.

*

*

*

Não cuide o religioso ou religiosa, cujos cabedais de oração ou mortificação são tenuíssimos, que pode livremente a cada canto travar um pouco de conversação, e ouvir e dar novas do que passa em casa e fora dela: dizer a graça, e o sainete (3), e o equívoco, e contar com affectada discreção a historiazinha que vem, ou êle a faz vir a pro-

(1) = palavras soberbas, de escárnio ou desprezo

(2) = acusações desonrosas.

(3) = biscato de tutano que se dava aos falcões e outras aves. Daqui: presente, mimo, sabor, graça, chiste.

pósito, e picar no defeito moral ou natural de seu próximo; e sôbre tudo isto sair dali tão limpo e inocente como dantes... Isto é cegueira mais grossa que as trevas do Egipto; pois até um gentio se tinha persuadido que tôdas as vezes que havia estado entre homens se achara menos homem: *Quoties inter homines fui, minus homo redii* (Sêneca).

Em conformidade desta doutrina aconselha um autor pio que na porta da língua escrevamos, intencional ou espiritualmente, o que certo religioso tinha escrito na do seu cubículo, para sair dêle quando só devia: *Necessitas, Utilitas, Charitas*: Necessidade, Utilidade, Caridade.

O silêncio é deserto. Ainda no meio das cidades populosas, logo há deserto interior onde há silêncio virtuoso. Por isso dizia um ancião do ermo que o calar era o mesmo que alongar-se para partes distantes. F. assim vemos nos que guardam silêncio, que no meio de numerosas comunidades, ou famílias, parece que andam solitários. A alma é um espírito (1) sumamente ligeiro e

(1) = fluido.

volátil, cuja virtude fácilmente se dissipa e distrai com a multiplicidade dos objectos, ainda que não sejam pecaminosos.

Nada menos convêm ao homem que trata de servir a Deus e caminha para a perfeição (disse S. Lourenço Justiniano) como a língua desenfreada, e sôlta das ataduras da moderação; porque ella lhe destrói, e mata, o recolhimento e união do espirito.

O adquirir as virtudes depende de actos, internos ou externos, com que se exercitem; e a estes actos precedem propósitos ou resoluções de os fazermos, e estes propósitos tanto mais logram os seus efeitos, quanto a pessoa é de menos palavras. Porque a virtude do espirito se reforça, fechando-se à comunicação nimia com as criaturas, e se evapora, se lhe franqueamos esta porta. Por isso do homem calado logo presumimos ser efectivo; e do falador — que pouco ou nada porá por obra.

Na sagrada família (1) do grande patriarca S. Bento houve tão inviolável e perfeita observância do sumo silêncio que manda a santa regra, assim no refectório e dormitório

1) — nos vários mosteiros beneditinos.

como no côro, claustros, sacristia, barbearia e outros lugares, que foi necessário àqueles monges antigos inventar e compor um novo abecedário de acções e acenos, para explicar os nomes mais gerais e precisos, excusando (1) romper o silêncio: como v. g. para dizerem *água* ajuntavam tôdas as pontas dos dedos estendidos e virados para cima; para dizerem *água benta*, feito o signal de *água* faziam uma cruz com o polegar na testa; e assim outros muitos, em que o exercício os fazia andar destros.

Também se explicavam por acenos os santos religiosos descalços de Nossa Senhora do Carmo, donde teve occasião a fama, que começou a divulgar-se, de que eram mudos.

Andando um religioso trabalhando, caíu de uma taipa de boa altura, ficando tão atordado do golpe, que não pôde levantar-se. E, com ver-se assim, não se atreveu a dar vozes a outros que ali perto trabalhavam, por não quebrar o silêncio. o que só fêz (2) foi, no apêrto das dores, levantar as mãos e olhos ao Céu, pedindo no coração favor a Deus. Passado algum tempo o viram os

(1) — evitando.

(2) — a única cousa que fêz

companheiros, acudiram à pressa e, sem falarem palavra, o tomaram em braços e levaram à cela do Prelado.

Estava êste em oração e, pelo não inquietarem, o tiveram assim, postos de joelhos largo tempo, sem que nem o enfêrmo gemesse ou se queixasse, nem os que o sustentavam falassem palavra; até que, saindo o Prelado, soube o que se passara.

Outra vez, estando em refeitório, se pegou fogo em um aposento; e os que o viram não se atreviam a dizê-lo ao Prelado, por falta de sinais com que explicar-se. E quando acudiram ao remédio, já foi custoso; porque o perigo tinha crescido muito com aquela detença; a qual não reputavam por tão danosa ao material das paredes, que se poderiam reparar, quanto o seria para o edificio espiritual relaxar qualquer pontinho de observância.

*

*

*

Quero conceder aos tñbios, e relaxados, e prudentes ao humano (1), que porventura

(1) — ao modo humano, secular, profano.

haveria nesses casos alguma nimiedade (1) indiscreta; e todavia ¿qual d'elles me negará que melhor é perder por excesso, que por defeito? Pois o segundo tem tanto mais difficil remédio que o primeiro, quanto vai do içar um mármore (2) ao alto, ao deixá-lo cair no seu centro (3).

Consiste a virtude do silêncio, não em cessar o officio da língua, como cessa nos mudos, mas em calar e falar a seu tempo; assim como a virtude da abstinência não consiste em não comer, senão em comer com a moderação devida.

Bom símbolo temos disto no relógio, que o mais do tempo cala, e a suas horas fala, dando as horas. Por isso, para formar um bom hieroglífico (4) desta virtude, pintaram um relógio, com esta letra do Ecclesiastes: *Tempus tacendi, et tempus loquendi*: há horas de calar, e horas de falar. E por essa mesma razão o rial profeta (5) não pedia a

(1) = exagêro.

(2) = estátua ou columna.

(3) = sôbre o centro do pedestal ou soco.

(4) = emblema.

(5) = David, nos *Salmos*.

Deus pusesse em sua bôca muro, senão porta; porque o muro sempre está firme e fechado; mas a porta abre e fecha sôbre a couceira, ou eixo das circunstâncias que assim o pedem. Isto suposto, assim como o relógio para andar certo se governa pelo sol, assim a língua, para andar bem regida, falando ou calando a suas horas justas, se deve governar por outro sol, que é a prudência. O que se calou ainda se poderá dizer; mas o que já se disse é impossível haver-se calado.

A língua de um santo António de Lisboa, que por sua celestial eloquência se fêz digna de a ouvirem obedientes os mesmos peixes e brutos, primeiro estudou essa eloquência calando, no retiro, muitos anos, de sorte que os seus mesmos sócios ignoravam tivesse préstimo para dizer algumas razões espirituais. Jesus Cristo, de 33 ou 34 anos que viveu entre os mortais, só três ou quatro andou em público tratando com êles; mas os trinta os empregou quási todos em oração, retiro e silêncio. E, ainda antes que saísse a prègar, foi levado ao deserto para estar ali quarenta dias; não porque o Senhor precisasse desta preparação, senão porque os homens necessitavam dêste exem-

plo. Como disse S. Basílio, o silêncio é a escola onde se aprende a falar acertadamente.

(Luz e Calor, Doutrina VI, seleccionada)

IX

DESPRÊZO DAS OFENSAS

COSTUMAVA o sábio rei D. Afonso, de Aragão, não negar seus favores a pessoas que sabia muito bem que diziam mal d'ele. E, estranhando-lhe alguêm esta acção, por parecer frustrada e irracional, respondeu:

— Aos cães deixa-se-lhes sopa, para que não ladrem nem mordam.

O beneficiar aquelle rei a seus ingratos, quanto ao que se mostra da sua reposta, mais que caridade era razão-de-Estado; e podia esta respeitar a três motivos, todos prudentes: um, por exercitar generosidade de ânimo, que é mui próprio de pessoas riais; outro, por se não mostrar sabedor de suas ofensas; e outro (que se indica mais expressamente no caso), por tapar as bôcas dos murmuradores.

Quanto ao primeiro, certo é que adquirir-mos as virtudes morais pende do exercíci●

delas, e o exercício pende da matéria, e uma das matérias do exercício desta generosidade são ingratidões. Assim o exercitou Alexandre Magno, que dizia:

— É cousa de reis, a quem diz mal dêles fazer-lhe muito bem e muitas vezes.

E el-rei D. João II de Portugal, vendo preso um homem de baixa sorte, que tinha as barbas mui crescidas, perguntou a um ministro porque estava na cadeia; e sabendo, depois de vários rodeios com que lhe queriam encobrir a causa, que esta era haver proferido contra sua rial pessoa certa palavra atrevida e imunda, rindo-se, disse:

— ¿Pois por isso tendes há tanto tempo preso o homem? Soltai-o logo, e dai-lhe quatro mil réis, para fazer a barba.

Quanto a não se dar o príncipe por sabedor de suas ofensas, muito importa êste ditame ao seu officio e autoridade. Saúl, tanto que foi ungido para rei, logo teve luz disto, e por aqui começou o seu reinado.

Murmuraram alguns perversos do novo eleito, dizendo por desprêzo:

— Êste é o que nos há-de salvar de nossos contrários.

E Saúl fazia que não ouvia; porque, se se

dera por entendido daquela detracção, uma de duas: ou se vingava, e isso era começar a reinar com detrimento da opinião de clemência, que é sumamente necessária para a conservação do scetro; ou se não vingava, e isso era mostrar-se pusilânime e inferior a seus súbditos.

Êste dissimular, no caso que vamos tratando, não é sómente por conservar a paz, senão por não dar a manusear o respeito, mostrando por experiênciã que pode ser trilhado, sem embargo da sua sublimidade, no sagrado do rial sólio.

Foram uma vez a palácio dois filhos do duque de Aveiro: o primogénito, que então era de pouca idade e depois morreu em Africa; e outro seu irmão, por nome D. Pedro Denis. El-rei D. João III mandou cobrir ao mais velho, e ao outro não. Do que indignado, disse, quando voltou para casa, que, se lá tornasse, se havia de cobrir, ainda que El-rei lho não mandasse.

Não faltou quem metesse êste dito nos ouvidos do rei, o qual, tornando êles ao paço, disse ao mais velho:

— Cobri-vos.

E ao D. Pedro disse:

— E vós cobri-vos, por que vos não cubrais.

Ficou aquele príncipe envergonhado, porque viu que, coberto dêste modo, ainda ficava pior que descoberto; porque nem lo-grava a honra de o mandar cobrir el-rei por favor, nem gôsto e animosidade de se cobrir por acinte, nem o obséquio de ficar desco-berto na presença do seu rei.

Não trago êste exemplo para o ponto da dissimulação que os reis e quaisquer pes-soas grandes devem ter com os seus de-tractores, senão para o ponto de como de-vem desviar com prudência as ocasiões em que periga o seu devido respeito.

Se o rei dissera: *Cobri-vos*, dava-lhe uma posse e preeminência que, porventura, não convinha; se o não mandasse cobrir e êle se cobrisse, ou havia de sofrer uma descortesia indigníssima, ou meter-se em algum empenho enfadoso. ¿Pois, que remédio? descobriu-lhe a sua meditada cobertura, e impediu-lha pelo mesmo caso que lha mandou fazer. A fineza dêstes pontinhos, para quem está fora do mundo é vã; mas para quem há-de viver nêle é conveniente, pelas sobre ditas razões.

(*Nova Floresta*, «Benefícios»)

O MENINO RESSUSCITADO

CONVIDOU certo fidalgo ao seráfico padre S. Francisco, rogando-lhe se dignasse honrar a sua casa com a sua hospedagem. Aceitou o santo, para depois do sermão; e tôda a família foi ouvi-lo, ficando só uma criada para o cuidado de guardar um menino e prevenir a mesa.

Porêm ella, desejosa também de ouvir o santo, se foi ao sermão. Onde, inquietando-a o sentido da casa e mêdo de seu amo, voltou logo, e achou o menino dentro em uma caldeira de água fervendo, tão recozido já, que, pegando-lhe de um bracinho, êste lhe veio na mão desmembrado.

Pranteou e lastimou-se, como pedia desgraça tão irreparável, a que seu descuido dera causa. Desabafou sua pena com outra criada, e ambas, pobres de outro conselho, esconderam em um cofre o pequeno cadáver despedaçado.

Assentados já à mesa, regalou o fidalgo ao santo com caritativo agasalho, e êle disse que desejava muito umas maçãs.

— Não as há, nem é tempo delas (disse o hóspede) e por elas dera eu um filho único que tenho, só por vos fazer gôsto.

Disse o Santo:

— Abram aquele cofre, que ali me cheiram maçãs.

Ouvindo esta palavra a criada, fêz a chave perdida; e o amo, suspeitando dela, se determinou em despregar a fechadura.

Já neste lance era tempo dela referir o caso, para que chegasse primeiro aos ouvidos que aos olhos. Mais fácil é de crer, que de explicar, a dor dos pais, amigos e criados, com que foi ouvida relação tão impensada (1) e lastimosa.

Veio, enfim, a chave que havia de fazer o triste officio de revelar espectáculo tão funesto. Abre-se o cofre, para os olhos verem o mesmo que recusavam ver. Eis que (jô entranhas da divina piedade, consoladora dos atribulados!) vêem estar dentro o menino assentado, vivo, alegre, com duas ma-

(1) = imprevista.

ções nas mãozinhas, as quais com muita graça ofereceu ao Santo.

Aqui o assombro repentino embargou por um pouco as vozes e lágrimas; mas logo tornaram, por bem contrário motivo: até então de mágoa e pranto, já agora de gôzo e alegria.

Estava o menino muito mais engraçado depois da desgraça; e como as suas vidas eram já duas, uma natural, outra milagrosa, não o considerava o pai filho seu sómente, mas também do Santo—varão celestial a quem o mesmo Deus *ex ore infantium, et lactentium*, publicava amar tanto.

Dêste prodigioso caso se pintaram vários quadros, para que se perpetuasse na memória dos vindouros.

(*Calor*, 390).

O MONGE E O PASSARINHO

ESTANDO um monge em matinas com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram àquilo do salmo onde se diz que *mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem, que já passou*, admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquilo podia ser.

Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu affectuosamente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar intelligência daquelle verso. Apareceu-lhe ali no côro um passarinho que, cantando suavíssimamente, andava diante dêle dando voltas de uma para a outra parte, e dêste modo o foi levando pouco a pouco até um bosque que estava junto do mosteiro, e ali fêz seu assento sôbre uma árvore, e o servo de Deus se pôs debaixo dela a ouvir.

Dali a um breve intervalo (conforme o monge julgava) tomou o vôo e desapareceu

com grande mágoa do servo de Deus, o qual dizia, mui sentido:

— Ó passarinho da minha alma, ¿ para onde te foste tão depressa?

Esperou. Como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquela mesma madrugada, depois de matinas, tinha saído d'êle. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que dantes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Preguntou-lhe o porteiro quem era e a quem buscava.

Respondeu:

— ¡ Eu sou o sacristão, que poucas horas há saí de casa, e agora torno, e tudo acho mudado!

Preguntando também pelos nomes do abade, e do prior, e procurador, êle lhos nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar daqueles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abade; e, pôsto em sua presença, não se conheceram um a outro, nem o bom monge sabia que dissesse ou fizesse, mais que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade.

O abade então, alumiado por Deus, mandou vir os anais e histórias da Ordem, onde,

buscando, e achando os nomes que o monge apontava, se veio a averiguar com tôda a clareza que eram passados mais de trezentos anos, desde que o monge saíra do mosteiro até que tornara a êle.

Então êste contou o que lhe havia sucedido, e os religiosos o aceitaram como a irmão seu do mesmo hábito. E êle, considerando na grandeza dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos e brevemente passou desta vida, com grande paz em o Senhor.

(Pão partido em pequeninos, II, 3).

XII

A LIÇÃO DO CADÁVER

ESTANDO o cadáver destituído de calor e movimento, e crescendo por momentos na sua figura as sombras da terra, porque se pôs o sol da vida, tratam os que lhe assistem de o aparelhar e compor para a sepultura.

Cerrados os olhos, apertado o queixo, cruzadas as mãos sôbre o peito, os pés juntos e estendidos, o põem no meio da casa sôbre algum pano. E ali se está pedindo mudamente as esmolas espirituais dos fiéis, que se lembram da alma que ali morou naquela casa já arruinada.

Quem pegara então de um homem delicioso e glutão, de um mancebo louco e presumido, de uma mulher errada, de um ambicioso de honras e riquezas, e os levara pela mão a ver muito devagar êste espectáculo, êste painel de morte-côr (1), onde jun-

(1) = de côres desmaiadas.

tamente estão pintados os efeitos do pecado, as vaidades do mundo, as misérias da vida, a esperança certa da ressurreição dêste corpo, e a incerteza de se há de ser para luzir sôbre estrêlas, ou para arder entre demónios!

Mas toma tu, alma minha, a parte dêste desengano que te toca. Aprende dos mortos a viver. Pegue-te algum calor ao espírito aquêle cadáver frio; que, se lá era invenção daquelle tirano atar um vivo com um morto, para que a corrupção dêste matasse aquêle, outra filosofia mui contrária corre no nosso caso; que se os vivos se atarem com a consideração (1) aos mortos, pode ser que os mortos livrem os vivos da corrupção de seus costumes depravados.

Aparelhado já o cadáver, considera a piedade com que a Igreja Santa o acompanha e depõe na sepultura:

Manda dobrar os sinos, acender cários, preceder o estandarte da cruz, cantar os seus ministros, ordenar-se uma procissão! Últimamente, entrega aquêle corpo à terra como um depósito precioso, mostrando, nas

(1) = reflexão, meditação

muitas e misteriosas cerimónias de que usa, o caso que faz dêle. E porque razão é tratado com tanta decência e conduzido com tanta autoridade um cadáver — a parte vilíssima do homem, o manjar que há-de ser de bichos?

Nasce isto de uma cousa que os homens teem por fé certa; e de outra, que teem por presunção pia.

De fé, cremos o artigo da ressurreição dos mortos, segundo o qual é certo que aquelle mesmo corpo há-de reünir-se com a alma, para não desatar-se jámais eternamente. E em sinal desta fé, a Igreja não o trata como cousa que de todo pereceu; senão como depósito, que a seu tempo se há-de tornar a pedir à terra. Por isso os católicos chamam ao morrer dormir, à cova jazigo e aos bichos cobertores; e até ao adro chamamos *cemitério*, palavra grega que vale o mesmo que *dormitório* — significando nisto que enfim os mortos hão-de acordar, hão-de descobrir-se e levantar-se.

Isto é o que cremos de certo.

E o que presumimos piamente é que aquelle corpo foi templo do Espírito Santo ao menos pela graça final, sacrário do corpo de Jesus Cristo pela comunhão digna, obreiro

fiel nos preceitos de sua lei; o qual, assim como entrou à parte do trabalho com a alma, assim também há-de entrar à parte do prêmio.

Donde vem que aquelas pessoas que nos consta que acabaram em pecado mortal, especialmente se incorreram excomunhão, são privadas de sepultura eclesiástica. Mas de todos os mais, enquanto há lugar, (1) presume a Igreja benignamente que morreram bem e, por conseguinte, que ressuscitarão bem.

Por isso entrega aquele cadáver à terra como o lavrador a semente, que, ainda que apodreça, espera que a seu tempo renasça, com maior vantagem e formosura.

(Exercícios espirituais, I, 471).

(1) = motivo.

XIII

O MUNDO PASSA

QUANTA verdade é que a figura d'este mundo sempre está passando, e nós com ela!

Dos sábios e justos diz Isaias que vêm a terra de longe. Ora vem cá, alma minha, faze por ser sábia, toma as asas da contemplação, e suspende-te nelas, e olha de longe para esta bola da terra, e verás como a sua figura sempre está passando.

¿Que é o que vês? Mares, rios, árvores, montes, vales, campinas, desertos, povoados... e tudo passando.

Os mares, em contínuas crescentes e minguantes; os rios sempre correndo; as árvores sempre remudando-se, ora sêcas, ora floridas, ora murchas; os montes já foram vales, e os vales já foram montes, ou cam-

pinas; os desertos já foram povoados, e os povoados agora, (1) já foram desertos.

Mas olha em especial para os povoados, porque o mundo são os homens:

Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: uns a sair dos *seios* das mães, outros a entrar nos ventres das sepulturas; aqueles cantam, dali a pouco choram; estoutros choram, dali a pouco cantam; aqui se está enfeitando um vivo, parede meia estão amortalhando um defunto; aqui contratam, acolá distratam; aqui conversam, acolá brigam; aqui estão à mesa rindo e fartando-se; acolá estão no leito, gemendo o que riram, e sangrando-se do que comeram. . .

Lá vai um no seu coche com os pés sôbre tela e veludo; atrás das rodas vai um pobre nu e descalço. † E que turba-multa é aquela que vai cobrindo os campos de armas e carruagens? É um exército, que vai a uma de duas cousas: ou a morrer, ou a matar. † E sôbre quê? Sôbre que dois palmos de terra são de cá, e não são de lá. . . † E que árvores são aquelas que vão voando pelas ondas com asas de pano? São navios,

(1) = de agora.

que vão buscar muito longe cousas que pi-
quem a língua para comer mais, cousas que
afaguem a pele, cousas que alegrem os olhos;
isto é: espécies, sedas, ouro.

¡Olhai o tráfego! Tudo ferve, tudo se
muda por instantes. Se divertirdes os olhos,
dali a nada tudo achareis virado. O rico já é
pobre, o mecânico já é fidalgo, o moço já é
velho, o são já é enfêrmo, e o homem já
é cinzas. Já são outras cidades, outras ruas,
outra linguagem, outros trajos, outras leis,
outros homens. . .

. . . ¡Tudo passa!

(*Sermões*, I, 202).

XIV

EMBAIXADA DE D. MANUEL AO PAPA

O nosso ínclito rei D. Manuel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do Oriente (de sorte que podíamos dizer que as asas do sol se mediam com o seu Império, e que aquelles povos infieis se não confederavam contra a potência de suas armas mais que para ser delas triumpho e ouvir os anúncios da palavra evangélica) então folgou de submeter tôda esta grandeza aos pés do Sumo Pontífice Leão X, por seus embaixadores particulares, tributando-lhe juntamente as primícias das riquezas do Oriente.

O principal dêles era Tristão da Cunha, a quem faziam lados outros dois, a saber: Diogo Pacheco e João de Faria, desembargadores, e outros cinqüenta cavaleiros. E era em todos tanta a riqueza e lustre, que havia selas, freios, peitorais e estribos de ouro de

martelo, (1) com pedraria fina e pérolas a montes.

Todos os embaixadores dos príncipes cristãos, que se achavam em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos bispos, e famílias dos cardiais, e outra inumerável nobreza, deram nobres aumentos a esta pompa, e o mesmo Papa quis lograr o vistoso desta entrada, desde o Castelo de Santo Angelo.

Levavam-lhe um presente com um grande e preciosíssimo cofre, coberto com pano de ouro, e nêle debuxadas as Riais Quinas, pôsto sôbre um elefante, o qual, tanto que avistou ao Sumo Pontífice, ajoelhou três vezes, ensinado pelo naire que de cima o governava; e logo, metendo a tromba em um grande vaso de água que ali estava prevenido, borrifou os cardiais e outras pessoas que estavam pelas janelas, e o mesmo sinal de festa usou com o mais povo que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em Consistório. E, no fim da oração, o papa exaltou com excessivos louvores as prendas del-rei

(1) = ouro martelado.

D. Manuel, e o católico zêlo com que naquele Novo Mundo solicitava propagar o Império de Cristo e glória de sua santa Igreja;

Os pontos principais da embaixada eram três: o primeiro, que Sua Santidade empreendesse guerra contra o Turco. Segundo, que se tratasse mui de-veras da reforma da Igreja. Terceiro, que a êste fim se prosseguisse e concluísse o sagrado ecuménico (1) concílio de Trento.

Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elefante diante de Sua Santidade. Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do papa, mas para todos os seus ministros. Era todo de chaparia e figuras de ouro e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escachadas (2); e, sendo a matéria tal, ainda dos primores da arte era vencida. Iam juntamente outras riquíssimas jóias e ducações (3) de 500 escudos de ouro, como para entulho.

Avaliaram alguns o presente em um mi-

(1) — geral; de tôda a Igreja.

(2) == abertas, espalmadas.

(3) == moeda de ouro.

lhão, o qual veio a ser dos que saquearam Roma. Finalmente, Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seu embaixador que então era, diz, na sua carta, êste capítulo:

— Todo o povo universal de Roma correu por ver esta novidade; e não é maravilha, porque poucas vezes, ou nunca, succedeu enviarem príncipes cristãos a Roma tão magnífico aparato.

Êste sinal de rendimento (1) deu à pessoa do vigário de Cristo o nosso católico monarca, visto que a distância de terras e a ocasião lhe não concediam venerá-lo com outras demonstrações pessoais de sua humildade.

Quem desejar fazer-se presente àquele memorável espectáculo, referido aqui tôscamente e sumariamente, recorra ao elegante aparato das penas do bispo Osório e de Manuel de Faria e Sousa.

(*Nova Floresta*, «Religião Cristã»).

(1) = submissão

**A PRODIGIOSA MENINA
TERESINHA DE JESUS**

ESTA foi aquella célebre menina de San-Lucar que teve o uso da razão anticipado, e morreu de cinco anos, já consumada em virtudes. Vendo, pois, chorar sua mãe por certas causas domésticas, lhe disse, mui lèda e carinhosa:

— *No llores, no te desconsueles, que Dios proveerá que nos vamos al Cielo bolando, bolando, y todas tus peñas se acabaran.*

Nasceu, a seis de Outubro de 1622, na cidade de San-Lucar de Barrameda, sita onde o Guadalquivir perece no Oceano. Foi filha de Francisco Henriques, pilôto, e de sua mulher Maria Urbina. Consagrou as primícias da sua língua, pronunciando distintamente:

→ Padre, Filho e Espirito Santo, três Pessoas realmente distintas, e um só Deus verdadeiro.

Tinha então vinte e um meses, e o rosto lhe resplandecia. Pouco depois de cumprir dois anos, querendo-lhe mudar o nome no de Maria, repugnou, dizendo que não merecia nome tão soberano. Nesta mesma idade tomou um livro espiritual e leu com devoção e destreza, posta de joelhos, sem a terem ensinado. Aos vinte e dois meses, pediu o hábito das Descalças Mercenárias, e lho deu publicamente na igreja o padre Fr. Francisco da Cruz, fazendo-lhe primeiro uma prática espiritual.

Desde então guardou a Regra, quanto em si era e lhe permitiam: dormia sobre tábuas nuas, com um ladrilho por cabeceira, cortava o cabelo, usava de socos, tinha oração mental duas horas cada dia, ou prostrada ou de joelhos. Às sextas, disciplina inviolavelmente; jejum além das sextas, também aos sábados, e tôdas as vésperas de Nossa Senhora, e dos santos seus advogados.

Apertava na cabeça uma coroa de espinhos; observava grande modéstia e composição nas acções; não consentia afagos nem abraços, ainda de seus irmãos e pais; a estes chamava irmãozinhos; só para Deus e Maria Santíssima Senhora nossa, guardava os nomes de pai e mãe. Punha consigo na

sua pobre cama uma imagem, de talha, do menino Jesus. Entrando pela igreja, prostrava-se, adorando o Santíssimo; e, tomando água benta, ia-se direita ao altar-mor, onde persistia imóvel junto do acólito, ouvindo duas ou três missas de joelhos, com tal atenção que, entrando na igreja uma dança de ciganos, com muitos muchachos que faziam alvoroço, não voltou a cabeça. Ainda então apenas passava de três anos e meio.

A um menino, tiritando de frio, disse, compassiva:

— *¿De que lloras, mi alma? Tienes frio? Anda acá a la Iglesia, y te calentarás, que allá me caliento yo.*

Na doença de que morrer^{te}, sendo-lhe a água proibida pelo médico, e padre espiritual, nem olhava para onde facilmente pudera tomá-la, não obstante que se abrasava de sede.

Encontrando na rua um sacerdote, que ia com passo acelerado, ajoelhou e pôs as mãos levantadas, dizendo a uma sua irmã e outras meninas que com ela iam ouvir missa, que fizessem o mesmo. E, perguntando elas para que haviam de ajoelhar no meio da rua — replicou:

— *¿Não vêdes que vai ali o Santíssimo Sacramento?*

Deram parte do sucedido; chamado o clérigo e perguntado se levava o Santíssimo oculto para algum moribundo, respondeu que não. Porém que, acabando de dizer missa, se saíra logo, por urgência de um negócio.

Daqui se ficou entendendo que o Senhor mostrara a Teresa as espécies eucarísticas que se conservavam ainda no peito daquele sacerdote.

Com ser tanta a pureza e discrição desta alma, e a devoção que tinha ao Santíssimo Sacramento, não lhe concederam licença para o receber, nem por Viático, atendendo ao reparo público que podia originar-se desta singularidade, porque não passava de cinco anos, um mês e dezassete dias: breve esfera para tantos giros do sol de suas luminosas virtudes. Porém, assim como há pecadores de cem anos, que morrem meninos, isto é: faltos de virtudes, que são os anos do espírito, assim há meninos que morrem como santos de cem anos, cheios de dons e merecimentos. Esta árvorezinha anã carregou de frutos temporãos; colheu-os o Senhor dela, porque eram do seu gosto.

(Nova Floresta, «Esperança»).

XVI

O ASSALTO Á CATEDRAL DE ANTUÉRPIA

SENDO Santo Estêvão, auxenciano, levado perante o Imperador (1), que negava a adoração das sagradas imagens, e as tinha mandado destruir e queimar, levou consigo uma certa moeda, que lhe deram de esmoia, em que estava de relêvo a imagem do mesmo imperador; e, tanto que chegou à sua presença, arremessou a moeda no chão com desprezo e a começou a pisar. E, indignando-se o imperador desta acção, o santo lhe disse

— Se julgas que a esta moeda se deve veneração, por ter a tua imagem, e por que razão destruíste, despedaçaste e abrasaste as imagens dos santos, que no Céu reinam com Cristo?

(1) Constantino V (Coprónimo).

A adoração que os católicos damos às imagens sagradas não é pelo material delas, nem pela figura dessa matéria, senão pela representação do seu protótipo, que resplandece nessa figura. Dêste modo não proibiu Deus esta adoração, antes manda que adoremos até a terra, enquanto serve de supedâneo a seus pés; e ordenou que a Arca do Testamento estivesse acompanhada de dois querubins, os quais diz S. Jerónimo que também eram adorados juntamente com a Arca. E o mesmo Cristo (como consta das histórias eclesiásticas antiqúissimas) deixou estampada a effigie de seu divino rosto na toalha da Berónica, ou Verónica; e a Abagaro, rei de Edessa, mandou outro seu retrato, e no lençol ou mortalha de seu divino cadáver estampou também os sinais d'ele, que hoje se guardam e conservam em Turim, côrte dos sereníssimos duques de Sabóia.

¿ Porventura deixou-nos o Senhor estas veneráveis memórias e vestígios, para que os pisássemos e rasgássemos e entregássemos ao fogo, como fizeram os iconoclastas, ou agiómacos, e renovaram-no no seu século os calvinistas? ¡Oh impiedade cega, arbitrada nos conciliábulos do Inferno!

Quero aqui referir um lastimosíssimo espectáculo, obrado por êstes herejes, para que a fealdade do seu pecado, visto em si mesmo, nos meta horror e abominação.

A vinte e um de Agôsto do ano de 1566, ajuntando-se grande caterva de herejes, entraram no famosíssimo templo da Sé de Antuérpia, e, tanto que cerrou a noite, um dêles, como quem dava sinal aos mais, com trombeta entoou um psalmo de David em língua francesa, e logo todos arremeteram furiosamente às imagens de Cristo, Senhor nosso, e de sua mãe santíssima e dos mais santos; umas derrubavam em terra, e outras calcavam com os pés (1), a outras as estoqueavam com as espadas, a outras lhes destroncavam as cabeças com machados, com tal pressa e desembaraço como se dantes tivessem repartida entre si a obra.

As mulherinhas suas amigas (que nunca falta a semelhantes homens êste apêndice), tomando dos altares e do sacrário círios, os iam alumando. Uma tropa dêles, saltando

(1) Na syntaxe portuguesa actual repetir-se-ia o complemento: *derrubavam-nas, calcavam-nas*, como nas duas orações seguintes.

sôbre os altares, arremessava ao chão os vasos sagrados, rasgava os painéis dos retábulos, borrava e enchia de imundícies as pinturas das paredes; outra, subindo por escadas, quebrava com varapaus as vidraças, precipitava feita em pedaços a famosíssima máquina dos órgãos e as imagens dos santos que coroavam as cornijas e capitéis.

A uma antiga e devotíssima imagem de um crucifixo, de estatura maior, que estava defronte da Capela-Mor em lugar alto, mettendo-lhe cordas por detrás, a derrubaram em terra e a partiram como lenha em achas, deixando intactos os dois ladrões, que estavam aos lados do santo crucifixo. Nem recearam meter as mãos facinorosas no sacrário do Santíssimo. Tiraram fora o Corpo do Senhor, a quem adoram o Céu, a Terra e o mesmo Inferno; e com sacrílega e diabólica ousadia o meteram debaixo dos pés. Os vasos santos das fórmulas consagradas encheram de vinho, que brindavam uns aos outros. Com os santos óleos do Crisma untaram os sapatos.

Calam-se outros desafôros, com que os demónios, de cujo furor estavam instigados, os ensinaram a fartar sua raiva, por

não magoar mais a piedade dos corações católicos. Mas foi cousa digna de admiração que pudessem poucos homens, dentro em quatro horas, derrubar e quebrar tantas imagens e estátuas, revolver tantos sepulcros, desfazer alguns setenta altares, e nada deixar que não violassem, em um templo famosíssimo e celebérrimo na cristandade, com dano, ao que alguns orçaram, de mais de quatrocentos mil cruzados — sem que em tanta aceleração e diferença de acções impetuosas e violentas succedesse ferir-se nenhum dêles, ou magoar-se nem levemente. Que não pode ser maior desamparo de Deus do que deixar que aos ímpios succedam seus intentos prósperamente e largar o freio aos demónios, para que os ajudem.

Eis aqui, pois, qual é o rosto da heresia; se pelas obras de cada um se conhece o seu ser, por aqui se verá quão racional e pia, quão modesta e santa é a religião dos calvinistas e seus sequazes.

(*Nova Floresta*, «Heresia, etc»).

XVII

FRECHAS E FRÈCHEIROS

ASSISTINDO o imperador Rodolfo ao exercício de uns frêcheiros que se ensaiavam, disparou um dêles a seta tão desencaminhada, que feriu ao César. Levaram logo .. êste para a cama, e aquele para o cárcere.

Diziam alguns:

— Mande-lhe Vossa Magestade cortar a mão.

Respondeu, disfarçando a clemência com a graciosidade:

— Bom remédio, e .. bom tempo; a mão que já atirou, ¿ que me aproveita que a cortem agora? ¿ Porventura a sua ferida cura a minha?

Pelo exercício bem continuado (que é o melhor mestre, como lhe chamou Cícero: *Usus magister est optimus*) chegam alguns frêcheiros a tão feliz destreza, que tudo o

que destinam com a vista pregam infalivelmente com a seta. A Filipe, rei de Macedónia, pregou Aster Olíntio uma no olho direito, e, porque não parecesse casual o tiro, escreveu primeiro nela êste recado :

— Aster a Filipe manda êste portadôr da morte.

A Alexandre Magno foi apresentado um índio que passava a seta por um anel; se bem não quis fazer a experiênciã diante daquele monarca, por não aventurar a fama. Outro, por nome Avo, vendo que seu competidor armava contra êle o arco, antecipando-se com suma agilidade, disparou o seu, e lhe cortou a corda; e logo segundou com outra, e lhe feriu a mão.

Notável foi também a destreza nesta arte do imperador Domiciano, o qual, mandando a um muchacho abrir a mão, e os dedos espalmados, entre dedo e dedo, sem os ofender, ia pregando as setas.

Mais feliz, porque mais perigosa, foi semelhante experiênciã para um gôdo por nome Tocho, que se jactou, em presença del-rei Haraldo, de que, pondo-se qualquer pequeno pomo na ponta de um báculo, certamente o cravava com o primeiro tiro. O

rei bárbaro mandou logo pôr em lugar de báculo a um filho do mesmo Tocho, e sobre a sua cabeça o pomo; para que, se o errasse, ficasse castigada sua jactância.

Êle, pôsto em tão estreito apêrto, (que havia de perder o crédito, se quisesse salvar o filho sem perigo), mandou ao moço voltar o rosto para a contrária parte, para que não tremesse no ver sacudir a seta; e o avisou que persistisse imóvel com a cabeça direita, porque assim importava a ambos. E logo, com despejada confiança, tirou da aljava três setas; e sem demora, por não fazer esperar mais ao palpitante coração do filho, assentou uma, e a disparou tão inocentemente como lhe convinha e como prometera.

Admirou-se o rei, e perguntou:

— ¿ Porque aparelhaste três setas, se a experiência devia fazer-se só com a primeira?

Aqui Tocho, formando da língua também arco, e da palavra também seta, lhe disparou outra ainda mais atrevida:

— Se errasse (lhe disse) com dano de meu filho, as outras duas eram para ti, e para alguêm que por ti acudisse; pois não era bem que a inocência levasse a pena, e a violência injusta ficasse impunida.

Os arimaspos, povos de Scítia, onde agora estão os ducados de Plescóvia e Novogrado na Moscóvia, desde pequenos se costumam a fechar um ôlho, para reforçarem a vista do outro e meterem a mira mais certa, ao disparar as setas. Daqui veio fingirem ou crerem os autores que esta gente não tinha mais que um ôlho. E Eustácio diz que isso significa o seu apelido, porque «Ari» na língua scítica quer dizer *um*, e «maspo» quer dizer *ôlho*. Nas ilhas Baleares, para costumarem os muchachos a acertar ao alvo, não lhes dão de almoçar até o não acertarem. Com que, juntamente, os pais atiram a exercitar os filhos, e os filhos a não ficar sem almôrço.

Mas não era destes o nosso frecheiro que feriu ao César; antes pode ser que estivesse já almoçado, conforme a mão e a vista trocaram os objectos. Mais se pareceu com outro que viu Diógenes tão certo no errar que, passando-se, do lugar afastado onde estava vendo, para junto do alvo, disse, para motejar a sua imperícia:

— Porque acaso me não tira, busco o lugar mais seguro...

(*Nova Floresta*, («Conselho»))

XVIII

MARTÍRIO DE S. TIEMO

Tão alto é o conceito que os mártires teem da glória de dar a vida por Cristo, que não trocariam a sua morte por todos os tesouros, tôdas as delícias, tôdas as dignidades do mundo, ainda que lhas conferissem com investidura e posse seguríssima, até o fim do mesmo mundo.

S.^{to} André, o primogénito do santíssimo apostolado de Cristo, assim temia ser deposto da sua aspa (1) como outros o temeriam ser do trono imperial ou do tálamo do maior descanso e refrigerio. Por isso orava ao Senhor incessantemente que tal não consentisse; e fêz, à fôrça de rogos e lágrimas, que se aquietassem os fiéis, amotinados para o tirarem do poder de Ægeas tirano.

(1) = cruz em forma de X, também chamada cruz de Santo André.

Sant-Iago, que chamam o *Interciso*, porque foi, membro por membro, espedaçado, assim como lhe iam decepando um artelho, respondia, com excessiva consolação:

— ¡ Graças a Deus !

Santa Marta, cujo triunfo celebra a Igreja a 19 de Janeiro, exortando à paciência no martírio a seu marido e filhos, assim como lhes corria o sangue das feridas ungia com êle a cabeça, em sinal de estimação e reverência.

Insigne é neste género o exemplo de S. Tiemo, ou Diemo, monge beneditino, depois arcebispo de Salisburgo. O qual, indo a Jerusalém, pelo tempo que muitos fiéis se moveram a fazer esta peregrinação, quando Godofredo de Bulhões conquistou a Terra Santa, caiu em poder de certo rei gentio, que, sabendo como o santo era destro pintor e escultor, lhe mandou concertar o seu ídolo.

Mas êle, não perdendo tão oportuna ocasião de arrebatrar a coroa de mártir, pegou de um martelo, e a obra que fêz naquela infame estátua foi destruí-la de todo, porque não se podia negar que assim ficava perfeitamente acabada.

Ardendo em furor aquele bárbaro, sentia não achar para esfera de seu desafôgo muitas vidas que tirar em um só vivente. Para suprir êste defeito, mandou que a sua morte fôsse lenta.

Aplicaram-lhe certo unguênto, confeccionado de várias venenosas serpentes, com que tôda carne do santo foi roída e gastada, ficando esburgados os ossos. Depois lhos foram partindo um por um, como se temessem errar a conta. Decepados já braços e pernas, ficou só a cabeça e corpo, como tronco de árvore sem ramos.

Ainda restam mais penas a Tiemo, porque ministrava Deus cális conforme lhe tinha dado a sêde. Deram-lhe uma tremenda cutilada no ventre profunda não, para que não fôsse mortal; mas comprida, para que abrisse porta aos intestinos; êstes foram dobando, pouco e pouco, em novelo. Entretanto, o valoroso mantenedor de Cristo, que se ia armando mais com suas próprias penas, não cessava de render graças ao Altíssimo pelo incomparável beneficio de o admitir à honra de poder dar algum retôrno ao amor de seu Unigénito Crucificado.

Até que, finalmente desatado seu feli-

císsimo espírito, chegou a tocar a desejada baliza onde pendia a imortal lauréola, destino de todos os seus anelos. E, para que constasse qual dos dois contendores nesta causa tirou a sua a limpo, se a fé de Tiemo se a perfídia do idólatra, e que a ira dêste fêz o que pôde mas não o que quis, na igreja onde os cristãos enterram as reliquias do santo nenhum ídolo podia subsistir; porque logo se quebrava, de sorte que a potência tirânica lhe tirou as mãos do corpo, mas não o martelo das mãos...

(Nova Floresta, «Amor divino»).

XIX

ASTRÓLOGOS E AGOIROS

AD. Aleixo de Meneses, no dia em que tomou posse do officio de aio del-rei D. Sebastião, deu um matemático um papel de predições ou vaticínios acêrca de seus futuros sucessos. Mas êle, tanto que pelo título conheceu o assunto, o rasgou em miúdas partes. E, importunado depois por sua mulher, disse o que continha genericamente.

—Pois, ¿ porque o rasgastes? (disse ella, curiosa e sentida, ao feminino).

Respondeu o varão prudente:

— Porque não me determino governar na direcção (1) dêste príncipe por temores e esperanças incertas, senão pelos ditames da boa razão e pauta da politica cristã.

Gracian, nas suas «Crises», diz, entre outras cousas notáveis, ou raras: *Vi un Português néscio*. Pouco viu, porque não falta

1) — educação.

desta erva em qualquer terreno, por feliz e bem cultivado que seja; mas é certo que este que viu não era D. Aleixo.

Suidas escreve que havia antigamente em Alexandria um tributo que pagavam os astrólogos, chamado vulgarmente *Blacenomion*, porque os Gregos chamam *Blaccas* aos que nós chamamos parvos ou estultos, derivando o nome de *Blax*, ou *Blaceas*, que é de um peixe que para nada presta e nem os cães o querem tocar. Com que, vinham a dizer que aquele dinheiro ou tributo era escolhido das propinas, presentes e contribuições dos parvos que vão consultar e pagam a semelhantes astrólogos. D. Aleixo não guardou aquele papel, porque não determinava contribuir para o *Blacenomion*; lá o matemático que o compôs pagaria da sua bolsa.

E que se portou com discrição, se convence (1) do discurso ou indução que Favorino faz nesta matéria:

-- Ou o astrólogo (diz elle) no que prognostica nos diz cousa infeliz, ou cousa feliz. Se infelz: ou é mentirosa ou verdadeira. Se mentirosa, faz o homem miserável e

(1) = se conclui convincentemente.

triste, até que se desengana. Se verdadeira, antecipa-lhe a sua miséria, a qual é tanta quanta um concebe e premedita na sua notícia. Pelo contrário, se prognostica coisa feliz, ou também é falsa, ou verdadeira. Se falsa, faz ao homem miserável, porque se acha depois em vão sem o que esperava, e todo aquele tempo comeu vento, a modo de camaleão. Finalmente, se esta coisa feliz é verdadeira, cansa ao homem com a esperança e esta lhe tem já murchado o gôsto futuro. Deve-se, logo, o homem governar pela razão, que é o sol do seu mundo pequeno, e não por estrêlas, que, ainda sendo fixas, o farão errante...

Outra reposta deu a outro astrólogo João Galeão, duque de Milão, em que a discrição foi excedida da inumanidade. Prognosticou-lhe que morreria na flor da sua idade. Disse o duque:

— ¿E tu quantos anos tens de vida?

Respondeu o astrólogo incautamente que muitos. Riu-se o duque e mandou que logo o matassem. Assim se executou, e trocaram-se as estrêlas e genituras. (1)

(1) = destinos.

*

*

*

Um agoureiro consultou a Catão 4 que sucesso ou prodígio significaria haver achado os seus calções roídos das doninhas? Respondeu-lhe:

— Até aí não tem muito que adivinhar; quando as doninhas forem roídas dos calções, então me consultareis.

Pessoas de génio agourento e supersticioso qualquer acaso escutam como um oráculo e veneram como sigilo dalgum mistério, interpretando ser insinuação do Céu, que as avisa. A mesma etimologia do nome «superstição» o está dizendo: *Superstitio dicta est a falso timore rerum super nos stantium*. São rastros ou relíquias (como diz Santo Tomás) que nos ficaram da gentildade idólatra.

Tomavam agouro de se entornar o saleiro, de pousar no teto da casa algum corvo e ali cantar o seu «cras cras», de uivar algum cão à porta, de encontrar logo ao sair de casa com alguma donzela, porque o tinham por sinal de esterilidade, e, se encontravam com mulher mundana, por

sinal de felicidade nos comércios e negócios.

Santo Agostinho traz outros exemplos, igualmente vãos e ridículos: se, indo andando dois companheiros, passava por meio dêles alguma pedra, ou cão, ou menino; se, ao sair de casa tropeçavam, (que neste caso tornavam a recolher-se); se, ao calçar-se, sucedia espirrar, que então tornavam para a cama; e também ali aponta o agouro das doninhas roendo os vestidos. Se, estando à mesa, sucedia espirrar a pessoa muitas vezes, acudiam os amigos e comensais a afugentar o agouro com deprecações de prosperidade. Porventura que daqui tivesse princípio a cortesia, que hoje usamos, quando alguêm espirra, se bem outros o atribuem a causa mais religiosa e pia.

Foram também grandes observadores das palavras que ouviam a outrem, applicando-as a desígnio próprio, como repostas dirigidas por superior causa. Do imperador Augusto escreve Glicas que na noite antecedente à batalha Actiaca, (1) encontrando no campo um homem em um jumento, lhe perguntou como se chamava.

(1) Batalha de Actium (31 a. C.)

— Eu, disse êle, me chamo Eutiques (quer dizer «feliz»), e o meu jumento Nicon (quer dizer «vencedor»).

Daqui tomou sinal de que havia de vencer, como venceu felizmente; e, edificando uma cidade, a que pôs o nome de Nicópolis, colocou nela duas estátuas de bronze, uma de um homem, outra de um jumento.

Semelhante caso traz Valério Máximo de Paulo Emílio, a quem encarregara o Senado a empresa da guerra contra os Persas. Ao entrar em casa, lhe saíu ao encontro uma sua filhinha, mostrando tristeza no semblante, e, preguntada a causa, disse:

— Morreu o *Persa* (era um cachorrinho de estrado (1), que tinha êste nome). E Paulo entendeu daqui que havia desbaratar o *Persa*.

Tôdas estas observações vãs procedem do apetite de saber futuros e sermos ditos, no qual costuma misturar-se o demónio, para nos encher o entendimento de

(1) Hoje diríamos: *de regaço*. O *estrado* era o assento de madeira, largo e raso, pouco erguido do chão, onde as mulheres se sentavam a coser.

erros e o coração de temores e suspeitas, com que fiquemos mais miseráveis por vício, do que o somos por natureza.

Outras vezes os homens, fazendo officio de demónios, armam o fundamento dêstes enganos, como fêz certo sacerdote que, furando subtilmente os olhos de uma imagem, pelos lagrimais lhes enxeria por detrás uns sarmentos de vide cortada em Abril, com que parecia que a imagem chorava; e o povo, amedrontado, formava daqui várias interpretações infaustas.

Importa, pois, que desprezemos agouros e deixemos observações vãs, que não servem de mais que inquietar o espírito e cativar a liberdade de nossas acções.

(Nova Floresta, «Ignorância, Sciência»).

XX

OS SETENTA CAMELOS

Frontônio, verdadeiro servo de Deus, aproveitando cada dia mais no estudo de o temer e amar, concebeu horror à vida comum nos povoados, e desejo de outra mais segura nos desertos. Convocados, pois, outros sócios do mesmo espirito (que seriam sessenta, entre todos), lhes falou assim:

— Que temos nós, irmãos, com êste mundo miserável e maligno? Renunciar sua companhia e vaidades quanto pudermos, é o que nos importa para conseguirmos a vida celestial. Vamo-nos ao ermo, sem levar conosco cousa alguma, onde pelo exercício das virtudes, e da oração, mãe de tôdas, nos façamos discípulos do mais alto magistério do Espírito Santo, para alcançarmos a felicidade que não perece, entrando na nossa origem, donde saímos.

Ouvida a proposta, abraçaram a resolu-

ção, sendo uniforme o parecer de todos E, levando consigo não mais que umas sementes de hortaliça e uns sachos acomodados para cultivar a terra, partiram alegres e as-sentaram sua habitação entre as incultas brenhas e bruta penedia do deserto, ou, para melhor dizer, em Deus, porque em Deus moravam, pelo contínuo exercício de sua presença, e Deus nêles, pela assistência e auxílios de sua graça. E Frontónio não orava só por si, mas por todos, lembrado do que disse o Apóstolo S. Paulo:

— Não busco o que é útil para mim, se-não a muitos, para que se salvem.

Passado assim algum tempo, já o era de serem tentados pelo comum adversário. O qual lhes começou a sugerir ao pensamento como a vida dos solitários era duríssima e insuportável, que mais acertada eleição fôra habitar no povoado. Daqui procederam a murmurar interiormente, dizendo:

— ¿ Para que quis Frontónio, nosso Pa-dre, que os racionais vivessem com as fe-ras, e a carne humana conversasse (1) com os troncos e com as pedras? ¿ Porventura os

(1) = convivesse.

que moram nas cidades e vilas não se podem salvar, e só quem vive só há-de ver a Deus? ; Não fazem êles também obras santas e louváveis? ; Quem há-de passar esta vida sem comer, a modo de anjos, se enfim não somos anjos, senão homens? Dormir pouco, trabalhar muito e jejuar sempre, ; como se podem concordar? Diga-o a extrema debilidade dos nossos joelhos, em que apenas nos podemos suster.

Ouviu Frontónio o murmurinho; e, antes que se bandeassem e viessem juntos a lhe propor alguma novidade, já empenhados nela, se antecipou, dizendo-lhes com paternal caridade:

—; Para que irritais a Deus, murmurando dentro em vossos corações e dizendo que não se encerra o servir a Deus só em viver solitário: não podemos viver a modo de anjos: falemos ao Superior para nos mudarmos ao povoado, porque ali, sendo vistos, seremos socorridos? Pois tende por certíssimo que Deus não desampara ao justo, nem o deixará perecer à fome. E também podereis lembrar-vos do que disse S. Paulo: Que passava a vida em misérias e trabalhos, em desvelos, fome, sêde, muitos jejuns, frios e desnudez. E mais, atêgora,

no deserto nunca vos faltaram raízes de ervas, nem ficastes dia algum sem comer. Trazei também à memória a sentença do nosso Salvador, quando disse a seus discípulos: Não queirais cuidar no que comereis ou bebereis, ou com que vos cobrireis, porque estes cuidados são da gentilidade, e bem sabe o Senhor o de que necessitais. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e o seu agrado, que tudo o mais vos será acrescentado. Porque, se êle dá de comer aos passarinhos e não desampara os corvos, ¿ como poderá desamparar a seus servos, que o trazem no coração e buscam sua presença pela oração contínua? Isto disse o santo abade; e, acrescentando a sentença, que acima fica referida, concluiu:

— Eia, pois, irmãos, não haja mais murmurar contra Deus. Não nos suceda o que, por semelhante pecado, neste mesmo deserto sucedeu ao seu povo, quando lhe enviou a praga das serpentes de fogo. Esperemos; que o Senhor virá quando nos convenha e êle fôr servido.

Com isto a murmuração cessou por algum tempo; mas a tristeza não se desterrou daqueles corações.

*

*

*

Sucedeu neste comenos quã, estando na cidade dormindo na sua cama certo homem mui abundante dos bens da fortuna, um anjo do Senhor lhe appareceu em sonhos e disse:

— Tu te regalias e banqueteias e vives em fartura; e a meus servos no deserto até pão falta; levanta-te daí, e madruga, e reparte com êles do que te darei em abundância, que já para êste fim to dei, e para te constituir curador do meu rebanho. É minha vontade que a tua esmola seja refeição dos meus pobres, que vivem no deserto espiritualmente e se fiaram de mim, que sou seu Senhor. Olha que obedeças sem falta e sem detença, porque, se não, quebrarei contigo e trocarei as mãos.

Acordou o rico, atemorizado; considerou na visão; saltou fora da cama antes que a primeira luz apontasse; mandou convocar seus amigos, parentes e criados fiéis; e, estando juntos, lhes relatou o sucedido.

— Eu (disse) estava a bom levar dormindo esta noite no meu leito; eis que vejo um anjo do Céu, o qual me disse:

— Tu aqui, nadando em regalos, e meus servos no ermo, sem pão; levanta-te e manda-lhes de tudo o que te dei, que eu te faço procurador do meu rebanho. E ameaçou-me, se não obedecesse prontamente. Eu me acho, por uma parte, carregado com um preceito de Deus; e, por outra, totalmente ignorante de como hei-de cumpri-lo. Dar esmola, sim, quero: mas não sei a quem; vêdes aqui abertas as mãos que hão-de dar; porém as que hão-de receber, não as vejo. ¿ Que deserto, que rebanho, que servos de Deus são estes? Por isso vos enviei a chamar, para ver se, entre tantos e mais velhos que eu, descubro alguma notícia que sirva ao presente caso, ou algum conselho que nêle me dirija.

Proposta assim a questão, não teve outra reposta que o pasmo dos circunstantes. Voltando uns para os outros, e encolhendo os ombros, mudamente confessavam que não sabiam. Nem era fácil o sabê-lo, porque o tal rebanho fizera o seu aprisco no recôncavo de um fragoso monte, desconhecido de qualquer pessoa humana.

Passado, pois, aquêle dia, entrou a noite, e entrou também o mesmo anjo a intimar a

sua ordem, já não só de palavra, mas juntamente com obra, fustigando ao pobre rico com açoutes, que se deixavam bem explicar no que requeriam; e, de mais a mais, prometendo à maior detença maior severidade. Não lhe ia ao homem tão bem na cama que se deixasse de levantar diligente. Tornou logo a pedir conselho aos seus, e juntamente que se informassem de outros. E, mostrando os vergões e feridas:

— Eis aqui (dizia, não sem lágrimas) como eu vos falo verdade, e como o anjo me fala de rijo; terrível procuradoria é esta, que nem posso renunciá-la, nem servi-la.

A isto todos calavam, porque nenhum sabia do retiro e estância daqueles vivos a Deus e mortos para o mundo. Porém um dos circunstantes, que era dotado de maior prudência, falou assim;

— Se quereis, senhor, tomar o meu conselho, creio que vos será saúdável. Vós tendes setenta camelos; carregai-os de tudo aquilo que se deixa entender poderá necessitar gente que vive retirada da correspondência com o povoado; e lançai-os todos em récua pela estrada que leva para o deserto. Se o negócio é de Deus, êles irão e tornarão salvos, porque quem vos tangeu a vós os

tangerá a êles. Mas, se é embuste do demónio, que tem licença de vos sangrar por esta via os cabedais, sofrei com paciência, que mais danoso será resistir-lhe. E, se êste voto vos descontenta, buscai melhor conselheiro.

A todos pareceu bem o arbítrio. E em continente o rico, começando a servir a sua procuradoria, ocupou tôda a família, (1) que era mui numerosa; e fêz carregar sessenta e cinco camelos de vários gêneros comestíveis, e os outros cinco do mantimento próprio para os mesmos camelos, discorrendo consigo que, se alguêm os encontrasse sem guia humana, teria compaixão dêles e à mão com que os socorrer. E logo, enfileirados uns aos outros pelos cabrestos, e pendurada no dianteiro sua campainha, os pôs na bôca da estrada, sem mais outra guia que a Divina Providência, a quem encomendou sua fazenda, com muitas lágrimas; e um servo seu viu que tôda a récua caminhou direita, costeando as raízes de um monte, até que desapareceu de vista.

(1) = criadagem.

✽

✽

Ao quarto dia desta partida (como depois se entendeu), estando os monges, à hora de nona, congregados na obra de Deus (que assim chamavam à oração), chegou o camelo dianteiro a parar, dobrando as mãos, à porta da ermida onde êles estavam psalmeando; e com o estrépito das muitas vozes não perceberam o tinir da campainha. Só o santo abade, que estava mais junto à porta, e, por esta ser mui estreita, ocupava-a tôda com a sua estatura, foi o que primeiro viu e se alegrou com a bênção que Deus lhes mandava, em desempenho de sua fidelíssima providência. Mas, sem mostrar no gesto novidade, deixou perfazer os divinos officios. E então, levantando a voz, lhes lançou em rosto a sua desconfiança e pusilanimidade, dizendo:

— ¿ Onde estão agora as vossas queixas, onde as vossas murmurações? Saí fora, e vereis se tem Deus cuidado dos seus em qualquer parte.

E logo, tomando semblante de amoroso pai, continuou:

— O Senhor inspirou a um homem de

prudência e cabedais que nos mandasse a fartura que vêdes. Vinde, descarreguemos estes animais, e demos-lhes seu penso, que veem cansados.

Então os monges, levantando todos as mãos ao céu, e cheios seus olhos de gozosas lágrimas, e seus corações de alegria e novo vigor de espírito, deram muitas graças a Deus; e começaram a descarregar os camelos, e lhes lavaram os pés, e dos seus mesmos aparelhos lhes fizeram mangedouras, e lhes lançaram o comer, que vinha prevenido nas cinco cargas; e, além disso, lhes deram refrêscos de muita erva, que foram colher pelas partes daquele sítio que já conheciam. E logo no outro dia de manhã, Frontónio, por evitar em si e nos seus o vício da avariza, mandou que de tudo o que fôra trazido ficasse só metade; e a outra a tornassem a pôr nos camelos, distribuída igualmente por todos, para ser igual o alívio da carga. E d'êste modo os remeteu outra vez pelo deserto, como quem repartia com o dono da oferta as sobras do convite que êle fizera a Deus em seus servos.

*

*

*

Estava aquele rico um dia (era já o oitavo) em sua casa com seus amigos, os quais o consolavam no cuidado que o afligia acêrca do successo que haveria tido a sua fazenda. Quando um dêles, que tinha o ouvido mais esperto, percebeu ao longe, com uma rajada de vento, o som da campainha. E, applicando-se mais, disse:

— Eu cuido que ouço a campainha da vossa récua desde a altura daquela serrera.

Saíram todos, e não tardou muito que se certificaram da verdade, vendo, com grande alvoroço, todos os setenta camelos, do modo que os tinham mandado, sem desastre nem lesão alguma. Deram a seu amigo os parabens do feliz successo daquela emprêsa. O qual, alegre excessivamente, e fazendo estimação do espírito dos servos de Deus, que não haviam querido aceitar mais do que por então necessitavam, fêz um grandioso banquete geral para muitos pobres, pelos quais repartiu também o retôrno que viera do deserto, tomando êle para si, e dando a cada amigo e parente, sua parte naquêle que re-

putava mimo de Deus, em que tocaram as mãos dos seus servos.

E dali por diante (enquanto viveu o santo Abade) cada ano, por aquele mesmo tempo, os provia de todo o necessário, entrando também na oferta outros homens ricos, em cujos corações o Senhor, por meio dêste maravilhoso exemplo, espertara êste affecto de caridade. E, por outra parte, Frontónio cuidava com grande vigilância de os sustentar com o alimento da palavra de Deus, exortando-os, juntamente com suas virtuosas acções, a fazerem grandes progressos no caminho do espírito.

(Nova Floresta, «Confiança em Deus»).

XVI

A VIDA É MORTE

AUM vaso de vinho misturado com três partes de água não chamaremos com razão vinho; nem a um pouco de açúcar envolvido em três tantos de sal chamaremos com razão açúcar.

Logo, se eu mostrar como a nossa vida é misturada, ao menos, com três tantos de morte, provado ficará que lhe não devemos chamar, absoluta e simplesmente, vida, pois vai o seu vigor tão aguado e a sua doçura tão salgada com as propriedades da morte.

A primeira parte de morte, que anda misturada com a nossa chamada vida, é ser esta sucessiva e transeúnte, tão pelo miúdo, que não é possível lograrmos dela dois instantes juntos, porque, para adquirirmos um, é fôrça perdermos outro, que por isso a mulher de Técua a comparou não à água que está em um tanque ou lago, senão à que

vai correndo. (1) E isto é o mesmo, sem dúvida, que ir morrendo por partes.

Por isso Filo, o discretíssimo entre os Hebreus, disse que cada idade era morte da outra antecedente idade, dando-nos a piedosa mão de Deus êste amargoso cálice da morte a tragos, e misturado com o cálice da vida, para no fim acabar de nos dar as fezes, que é a última morte de tôdas as outras mortes antecedentes, a qual é fôrça que bebamos todos os filhos de Adão, uma vez que todos nêle pecamos.

Porêm S. Paulo estes intervalos de morte a morte não os pôs distantes de idade a idade, senão de dia a dia: *Quotidie morior*. (2) E pela mesma razão o papa Inocêncio III os pôs de instante a instante; nem pode deixar de ser assim, uma vez que o cálice da vida se bebe por instantes líquidos e nêle vai delido o da morte.

A isto atirou (3) também um poeta étnico, Horácio, dizendo que os anos da nossa vida eram ladrões da mesma vida. E outro, cris-

(1) Vide 2.º Livro dos Reis, xiv, 14.

(2) = Cada dia morro... (2.º aos Corintios, xv, 30).

(3) = aludiu.

tão, dizendo que desde o berço se ia formando a tumba, porque a árvore da mesma vida leva em si sementes da morte.

E outro a um amigo, que lhe preguntara que anos tinha, respondeu discretamente que nenhuns, porque os que tinha eram os mesmos que não tinha:

Preguntas-me com empenho

Pela idade, e que anos somo.

Respondo: — Nenhum. — E como?

— Os que tenho, já os não tenho...

Mas esta nossa vida outra maior parte tem de morte, por ser vida limitada, finita e, enfim, mortal. Desde que nascemos, e ainda antes de nascermos, já de certo vamos caminhando para a morte. A vida que Deus tinha dado a Adão antes do seu peccado, e que nós todos havíamos de lograr, era vida viva; estoutra, que, chamada por Adão, entrou em seu lugar, é vida morta, como dizem os Santos Padres. Porque, assim como, separando-se a alma do corpo, fica êste morto; assim, separando-se da nossa vida a alma da mesma vida, fica morta esta vida. E qual é a alma da vida? A immortalidade. Tirando-se logo à nossa vida o ser immortal, e que havia de ficar

senão o cadáver dela, que é a vida mortal que agora trazemos às costas?

Quantos homens há, tantos cadáveres somos; quanta carne do pecado, tanta cinza da morte. Se assim não fôra, não diria Deus e a Igreja a todos nós, que somos agora em vida o mesmo pó e cinza que havemos ser na morte: *Pulvis es, et in pulverem revertaris*. Como quem diz: Então sereis mortos, e já agora também de algum modo sois mortos: então pó e cinza; e já agora também cinza e pó; porque se ausentou a alma da nossa vida, que era a immortalidade, e assim ficou vida morta.

*

*

*

Usa a morte com o homem os mesmos termos de crueldade e vexação que usou aquele rigoroso acrédor do Evangelho com o servo que lhe devia cem dinheiros. Diz o sagrado texto que o pobre, prostrando-se a seus pés, lhe rogava que esperasse pela paga, prometendo que lhe satisfaria inteiramente.

Racionável parece esta petição, e mal cuida alguém que a morte se leva disso?

Quer que já de presente lhe comecemos a pagar, e tanto nos aperta a garganta, que um Job nem engulir a sua saliva podia. As doenças e achaques são os seus sacadores, que ela manda para arrecadar a sua dívida, ao menos em pagelas (1); e estes sacadores parece que nos querem tirar os olhos, pois só dos olhos, diz Galeno, há cento e quinze diferentes doenças.

A corrupção e os bichos, que, conforme dizia o mesmo Job, são nossos pais, não se contentam com ser nossos herdeiros forçados na sepultura, senão que nos querem herdar em vida. E, ainda que a morte não faça logo a última execução, todavia leva de casa penhores ou usuras: a uns o sentido da vista, a outros o dos ouvidos, a outros algum braço, ou perna, que lhes balda (2). Porque todo o uso dos nossos sentidos e membros eram partes da dívida do pobre devedor, e depois ficam sendo partes da morte.

¿ Não é tudo isto verdade? Já há muitos séculos que o tinha dito o filósofo Xenocrates, discípulo do divino Platão.

(1) = parcelas, prestações.

(2) = inutiliza.

E ainda que a morte se não penhore em doenças e aleijões, sempre tira para um seu irmão muito parecido com ela — que é o sono — a quarta ou terça parte da vida; que não é pequena miséria ser necessária para sustento da mesma vida esta quotidiana contribuição à morte...

Porém não só os defeitos e misérias do corpo nos diminuem e apoucam a vida, senão também os defeitos e misérias da alma. Porque, como disse Séneca, a puerícia a leva a ignorância; a mocidade a arrebatada o furor cego da sensualidade; na idade do meio (que era o mais bem parado da vida) prendem a inveja, ira, cobiça e ambição; últimamente a velhice fica para as doenças a pasto...

(*Nova Floresta*, «Bem-aventurança, etc.»).

A DIVINA FIANÇA

EM Constantinopla houve um homem de bons respeitos, por nome Teodorico, que, desejando alar-se da grande pobreza em que caíra, pediu dinheiros a usuras a um judeu riquíssimo, para empregar em vários géneros e mercenciar com êles.

Pediulhe o judeu fiador, que fôsse dita boa (1), e Teodorico, valendo-se da sua fé (bens de raiz em Cristo, que a fortuna não pudera levar-lhe), lhe ofereceu por fiador ao mesmo Cristo, se êle o quisesse aceitar.

—Eu, disse aquele infiel, não tenho o vosso Cristo por Deus; mas basta-me que fôsse homem justo e profeta; e assim o aceito, se êle sair à fiança (2).

(1) Hoje diz-se *firma boa*, *bom nome*, *fiador bastante*.

(2) Sair à fiança = obrigar-se por fiador (Morais, *Dic.*)

— Vós bem sabeis, tornou Teodorico, que dar-vos a Cristo em pessoa não me é possível, mas darvo-lo hei em imagem. Vamos à igreja, e estai de bom ânimo, que eu sei que há-de desempenhar-me no dia em que conclavarmos; além de que, eu, em todo o caso, ficarei por vosso escravo e com obrigação de principal devedor, para dar-vos o dinheiro.

Reduziu-se o judeu aos partidos do cristão, porventura que com maligna intenção de se vingar depois na sagrada imagem, se não arrecadasse o empréstimo; ou de tentar a Deus, a ver o que sucedia; ou, o que é mais certo, porque o mesmo Deus lhe quis tocar o coração para o fim que logo referiremos.

Entrados, pois, em uma igreja de Nossa Senhora, onde estava a sua imagem com o Menino Deus nos braços, Teodorico, depois de adorar e orar, comunicando-lhe os apertos da sua necessidade e implorando os favores da sua misericórdia, levantou-se e, pegando da mão do Menino, ajuntou com ela a do judeu, em fé de que se lhe obrigava como fiador. E logo o judeu, voltando para casa, lhe entregou o dinheiro diante de testemunhas.

Teodorico fêz o emprêgo que lhe pareceu mais seguro e rendoso; e, fretando uma nau, se embarcou com a fazenda para Alexandria, famoso empório do Egipto. Onde, como a mesma pessoa que escolhera por fiador fazia também a de seu parceiro e agente, em breve tempo fêz tais avanços que pôde carregar outras náus por sua conta. Porém esqueceu-lhe o dia certo, em que havia de pagar, não lhe lembrando senão à véspera — descuido de que tomou grande pena e tristeza, vendo como, por culpa sua, ficava o seu fiador desacreditado com os infiéis, que sem dúvida haviam de blasfemar e escarnecer, quando êle o tinha ajudado e favorecido tão copiosamente, que pudera ter satisfeito muito maiores dívidas.

Enfim, achando que êste negócio não havia de ter remédio senão por via da mesma fé por onde tivera princípio, fêz consigo esta conta:

— A mim basta-me pagar ao meu fiador, que, como Deus, está em tôda a parte, e êle poderoso é para mandar entregar o dinheiro na mão do crêdor antes de passar o dia e hora assinalada.

Dizendo isto, contou a moeda e a meteu em uma caixinha bem cerrada, e com le-

treiro que dizia: «Recebe, Abraam (assim se chamava aquele onzeneiro), o dinheiro que me entregaste». E logo naquela mesma noite, antecedente ao dia da paga, vai-se à praia e entrega a arquinha às ondas, dizendo:

— Senhor, por êste mar, que é criatura vossa, e em que continuamente estais mostrando o braço de vosso poder, mandai esta vossa dívida à mão de quem toca, a tempo que a vossa, que lhe destes de meu fiador, fique desempenhada.

¡Caso maravilhoso! Aquela noite foi a caixinha navegando largos mares, e pela manhã se achou arrimada à parede da casa de Abraam, que morava junto à língua (1) da água.

Saindo um criado, e reparando nela, lhe quis lançar mão; porém ela lhe fugiu para dentro do mar. Foi dar conta disso a seu amo; veio êste, e a caixinha logo abordou; êle a recolheu e, sentindo o pêso, lendo o letreiro, recordando que o presente dia era o final do prazo concertado com o seu devedor, não deixou de admirar-se do caso, porém logo lhe veio outra onda de infideli-

(1) à beira da água.

dade, attribuindo-o a mero acaso. Guardou o dinheiro, que era taxadamente a quantia do empréstimo e usuras; e meteu a caixinha debaixo da cama.

Passados alguns tempos, soube como Teodorico chegara a Constantinopla muito possante; foi logo a falar-lhe e pedir-lhe satisfação da sua dívida. Respondeu Teodorico que já lhe tinha remetido o seu dinheiro. Negou Abraam havê-lo recebido.

Devolveu-se a causa a um juiz, o qual mandou que, presentes as partes diante daquela mesma sagrada imagem, jurasse o credor como não estava pago. E o judeu, carregando uma iniquidade sôbre outra, tomou diante de muitos sôbre si o juramento falso. Mas apenas tinha proferido a palavra, quando o Menino Deus, falando claramente pela sua imagem, lhe disse:

— ¡Mentes! que em tal lugar e tal hora recebeste e contaste o dinheiro, e escondeste a arquinha dêle debaixo da tua cama...

Ficaram todos os presentes admirados de caso tão patente, tão raro e tão maravilhoso. ¿Contra testemunha tão abonada, que podia replicar o pérfido? Confuso e convencido, declarou tôda a verdade. E logo, entrando a luz sobrenatural a descobrir-lhe

outras verdades que mais lhe importavam, pediu humildemente ser instruído nos mistérios de nossa santa fé, e recebeu o sagrado baptismo; e outros muitos de sua família e nação seguiram o seu exemplo publicamente, com grande alegria da Igreja e glória de Deus, autor de todo o bem.

(Nova Floresta, «Confiança em Deus»).

PIQUES E DESPIQUES

ACHOU-SE Mem Rodrigues de Vasconcelos, capitão valorosíssimo, em um recontro com os castelhanos, em que êles ficaram melhorados. E, sabendo isto el-rei D. João I, disse, estando à mesa:

— Bem parece que nos faltaram hoje os Cavaleiros da Távola Redonda.

Respondeu Mem Rodrigues:

— Não faltaram, por certo; que ali se achou fulano, que vale tanto como Rainaldo; e fulano, que vale tanto como D. Galeaz; e eu, que me não tenho em menos conta que D. Roldão; mas faltou o conselho del-rei Artur, por quem êles se governavam.

O nosso famoso historiador Faria e Sousa refere êste dito com alguma variedade accidental. E acrescenta que o rei, recobrando-se, respondeu, como quem se emenda:

— Nem eu me lançava de fora dêsses

cavaleiros, porque também Artur era um deles. Como quem diz: se vos culpava de pouco valorosos, também me culpava a mim, que vos fiz companhia.

O recontro foi o intentar el-rei tomar a cidade de Cória, e não lhe sucedeu como desejava, com que se houve de retirar sem levá-la.

*

*

Artur foi um antigo rei de Bretanha, famoso em proezas bélicas, que introduziu em Inglaterra o estilo, que já havia em França, de comerem em mesa redonda, por escusar precedências, os cavaleiros esforçados, antes ou depois de sair aos seus desafios e aventuras; e detrás de cada um deles estava em pé o seu armígero, ou paagem de armas.

Êste Mem Rodrigues de Vasconcelos foi capitão valoroso e levou à sua conduta a ala direita do nosso exército na memorável batalha de Aljubarrota. Do nome Mem há outros varões ilustres nas nossas histórias, como Mem do Vale, Mem Laude, etc. Parece abreviatura de Mendo, como Rui de Rodrigo, e Jaime de Jácome ou Jacobo;

ou pode ser nome de terminação exquisita, que ficaria do tempo dos Gôdos, como Fuas, Egas e outros semelhantes. O apelido Rodrigues (família nobre, que traz por armas águias e flores de lis) é patronímico de Rodrigo, ou por melhor dizer Rudrigo, como claramente mostra Morales, nas notas à vida de S. Ruderico, sacerdote espanhol, martirizado em Córdova.

Quanto ao apelido Vasconcelos (família também ilustre neste Reino), Leitão de Andrade nos seus «Diálogos», dando por autor ao padre António Soares de Albergaria, no livro dos brasões e armas de Portugal, diz que, mandando um rei de Leão a certo cavaleiro à conquista de uma praça de mouros, êle lhe obedecia de má vontade, por temer que, em ausência sua, lhe ganhasse certo rival, ou competidor, uma senhora com quem pretendia casamento; e que o rei, alcançando êste seu receio, lhe disse:

— Vás con zelos; mas vai, que eu te guardarei.

E assim o fêz, casando-o depois com ela; e daqui tomaram seus filhos por sobrenome Vasconcelos. Porém o mais certo é que o tomaram de um lugar assim chamado.

*

*

*

Palavras ásperas e picantes costumam sofrer-se mal; e assim convêm (1) expor-se a pessoa a tiro da reposta irreverente ou talvez contumeliosa; do que não está livre, por alta que seja a sua esfera.

Quis el-rei D. Sebastião ocupar em um pôsto ultramarino a certo fidalgo, o qual não lho aceitou, pelo discómodo que consigo trazia. Instou el-rei em que obedecesse ao seu serviço; e teimou o fidalgo em escusar-se. Disse el-rei, enfasiado :

— Por isso vos criais tão grandes bochechas.

Respondeu o fidalgo:

— Eu lhe prometo a V. Alteza que as não veja mais.

E, saindo-se da sua presença, se passou a outro reino com sua família.

Mais desarrazoada e sôlta foi a descortesia que o infante D. Fernando usou com el-rei D. João III, seu irmão.

Estando uma noite só com êle e com a

(1) = acontece.

rainha D. Catarina, disse-lhe el-rei que espevitasse as velas (eram só duas, e os murrões tinham crescido). Levantou-se o infante; e, ao espevitar uma, ou fôsse acaso, ou de propósito, apagou-a.

Disse el-rei: ¿Apagareis agora a outra também?

Respondeu: Apagarei.

E apagou-a.

Não é louvável esta desconfiança; porém aqui se mostra quanto é vidrenta e ressentida a honra humana (especialmente em Portugueses), tanto que se presumiu menos estimada.

Estando sangrado um senhor grande d'êste Reino, que participava do sangue rial, supposto que por bastardia, mandou as duas tigelinhas da sangria a um certo Martim Barbuda, que blasonava fidalguias, com êste recado:

— Se queria ser fidalgo, bebesse daquele sangue.

Respondeu êle, picando-o com outra lanceta mais apontada:

— Que lhe mandasse dizer de qual das duas tigelinhas havia de beber, para ser fidalgo.

Se se escusara dizer o pique, escusara-se

ouvir o despique. Havemos de entender que as palavras nos ouvidos do próximo são como sementes entregues à terra, que rendem o seu fruto conforme a sua espécie: se são de louvor, rendem louvor; se de agradecimento, rendem agradecimento; e contumélia, se são de contumélia.

(Nova Floresta, «Conselho»).

DUO IN CARNE UNA

QUANDO foi assumto ao trono apostólico o cardinal Sinibaldo, que se chamou Inocência IV, o imperador Frederico (por quem a Igreja padeceu graves perturbações), estando inteirado de sua resolução e constância, disse :

— Grande amigo perdemos no cardinal Sinibaldo; e grande inimigo ganhámos no papa Inocência.

O sentencioso do dito de Frederico consistia em introduzir nêle a pessoa do pontífice, como se fôsem duas diferentes. E dêste modo se encontram pelas histórias outras muitas sentenças, ou respostas semelhantes, umas sérias outras jocosas, e outras também espirituais.

Mostro brevemente de cada espécie um par. Perante Filipe, rei de Macedónia, requeria Machetas sua justiça. Dormitou o rei, e depois sentenciou pouco conforme à razão.

— ¡Apelo! (clamou Machetas) E o rei, indignado, perguntou para quem.

Respondeu, pronto :

— Del-rei dormindo, para el-rei acordado.

*

Ao duque de Orléans, subindo a empunhar o scetro, sugeriram alguns :

— Agora pode V. Majestade tomar satisfação dos agravos que tem de seus émulos.

Mas respondeu, generosamente :

— Não vinga el-rei de França os agravos do duque de Orléans.

*

O seguinte caso é de duas pessoas que, trocando-se, cada uma fêz discretamente o papel da outra.

Deitando-se a dormir el-rei Filipe, o Prudente, uma tarde em que havia de ir a umas festas, disse a D. Diogo de Córdoba, seu camarista, que o despertasse a tempo. Dom Diogo se ficou adormecido em uma cadeira.

Acordou el-rei, e, chegando-se a Dom Diogo, lhe disse :

— Desperte V. Majestade, que é já tarde.

Acordou Dom Diogo, e no mesmo ponto respondeu :

— Deixa-me dormir, Dom Diogo, que ainda não é hora.

*

Siga-se rei a rei :

Andava D. João II, de Portugal espairecendo pelas ribeiras do Tejo, e disse, a alguns ministros de justiça que o acompanhavam a cavallo, que corressem. Respondeu um, em nome de todos :

— Nós não sabemos correr, senão atrás de ladrões.

Tornou el-rei, gracejando :

— Pois correi uns atrás dos outros...

Esta palavra pesada é a de que os que não queriam correr podiam correr-se (1); porém o modo com que o rei a disse a podia fazer leve.

■

Viu um ermitão ao arcebispo de Colónia armado em campo, entre tropas de soldados, e admirou-se. Disseram-lhe que era juntamente duque, e fazia como tal a sua obrigação. Respondeu, dando à cabeça:

(1) = envergonhar-se.

— ¿ E se o duque, morrendo repentinamente, fôr ao inferno, onde há-de ir o arcebispo ?...

*

Tinha-se convertido a Deus certo mancebo; e, sucedendo encontrar-se em outra terra com uma mulher que fôra ocasião de seus vícios, fêz que a não conhecia. Ela chegou-se, e, descobrindo o rosto, disse com modo carinhoso:

— Eu sou aquela...

Respondeu, dando ao passo:

— ¡Pois eu não sou aquele!

(*Noaa Floresta*, «Constância e inconstância»).

XXV

JÓGO

BUSCANDO uma pessoa alguma significação moral dos seis pontos dos dados, disse outro companheiro:

— Significam seis fôrças. A primeira merece o jogador, a segunda o seu parceiro, a terceira quem os ensinou, a quarta os mirões, a quinta o que dá a casa do jôgo e a sexta o príncipe, ou magistrado, que consente estas casas.



De uma mulher tãful conta Palafox que no artigo da morte, dizendo-lhe os que lhe assistiam que invocasse o nome de Jesus, respondia: *Envido*; (1) «Chame pela Vir-

(1) *Envidar*, termo de jôgo, significa: parar mais e provocar ao parceiro que aceite a parada. *Topar* é aceitar a parada assim proposta (Morais, *Dic.*)

gem Maria», respondia: *Topo*. E assim expirou.

O demónio foi o que nesta última mão envidou o resto de suas tentações, e lhe to-
pou e ganhou a alma, ao que se pode sem
temeridade presumir de tão ruins jaculató-
rias (1) naquele terrível transe e passo tão pe-
rigoso.

*

Dos Germanos antigos escreveu Tácito
que tanto se empenhavam neste exercício
de jogar que, perdido tudo, chegavam a
parar a liberdade e o corpo.

Mas, enfim, estes homens eram gentios.
¿Quanto maior barbaridade e cegueira é
que um cristão chegasse a jogar os pró-
prios olhos da cara? E isto sucedeu em ter-
mos (2) a S. Franco, ao princípio soldado de
vida estragada, e depois religioso do Carmo
e canonizado por santo.

Estando no jôgo, perdeu até os vestidos;
do que tomou tal raiva que, tocando com
os dedos nos olhos, disse, com língua blas-
fema:

(1) = orações.

(2) = nestes termos exactos, preciso

- Paro estes em teu desprêzo, oh Deus que mos destes.

¡Horrendo caso! imediatamente sentiu nêles fogo, que lhos abrasou. E, quando ficou cego, começou a ter luz na alma. Tão perfeita foi a sua conversão, que a sua festa se celebra na Ordem a dezassete de Dezembro.

*

Não é meu intento nestas regras condenar absolutamente todo o jôgo, pois algum pode ser honesto e pertencer à virtude da Eutrapélia, que é a moderada recreação do corpo e espírito.

Mas, para ser assim, há-de ser conforme à regra que ditou Plutarco, dizendo que se há-de jogar jogando: *Ludendo ludendum est*. Porque jogar jurando, jogar blasfemando, trapaceando, delapidando, tresnoitando, empenhando, etc., não é jôgo jôgo, é jôgo furor, jôgo ladroíce, necedade, injustiça. Pois, como os homens, uma vez que se costumam a jogar, não jogam jogando, muito melhor é jogar nunca e buscar, em lugar desta, outras recreações que há, mais honestas e deleitáveis, e menos custosas e arriscadas.

*

Sendo consultado (1) a el-rei Filipe II, de Espanha, em um bom lugar certo cavalheiro, dilatava o despacho, porque sabia que era jogador. Mas, vendo que o apertavam os muitos amigos que tinha de dentro, pôs à margem da consulta:

— Quando não jogue.

Prudente resposta, porque, sendo tão breve, tinha juntamente ser clara, repreensiva do pretendente e de seus padrinhos, e exortaria à emenda, e entretanto cortava repetidas instâncias.

Queria êste pretender officio na república sem largar o outro da casa do jôgo, que, para se servir ao uso, necessita de um homem inteiro. Havia de vir a viúva ou o forasteiro buscar o seu despacho ou falar no seu negócio: «ainda o senhor D. Fulano está recolhido»; espera horas e horas. «Está dormindo, porque se recolheu mui tarde.» ¿E porque se recolheu tarde? Porque gastou a noite com os cotovelos sôbre a mesa e os

(1) = propôsto para provimento em qualquer cargo.

olhos fitos no taboleiro de xadrez ou nos pontos dos naipes. Pois : *Quando não jogue.*

Já, se o officio fôsse de fazenda, jôh que perigosa estaria a fidelidade em uns lances da fortuna que em uma pinta podem despintar os dez e os vinte mil cruzados! E é meu crédito (diz o que perdeu) pagar no seguinte dia por inteiro. Pois : *Quando não jogue.*

Mais: a experiênciã tem mostrado que o homem tãful não sabe governar a sua casa; logo, ¿ como governará a república? Mais: se o jôgo (como se acabou de ponderar) é uma escola de vícios, ¿ porque há-de levar o vicioso os lugares de honra e proveito que se devem aos bons procedimentos? Pois, senhores padrinhos, digam lá ao seu afilhado que :

Quando não jogue...

(*Nova Floresta, «Jôgo»*).

XXVI

PORTUGUESES E ESPANHÓIS

DOM João Telo d'è Meneses, um dos cinco Governadores d'èste Reino que ficaram nomeados por morte do Cardinal-Rei D. Henrique, nunca deu mostras de poder-se corromper com alguma dádiva, ou esperança preciosa, pelo que o Duque de Ossuna avisou ao dito rei, dizendo, entre outras razões:

— D. João Telo, ou cortar-lhe a cabeça, ou trazê-lo sôbre a cabeça.

Queria dizer: ou tira-lo d'èste mundo, se não estava bem à pretensão de Castela, ou fazer d'èle t'oda a estimação, se se atendia aos seus merecimentos.

*

El-rei Filipe IV, quando soube que no primeiro de Dezembro de 1640, pelas nove da manhã, ainda era rei de Portugal (que

de portugueses nunca o foi) e daí a poucas horas já o não era, com mais suave facilidade do que se êle mesmo o demitira, (1) dizem que disse :

— *Perdi el brazo derecho de mi Imperio.*

Não quis Deus fôsse braço de alheio corpo o reino que criara para cabeça de outros reinos, conforme o que disse ao nosso primeiro rei, falando-lhe desde a cruz no campo de Ourique:

A matutina luz serena e fria
As estrêlas do polo já apartava,
Quando na cruz o Filho de Maria,
Mostrando-se a Afonso, o animava.

O que o Senhor lhe disse foi que queria nêle e em sua descendência estabelecer para si um Império : *Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire.*

Querendo entrar neste Reino o dito rei D. Filipe, o Prudente, desde Badajoz pediu ao general um têrço, para vir acompanhado. Disse-lhe D. Cristóvão de Moura:

— Peço a V. Majestade humildemente que

(1) Isto é: do que se êle mesmo demitira a rialeza ou o scetro de Portugal.

não entendam os Portugueses que V. Magestade se não fia dêles, porque nunca lhes conquistaremos assim os corações, que é só o que pretendemos.

Nesta desconfiança descobria não ter amor aos Portugueses, porque (como discretamente disse o padre Eusélio) *Bene sentit amor, ubi se sentit*, quando o amor se sente a si, logo sente bem dos que ama. E ali mesmo ensina a máxima política que o Moura aconselhava àquele monarca, dizendo:

— Nunca o rei viverá seguro sem a fé e amor dos vassallos; e este como o grangeará, senão antecipando-se com outro amor? A única e melhor guarda do príncipe é a inocência e benevolência do seu ânimo; não se vigiará do povo, por cujo bem vigia, nem elle temerá mal do príncipe, cujo mal teme. É grande miséria gastar o rei em defender-se a si os cuidados que havia de empregar em defender a República.

Ninguém mais serve, e melhor,
Do que o amor.
Uma vez que o jugo agrada,
Não é jugo, pois foi pôsto
Sôbre a lei do próprio gôsto,
E por vontade.

*

El-rei D. João I de Castela, quando ouvia admirações de que com tanta e tão luzida gente fôsse derrotado por tão poucos Portuguezes na batalha de Aljubarrota, dizia:

— Pois eu me não admiro; porque tenho por impossível que fôrças algumas bastassem para alcançar vitória de um pai com seis ou sete mil filhos ao seu lado.

Os bons príncipes sempre procuraram merecer o nome de pais do povo, imitando a Divina Providência que, como piedosa mãe, nos traz continuamente em seus braços. Esta felicidade conseguiram particularmente os de Portugal, como reconhecia e louvava a Rainha Católica D. Isabel e o protestou el-rei D. João II na emprêsa, (1) que tomou, do pelicano sangrando-se no peito com o bico, para alimentar e fomentar com o próprio sangue a seus filhinhos. E dizia a letra: *Pro Lege, et pro Grege*: Pela Lei, e pela Grei.

Na sobredita memorável batalha, o campo

(1) == simbolo, emblema.

inimigo, se falamos da gente que pegava em armas, constava de trinta e três mil soldados; o nosso de seis mil e quinhentos. Porém ajudou-nos o Senhor dos Exércitos, que desde a fundação dêste Reino mostrou sempre que o queria separado da coroa de Castela.

Nova Floresta, «Fidelidade, etc.»).

**SENTENÇAS
E AVISOS ESPIRITUAIS**

ENTRE Deus e os homens se atravessa um mar imenso, que são nossos pecados. Porém ninguém desconfie de chegar a salvamento, porque o Salvador, sobre êste mar, fêz de outro mar ponte para passarmos: sobre o mar de nossas culpas, ponte do mar de suas penas; sobre a corrente de nossas maldades, caminho pelas correntes de seu sangue. ¡ Ó Pilôto sábio, que do vosso naufrágio constituístes a nossa salvação; e na tempestade de poucas horas, a bonança de tôda a eternidade!

Deixem embora os moços a consideração e temor da morte para os velhos, se se atrevem a conceder-me que o vidro que hoje sai das mãos do artífice não é tão frágil, como o que saíu há muitos anos. A hora, que a cada um toca, essa o quebra; e tôdas podem

tocar a todos. Desde que o primeiro homem quebrou o preceito de Deus, tão sujeita a se quebrar é a vida de um Abel, como a de um Matusalêm.

Dize-me, pecador de costume: ¿Acaso passarás mais seguramente o rio, quando o engrossaram as cheias? ¿Curarás mais facilmente a febre, quando se apossar das entranhas, e se fizer ética? (1) ¿Vencerás melhor teus inimigos, quando forem mais no número e nas fôrças? ¿Lançarás fora do monte a serpente quando houver vivido nêle por muito tempo, e souber as entradas e saídas? ¿Arrancarás ligeiramente a árvore, quando tenha lançado altas raízes?

Pois sabe que maior engano é cuidares, que não querendo tu agora converter-te a Deus, e arrepende-te de teus pecados, quererás depois, e poderás facilmente.

Ao pródigo e ao avarento falta o mesmo que lhes não falta: porque todos os tesouros da terra e do mar são poucos para tornar, um a lançá-los ao mar, outro a escondê-los na terra.

(1) = tísica.

As obras a que falta a pureza de intenção recta parecem-se com moeda falsa, ou que tem liga. Pelo cunho correm, e muitos se enganam; pelo metal não teem valor intrínseco. Daqui vem que não servem para commerciar com Deus e comprar-lhe o Céu; porque êste Senhor não pode ser enganado.

O que é dotado de verdadeira virtude tem os seus males por fora, e os seus bens por dentro.

Pelo contrário o amigo da glória vã, o hipócrita, o mundano, os seus males estão por dentro, porque são verdadeiros; e os seus bens por fora, porque são imaginados e aparentes.

Entre tôdas as virtudes sómente a humildade se ignora a si mesma: como traz os olhos baixos, e fitos no abismo do seu nada, não reflecte sôbre o seu conhecimento, porque o verdadeiro humilde não presume que o seja.

A melhor cousa dêste mundo, e do outro, é ser Santo. A razão é clara; porque a melhor cousa absolutamente é Deus, e os que mais participam de Deus são os que

neste mundo vivem em sua graça, e no outro em sua glória: e estes são os Santos.

Não tens inimigo mais poderoso, mais astuto, mais emperrado e mais doméstico, do que é teu amor próprio. Se queres errar freqüentemente, sentençaia pelo seu voto.

Quem pelo discurso (1) humano presume esquadrinhar os juízos divinos, sonda o mar com uma bóia; e quem ao juízo divino pretende encobrir os discursos humanos, tapa o sol com um vidro. Porque para a profundidade de seus conselhos tôda a nossa consideração é leve; e para os raios da sua vista todo o nosso coração é transparente. Vidro chamei ao coração humano: ainda mal que se lhe parece em muitas propriedades, porque não só é para os olhos divinos patente, mas também para a impressão de seus avisos duro, e para os golpes do seu castigo, frágil.

Na maior pobreza está encantado o maior tesouro. Dos espinhos dos trabalhos reben-tam as rosas das consolações. O jugo de

(1) = discorrer, raciocínio.

Cristo, sôbre os nossos ombros, converte-se em asas. Pela aniquilação se entra a ser tudo. Abaixando-te, tocarás no Céu. Sofrendo se vive à vontade. Quanto mais atribulado, mais mimoso. Quanto mais te aborreceres, maior bem te queres...

Não há modo de mandar, ou ensinar, mais forte e suave do que o exemplo: persuade sem rêtórica, reduz sem porfia, convence sem debate, tôdas as dúvidas desata, e corta caladamente tôdas as desculpas. Pelo contrário, fazer uma cousa, e mandar ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida.

A'gua de lágrimas, e fogo de amor, conduzem a alma ao refrigério da união com Deus.

Há uma conversação que é pasto da alma; e há outra, de que a alma é pasto. Quando falamos com Deus, ou de Deus, a alma come, por que a devoção se lhe aumenta; porêem quando falamos com o mundo, ou do mundo, a alma é comida e carcomida, porque a devoção se lhe gasta e consome.

A nossa alma é como a espada, que, se não passa por fogo e água, isto é: por trabalhos voluntários e involuntários, e por tentações de prosperidade e adversidade, nunca toma têmpera com que, sem quebrar, dobre, e logo torne a ficar direita.

¿ Que maior altura que a de Deus? e, para topar com êle, o remédio é baixar bem a cabeça. Porque tantos a erguem, tão poucos lhe chegam.

A mão bem despegada dos bens terrenos não é a que dá esmolas do supérfluo, se não a que não desvia (1) faltas do necessário.

O mundo é mar, a ambição é sêde. Não me espanto de que o ambicioso se não sacie com os bens do mundo, porque a água salgada não apaga, antes acende as securas. Impossível é apagar, bebendo, a sêde que nasce de heber; e satisfazer, possuindo, a cobiça que nasce de possuir.

O demónio é cozinheiro: se vê que não gostamos do pecado guisado de um modo,

(1) = evita.

tantos temperinhos lhe busca, até que nos abre a vontade: e se o não levamos todo, contenta-se com que provemos algum bocado.

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza: não se podem arrojar, sem levar consigo tantos grilhões e bragas, quantos pontos de honra e razões de estado. Se decaíssem do estado, ou o renunciássem, então ficariam forros.

Três sortes de pessoas (diz o V. Beda (1)) são infelizes na lei de Deus: o que não sabe, e não pergunta; o que sabe e não ensina; o que ensina, e não faz.

A vida espiritual ordinariamente consta de três estações: na primeira, edificamos nós; na segunda destrói Deus êsse nosso edificio; na terceira edifica êle o seu.

; Amontoas virtudes, devoções e exercí-cios pios, sem primeiro fazer cabedal de humildade? Pois supõe que levas pó nas palmas das mãos contra o vento.

(1) O Venerável Beda, sábio inglês do século VIII. A sua obra principal é uma *História Eclesiástica* em cinco livros

Na Igreja primitiva os cálices eram de pau, mas os sacerdotes de ouro; agora os cálices são de ouro, mas muitos sacerdotes são de pau.

Os que agasalham no seio a recordação sentida das suas injúrias, e entretanto lhes parece que oram, são semelhantes aos que enchem o cântaro na fonte, e o vasam em outro sem fundo.

Linguagem da terra é falar bem de si, mal dos outros e nunca de Deus; linguagem do Céu é falar mal de si, bem dos outros, e sempre de Deus ou para Deus.

Não te fies do que julgas, cuidando não estar apaixonado. Porque as paixões são de onze castas diferentes, e nem tôdas dão lardido forte, como rafeiro, senão sibilo sútil, como serpente, ou canto suave, como se-reia. E se não tiveres muito exercício em as discernir, e mui alto remanso de coração para as ver bulir dentro, jurarás que tal cousa não obraste por êste ou por aquele motivo; e não é verdade, senão falta de conhecimento próprio.

**Algumas outras sentenças notáveis por
sua brevidade e sustância**

(Adverte-se que estas sentenças se não põem aqui juntas para que se leiam juntas; nem se escolheram breves para se passarem brevemente; porque seria isso causa de que nenhuma se nos imprima, nem sirva de regra prática de nossas acções. Deve-se usar delas como de grãosinhos aromáticos, que se trazem na bôca muito tempo, e em pouca quantidade.)

Quando chegares ao fim dos desejos tens chegado ao princípio da paz. Do Padre Baltasar Álvarez.

Quem vive bem, calando prega. De Kempis.

Guarda o que Deus te deu, guarda-te do que proibiu e espera o que prometeu. De S. Bernardo.

Quando o homem trata da eternidade, fala o cego da luz. De S. Gregório Magno.

O Religioso que tem rial, não o val. Era provérbio entre os monges antigos: *Mo-*

nachus, qui habet obolum, non valet obulum (1).

Quem quiser que lhe obedeam muito, mande pouco. De S. Filipe Néri.

Os olhos que o pecador fechou na culpa, esses abrirá na pena. De S. Gregório.

Vê a quais agrade, e não a quantos. De S. Martinho Dumiense.

A tristeza proíbe-lhe a entrada no coração: se já entrou, proíbe-lhe a saída ao rosto. Do mesmo.

O ruim prègando é vide entre silvas: colhamos o cacho, mas guardemos a mão. De Santo Agostinho.

Mais segura e humilde está a alma no ouvido, que na língua. De S. Boaventura.

Ouro adquirido, sono perdido. De Santo Agostinho.

(1) Excepcionalmente se transcreve o original latino, para mostrar que a versão de Bernardes é muito mais concisa e lapidar do que aquele.

De entre o mesmo fogo, o ouro lança luz, e a palha fumo. Do mesmo.

Quem enterra dinheiro, faz casa ao dia bo. De João Tritémio.

Costume sem razão, é êrro velho. De S. Cipriano.

Tôda a vida devemos aprender a morrer. De Séneca.

A maior pena da injúria é havê-la feita. Do mesmo.

Não há pior vida, que estarem juntos na habitação os que estão desunidos no espírito. De S. Jerónimo.

Não é perfeito quem o não apetece ser mais. De S. Bernardo.

Jâmais faças cousa, que não possas fazer diante de todos. Santa Teresa de Jesus.

(*Luz e Calor*, «Doutrina IX»).

XXVIII

PASQUINS

DESEJARÁ, porventura, algum curioso saber porque se chamam *pasquins* estes ditos que, ocultando-se o autor dêles, costumam aparecer escritos em verso ou em prosa, nos lugares públicos, satirizando ou picando nas acções dalguma pessoa ou família particular.

Responde-se que em Roma houve antigamente um alfaiate, que o era do papa, e tinha por nome Pasquillo, ou Pasquino, o qual, naturalmente, era dizedor e gracioso; e, como, pela entrada que tinha nas casas dos príncipes e cardiais, via ou sabia muitas cousas que lhe não pareciam bem, chantageava sôbre a matéria, e achava aplauso nos que o ouviam.

Depois de morto, succedeu desenterrar-se junto da sua casa uma antiga estátua de mármore, que representava um degladiador

com outro metido debaixo dos seus pés. E deram os ociosos em dizer que o Pasquillo resuscitara; e quantos querem satirizar às escondidas vão pôr nas costas da dita estátua (que está em pé e em lugar público) os seus papéis ou emblemas.

O papa Adriano, vendo-se tão perseguido e motejado dos ditos do Pasquim, desejou lançá-lo no Tíbre. Porém Luis Suesseno lhe respondeu:

— Senhor, o Pasquim é de espécie de rãs, que debaixo da água falam mais.

Alguns pasquins contentam-se só com a graça ou discrição, e se abstem da mordacidade; como aquele que tocava no Cardial Bona, varão pio e douto da Ordem de Cister, em tempo de conclave para se eleger novo pontífice, e dizia:

— *Qui timet Deum faciet Bona* (1).

E no seguinte dia appareceu ao pé a resposta:

— *Papa Bona, non est bona conjugatio* (2).

(1) Quem temer a Deus eleja Bona papa (ou: pratique as virtudes).

(2) *Papa Bona* não é boa concordância (papa bonus).

Mas tornou no outro dia a réplica:

— *Esset Papa bonus, si Bona Papa foret.* (1).

Outros não só picam, senão que ferem. A um cardial D. N. Niño, puseram êste, notando-o de ambicioso da tiara:

— *Que pide el Niño? Papa.*

A Urbano VIII, que era um dos Barberinos, porque tirou do Panteão umas traves de bronze, para fazer a Confissão (2) de S. Pedro, que é de bronze dourado; sendo que, nas vezes que Roma foi saqueada nunca nisto buliram os bárbaros, puseram êste pasquim:

— *Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini* (3).

Outras vezes o pasquim é deambulatório e vai buscar a casa do vivo ou a sepultura do morto de quem detrai. Assim fizeram a um governador, que, chegado de novo à cidade, com grande desejo de administrar justiça, mandou pôr à sua porta êste glo-

(1) O papa será bom, se Bona fôr o papa.

(2) Chamavam-se *confissões* os lugares onde se guardavam os corpos dos mártires.

(3) O que os bárbaros não fizeram, fizeram-no os Barberini.

rioso rótulo, que só compete a Cristo: *Orietur in diebus ejus justitia* (1).

Porèm logo lhe escreveram atrás do *Orietur* um *M*, e ficou dizendo: *Morietur in diebus ejus justitia* (2).

E a Pedro Aretino Toscano, grande murmurador, puseram por epitáfio:

Qui giace l'Aretin, Poeta Tosco:
D'ognuno disse mal, fuor che di Dio;
E iscusosse col dir: Non lo cognosco (3).

Às vezes o pasquim custa bem caro a quem o põe. No ano de 1340, movendo guerra contra Flandres Filipe de Valois, rei de França, pintaram os contrários um galo nas bandeiras com esta letra: «Vencerá o Rei dos Galos quando êste galo cantar». Porèm o rei fêz apertar tanto os punhos aos seus, que mataram do exército contrário 19:800 soldados.

Contra Sixto V saíu um pasquim tão atrevido e exulcerante que o papa mandou

(1) A justiça nascerá nos seus dias (dêle).

(2) A justiça morrerá nos seus dias (dêle).

(3) Aqui jaz o Aretino, poeta toscano:

De todos disse mal, menos de Deus;

E desculpou-se com dizer: «Não o conheço».

publicar que a qualquer pessoa que delatasse o autor daria uns tantos mil escudos e, tendo crime, lhe perdoaria a vida. O dito autor, temendo ser descoberto, determinou-se a delatar-se a si mesmo, pedindo o perdão e o prêmio prometido.

Ouviu Sixto com serenidade; e mandou logo passar duas ordens: uma, para um ministro da fazenda, que lhe contasse os tantos mil escudos; outra, para outro ministro da justiça, que lhe cortasse a mão com que escrevera, porquanto a sua promessa fôra só de perdoar a vida.

Por certo, ainda que êle se antecipou, não ganhou por mão, salvo o que ficou comendo com a esquerda, que a direita, por uma leve pena, levou outra bem grave (1).

(*Nova Floresta*, «Confiança em Deus».)

(1) Trocadilho de *pena* de escrever com *pena*, castigo.

BIBLIOTECAS E BÍBLIA

DE um idiota que tinha uma insigne livraria, dizia el-rei Luís XI de França:

— A livraria dêste é como a alcorcova, que quem a tem sempre a traz e nunca olha para ela.

De outro semelhante dizia um discreto que se parecia com os meninos de berço, que não podiam dormir sem candeia acesa.

Muitos houve estudiosos em ajuntar e erigir bibliotecas insignes, com mais discreto gôsto que outros em edificar palácios, plantar jardins ou murar tapadas.

Ptolomeu Filadelfo, filho de Ptolomeu Lago, rei do Egipto, ajuntou em Alexandria uma livraria de cinquenta e quatro mil e oito centos volumes, segundo o cômputo de Genebrardo; porêm mais verosmíl é o de ou-

tros, que o sobem a quatrocentos e setecentos mil. Josefo escreveu que, preguntando o rei ao prefeito que tinha constituido esta biblioteca (que foi Demétrio Falério, varão insigne em letras e proezas, fugitivo então de Atenas) quantos volumes tinha junto, respondeu que duzentos mil, porém que brevemente esperava que subissem a quinhentos; e é certo que depois disto sempre se foi aumentando, cousa, na verdade, prodigiosa, por não ser ainda inventada a estampa, artificioso Briareu que trabalha mais que cem braços de amanuenses juntos. Este rei foi o que procurou e effectuou a tradução dos livros sagrados em língua grega, que é a dos setenta intérpretes.

Júlio Africano, excelentíssimo filósofo, teólogo e histórico, ajuntou outra em Cesarêa, que depois aumentaram Eusébio Cesarriense, bispo, e Pantilo, presbítero de Laodicea, e chegou a número de trinta mil tomos selectos. Esta é que consultava S. Jerónimo nas cousas difficultosas, e pelos seus originaes autênticos emendava as cópias corruetas dos livros do Testamento Velho, como êle mesmo insinua.

Da de Eumenes se escreve que tinha duzentos mil volumes. O grande Constantino,

na nova Roma (1), e templo de Santa Sofia, ajuntou outra de cento e vinte mil, da qual diz Nicéforo que enriqueceu muito a sua história.

O papa Nicolau V ajuntou a Vaticana, que é célebre não só pela multidão de livros, senão pela cópia de antiguidades manuscritas; daqui, e da de Valicela, que é da congregação do Oratório de Roma, se ministrou abundante matéria àquela prodigiosa obra do *Acta Sanctorum*, ou *Ano Sagrado*, a que deu principio o padre João Bolando, da Companhia de Jesus, e, não tendo chegado mais que ao fim de Maio, ocupa já dezanove tomos grandes.

São também famosas as bibliotecas de Filipe II, rei de Espanha, no Escorial; de Francisco I, rei de França, em S. Vítor; de Matias Corvino, rei de Hungria, em Buda; às quais se podem ajuntar a de S. Marcos em Veneza, a Florentina em Etrúria, a de Baviera em Beyerem, a Memiana, a Seguriana, e as de S. Germão e Santa Genoveva em Paris e a Ambrosiana em Milão. ¿Que seria, se se desse à estampa tudo o que em

(1) = Bisâncio ou Constantinopla

tantas partes, especialmente nas universidades e religiões, se está continuamente escrevendo?

Certamente aqui se verifica o oráculo do Eclesiastes: *Faciendi plures libros nullus est finis*: «Não dar cabo (1) a multidão dos livros que se vão fazendo».

Outros, pelo contrário, tiveram pouca estimação, e ainda ódio declarado, contra as livrarias. O imperador Leão Isáurico entregou às chamas uma, nobilíssima, de trinta e três mil volumes, e nêles as mui prezadas obras de Homero, a *Ulissea* e a *Iliada*, escrita em um livro de intestino de dragão; e (o que mais declarou (2) sua bárbara impiedade) queimou juntamente doze varões sábios e virtuosos, que assistiam por deputados ao culto, aumento e custódia da mesma livraria.

No ano de 1566, andando os hereges em Flandres destruindo os templos e sagradas imagens, alcançava seu furor às bibliotecas, considerando-as como armazéns bem providos da católica soldadesca para destruir as

(1) = não ter fim.

(2) = revelou, denunciou.

ficções e corrutelas do Calvinismo e Luteranismo. E, assim, para mais facilmente arderem, as untavam primeiro com manteiga.

O juízo prudente ácêrca da cópia de livros é medir as cousas pelo seu fim, porque, se êste é honesto, também elas são louváveis, e, se vão, também elas vãs.

Pessoas públicas, como eram os sobreditos reis, podiam ter a utilidade pública e o decôro das suas côrtes por fim do seu desvelo e despesa. Pessoas particulares, que se empenham neste cuidado mais do que pedem o seu instituto, occupação e cabedais, e que folgam de que os livros antes estejam nas suas estantes por boa ordem do que sobre as mesas folheados e registrados, bem se mostra que procedem aéreamente e que em obras mais do agrado de Deus e do proveito do seu espírito poderão colocar tantos gastos e desvelos.

A mediocridade áurea sempre foi louvável e leva conhecidas vantagens à multidão cansada e inútil. Mais frutuosa e menos cara é a lição moderada dos mesmos livros do que a demasiada de vários. Séneca discorre neste ponto com a discrição costumada:

Importa que nos detenhamos e criemos

com a doutrina de certos e determinados engenhos, se queremos tirar alguma cousa que nos fique no ânimo; em nenhum lugar está quem em todo o lugar está. Aos que gastam a vida em correr terras, succede terem muitos hóspedes e nenhum amigo. Preciso é succeda o mesmo aos que não se applicam à disciplina de certo autor particular, senão que todos passam de carreira velozmente.

Não nutre nem se converte em substância própria o alimento que logo se lança fora. Nada impede tanto a saúde como a freqüente mudança dos remédios; nem a ferida vem a cerrar-se enquanto se innovam e provam sôbre ela vários medicamentos; nem a árvore pega, transplantada em muitos sitios. Por mui útil que seja qualquer cousa, de passagem não logra seus efeitos. A multidão de livros distrai o ânimo. Pelo que, podendo um ler quantos tem, basta que tenha quantos leia.



Se alguêm quiser ter muitos livros em um só, ame e freqüente a lição da sagrada Bí-

blia. El-rei D. Afonso Sábio a passou tôda catorze vezes, não de passagem, mas com seus comentários e interpretações; de sorte que não só tinha na memória tôda a substância dela, senão que repetia de memória grande parte.

Prouvera a Deus que se não houvessem perdido muitos livros dêste preciosíssimo tesouro, de que nos ficaram só as citas (1) para mais despertarem nossa mágoa. Falta o livro das *Guerras do Senhor*, o livro dos *Justos*, os dos *Sucessos dos dias de Salomão*, o de *Natan*, profeta das cousas do mesmo Salomão, o de *Ahias Silonites*, a *Visão de Ado* contra Jeroboão, filho de Nabeth. Item: falta-nos a *História del-rei Ózias*, escrita por Isaías, filho de Amos; o volume de Jeremias da *Destruição de Jerusalém* e *Cativeiro do Povo*; as *Descrições* do mesmo profeta; o livro dos *Sucessos* dos reis de Judá e dos de Israel; o de Samuel, profeta das cousas del-rei David; outro de Natan, profeta, da mesma matéria. Falta também o volume de *Gad*, profeta, e os *Sermões*, de Hozad, das cousas de Manas-

(1) = citações, indicações, talvez títulos.

sés e a *Lamentação* de Jeremias na morte de el-rei Józias; o livro do mesmo profeta da *Destruição de Babilónia* e o livro dos *Dias do sacerdócio* de João Hircano.

Mas a outra parte que se conserva das Sagradas Escrituras basta para alumiar a todo o mundo e fertilizar todo o campo da Igreja Católica; porque a lei, os profetas, os livros hagiógrafos, o Testamento Novo, são como quatro rios do Paraíso, em que se divide a fonte da divina palavra.

(*Nova Floresta*, «Ignorância, Sciência».)

XXX

OS HÓSPEDES EXIGENTES

VIERAM, no Egipto, dois monges daqueles que vivem em comunidade visitar os outros que vivem solitários e espalhados pelo deserto.

Entrando na cova de um, êle os recebeu com tôda a benignidade e alegria espiritual, e por seu respeito antecipou a hora de comer, e lhes adereçou a pobre mesa o melhor que pôde, não reservando o que a caridade dalguns fiéis lhe tinha oferecido e a sua mortificação poupado. E, suposto que tudo cheirava a santa pobreza e nada a regalo e abundância, todavia aos dois hóspedes o pareceu, pelo maior conceito que tinham formado da aspereza da vida eremítica.

E assim, depois de recolhidos à noite, começou a murmurar um com o outro, e diziam:

— ¿Que vos parece do vosso santo?

! Quanto destas virtudes não faltam lá no povoado! O certo é que nós temos o maior trabalho, e eles logram a maior fama.

Tudo isto estava ouvindo desde o seu apartamento interior o outro monge, que velava em oração, e eles supunham que dormia.

E, parecendo-lhe que era pouco exercitar nesta ocasião sómente a paciência, traçou como exercitasse também a caridade espiritual, assim para com aqueles seus hóspedes, como para com todos os outros monges habitadores daquela solidão, fazendo, por meio de uma vexação, que aqueles caíssem no seu êrro e estoutros ficassem melhor opinados no seu conceito.

Amanheceu, pois, o seguinte dia e, quando foram a despedir-se, para continuarem a sua jornada, perguntou-lhes onde determinavam fazer a seguinte pousada. Responderam que tinham tenção de visitar o solitário que ficava mais vizinho.

— Pois fazei-me caridade e mercê, disse o servo de Deus, de lhe dizer da minha parte que não regue muito a hortaliça, porque tenho cá achado que lhe faz mais dano que proveito.

Ofereceram eles dar o recado, não pene-

trando o mistério que encerrava. Porém o solitário vizinho entendeu logo o que se lhe avisava, porque entre êles era frase já sabida chamarem ao comer e heber, por allegoria, *regar a hortaliça*, porque os corpos são semelhantes às plantas, que com o sustento crescem e se fazem viçosas.

Dissimulou, pois; e, não obstante que os hóspedes vinham cansados e fracos do caminho, disse-lhes, com prudência de serpente, coberta debaixo da simplicidade de pomba:

— Que, visto não ser aquele dia de jejum, comeriam depois do sol pôsto, acomodando-se ao estilo dos solitários.

Mal puderam êles dissimular a tristeza que esta observância lhes causou, vendida, em cima, por dispensação; mas houveram de aquietar-se, fazendo da necessidade virtude.

Chegada já a suspirada hora, o monge os convidou para rezarem alguns salmos e orações, por princípio da mesa, para receberem a bênção de Deus. Os salmos foram muitos, e tão pausados entre verso e verso que, durando largo espaço, mais que devoção lhes metiam impaciência, sendo que o solitário nenhuma moléstia sentia, por ser esta tarefa para êle quotidiana.

Enfim pôs-lhes diante um pouco de pão de cevada mui duro e negro, e um vaso com agua e sal, para o remolharem. E disse-lhes, mui ao singelo e espiritual:

— É o que por estas partes usamos todos, quando não é tempo de jejum. Se succede haver alguma coisa mais, por oferta dos caritativos, é rara vez, e guarda-se para os enfermos, ou manda-se de mimo aos vizinhos.

Nada contentes estavam os hóspedes com estas satisfações, e mais queriam coisa que se lhes chegasse ao estômago do que ao espirito. Dormiram mal, porque, não havendo lar aceso, ¿como haveria fumo subindo? Tôdas suas apelações eram para a luz do dia, para que, saindo dali, procurassem resgatar sua humanidade do poder de tantas espiritualidades angélicas.

Muito bem observava estes movimentos o seu hóspede santo; mas, por certificar-se mais, disse-lhes que haviam de ficar ali mais três dias, pelo menos. Porém êste convite serviu de apressar mais a sua partida, temendo-se não trouxesse a dilação dela alguma ocasião de ficarem.

Mas entenderam então claramente que os bons termos que o outro monge usara com

êles não eram sobejos da sua abundância, senão mostras da sua caridade.

Eis aqui como a parcimónia com os hóspedes odiosos os despede de casa, sem quebra da paz e com utilidade da fazenda.

(*Nova Floresta*, «Banquetes»).

OS TRÊS CEGOS

FORAM dois amigos a casa de outro fim de passarem as horas da sesta em conversação honesta e proveitosa. Saindo uma criada, lhes disse:

— Será necessário esperarem, porque dorme.

Tomaram êles o passeio para a alpendrada dum templo, que estava perto, determinando aguardar ali o tempo conveniente. A hora do meio-dia fizera o lugar solitário, e viram nêle sómente três cegos assentados, conversando entre si amigavelmente. Disseram os dois:

— Escutemos o que falam e cheguemos de mansinho.

Um dos cegos disse para o outro:

— ¿ Como cegaste tu?

Respondeu êste:

— Eu era marinheiro, e uma vez, levantando nós ferro para passar de África, não

sei que ar me deu nos olhos, que mos cobriu de uma névoa tão grossa, que não vi mais, nem mar, nem terra. ¿É tu, porque desgraça vieste a encontrar com o mesmo mal?

Respondeu o primeiro:

— Homem, fui oficial de fundir vidro, saltaram-me nos olhos umas chispas da fornalha, e ceguei.

Disseram então ambos ao terceiro:

— Conta-nos também tu a causa da tua mazela.

— Eu, se hei-de dizer a verdade, respondeu êle, sendo moço aborrecia o trabalho, e dei-me a folgazão; pouca idade, muita ociosidade, eis a luxúria comigo, e trás dela a ladroeira. Um dia (por sinal que o não tinha eu gasto em serviço de Deus) vi passar um entêrro: o defunto levava ricos vestidos.

Aqui temos o gancho (disse eu, cá com a minha roupeta), e fui-me atrás do entêrro, por detrás da igreja de S. João; esperei que acabassem o responso; dei fé de onde puseram o corpo, e marquei as entradas e saídas. Caindo a noite, entrei na abóbada, e não lhe deixei ao defunto mais que o lençol da mortalha. Saindo já com o fardel às costas, diz-me a minha maldade, ou o diabe

que me atiçava: toma também o lençol, que é bom. Voltei outra vez dentro, e querendo descosê-lo (ouvi uma cousa, que receio que a não creiais; mas prouvera a Deus que não fôra verdade!) eis que o defunto se assenta; e de improviso me mete os dedos pelos meus olhos, e mos vasa. Tão grande foi em mim o mêdo, a dor e tribulação, que não sei como não fiquei morto e enterrado juntamente! Larguei tudo, e não me contendo antes de sair sem a mortalha alheia, agora contentei-me de sair com a vida própria. Eis aqui o meu conto.

Ouvindo isto os dois curiosos que estavam à escuta, acenou um ao outro que se fôssem; e depois lhe disse:

— ¿Hoje para que é estudar mais? Bastante lição temos aprendido: assim nos aproveitemos dela...

(Estimulo Prático, 1.)

ARTE DE TER AMIGOS

NINGUÉM escolha amigo notavelmente mais honrado ou rico do que êle. Porque, havendo qualquer encontro (que é fôrça havê-lo na instabilidade das ondas dêste século), o mais fraco é que padecerá todo o dano.

Daqui, parece, foi tomado o doutrinal apólogo das duas panelas, uma de barro, outra de cobre, levadas pelo rio abaixo com a fôrça da cheia. Rogou a de cobre à de barro que se chegasse para ela, para que juntas resistissem melhor ao ímpeto das águas.

— Não me convêm (respondeu ella) a vossa amizade e vizinhança; porque, ou succeda topar eu convosco ou vós comigo, sempre vós ficareis inteira e eu quebrada.

Também se requiere similitude em outras cousas dos que querem ter amigos, v. g. na

idade, exercício, génio, etc. Porque, como disse S. Jerónimo, a amizade ou supõe ou induz igualdade nos sujeitos; e quanto um dêles fôr mais eminente, tanto o outro fica mais dominado, e já será adulação ou dependência o que devia ser affecto sincero.

De pontos díssonos não se compõe harmonia. Barro e ferro, nos dedos da estátua de Nabuco estavam juntos, mas nunca estiveram unidos. Esaú e Jacob o sangue os fêz irmãos inteiros, mas o génio nunca os pôde fazer amigos, senão de ametade. Da firmeza na amizade o fundamento é a semelhança de costumes, disse S. Leão Papa.

Convidara um carvoeiro um lavandeiro a viverem juntos em certas casas, para lhe sair mais barato o aluguel. Escusou-se o lavandeiro, dizendo :

— Eu a lavar, e vós a manchar, não poderemos fazer boa companhia...

No tempo da aflicção e trabalho do amigo é lei indispensável assistir-lhe com o alívio, conselho, préstimo e ainda com a pessoa, tomando sôbre si a parte que puder do peso que oprime a seu amigo. E ninguém pode ser tão pobre e desvalido que lhe falte a

comiseração, na qual as penas do amigo decrescem e se mitigam.

Por esta prova real passaram quantos pares de amigos celebram as histórias sagradas e profanas: David e Jónatas, S. Bazílio e S. Gregório Nazianzeno, Pílates e Orestes, Patroclo e Aquiles, Scipião e Lélío, Pelópidas e Epaminondas, Teseu e Piritôo, Mário e Caspro, Niso e Euríalo, Damão e Pítias, Pompónio e Lectório; aos quais merecem anumerar-se os dois irmãos Ximenes, portugueses, lutando sôbre qual dêles havia de salvar a vida do outro, não consentindo se lançasse às ondas, quando ambos não cabiam no bote; e as duas irmãs cativas pelo turco, quando devastava a Itália em tempos do imperador Miguel Paleólogo, as quais, despedindo-se uma da outra, porque era fôrça seguir cada qual o seu patrão a terras diferentes, de repente morreram ambas abraçadas.

Amizade procedida de comer e beber e passear juntos não merece o nome de tal, nem pode ter firmeza. Assim o convence a razão e assim o demonstra a experiência. Mas, demais a mais, ouçamos os votos da autoridade, sagrada e profana. Primeiramente

te, o Eclesiástico: *O amigo sócio da mesa não o acharás contigo no dia da necessidade.*

Amigo ao tempo de jantar e cear é dos que Cornélio Alápide chama *Amici ollares*: que olha para a ôlha (1), e dos que se comprehendem no ditado: *Fervet olla, vivit amicitia*: Ferve a amizade, se a panela ferve.

O amigo que se há-de escolher e aceitar não há-de ser de natural suspeitoso, iracundo, mudável, chocalheiro e verboso.

Especialmente das suspeitas diz S. Bernardo que turbam a sinceridade do amor, assim como as fezes revolvidas o licor puro.

Da iracúndia diz S. Gregório Magno que deita a perder o convicto dos homens sociável (2), porque, quanto um declina da razão para o furor, tanto se afasta de viver com outros como homem, e é fôrça viva (3) só consigo como bêsta-fera.

Do homem de génio inconstante diz S. Bernardo que não concorda consigo. É mal

(1) = caldo.

(2) = o convívio ou convivência sociável dos homens.

(3) = é fôrça que viva, etc.

concordará com alguém quem consigo mesmo não concorda.

O ser calado é um dos primeiros requisitos que um amigo deseja achar em outro amigo (assim como a primeira coisa que examinamos em um vaso, para despejar nêle outro, é se está são ou rachado), de sorte que menos se tema um da revelação ao amigo do que da própria consciência.

Em consequência do sobredito ditame, damos est'outro: que é descobrir ao amigo os nossos segredos e intenções. Porque é o mesmo que introduzi-lo ao aposento ou recâmara mais interior da nossa alma; do que se mostra a confiança que dêle fazemos, para que se dê por obrigado a pagá-la em fidelidade. Por onde, amizade que reserva segredos não chegou ainda a ser íntima e verdadeira.

Daqui se infere que não é bom para amigo o que me revela os segredos de outros com quem primeiro teve amizade. Porque o mesmo usará comigo, quando se passar a outro

Também não sabe das leis da amizade o que, ouvindo murmurar ou detrair do ami-

go, não acode a defender a sua fama, antes se cala, que vale o mesmo, nestes termos, que consentir (1) com o murmurador. ¶ Para que há-de guardar no peito um homem a outro, se êste nem as costas lhe guarda? O bom amigo é simbolizado no escudo do famoso Mirtilo, capitão grego, que na campanha o cobriu das lanças, e nas ondas, boiando como tábua, o salvou do naufrágio

Mas, se a fama do amigo padece com razão, ou eu acho nêle defeitos repreensíveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto; bem assim como, se visse nos seus vestidos alguma descompostura ou imundícia, devia manifestar-lho, para que não apparecesse em público ridiculamente. Dissimular erros no amigo não é amor, é lisonja; não é prudência, é traição ou, quando menos, pusilanimidade. Porém esta correção não pede pressa e, muito menos, sanha ou cólera.

Hei-de aguardar vez em que o ânimo do amigo esteja sereno, largo e susceptível, e então lhe porei diante dos olhos o que nos dos outros não parece bem. Isso sem exa-

(1) — concordar

geração nem prólogos que movem expectação no ouvinte, com risco de antecipar a sua turbação à minha doutrina; com confiança e brevidade, como pílula que há-de ser dourada e pequenina, que quási primeiro se sente engolida do que amargosa.

Quanto sem ofensa de Deus fôr possível, devem os amigos ter recíproca condescendência dos seus querereres, deixando-se vencer um do outro, para ficar a amizade de ambos invencível. As cabras, se se encontram na ponte dalgum madeiro comprido e estreito, onde nenhuma delas pode sem perigo voltar para trás, ensinadas por instinto natural uma se abaixa e a outra passa por cima, e dêste modo nem pelem nem perdem o seu caminho

Finalmente (porque a matéria é vasta e não a pretendemos exaurir), por amigos havemos de ter a poucos, mas por inimigo a nenhum. A razão da primeira parte é porque o coração, sendo limitado e repartindo-se por muitos amigos, não pode alcançar a fazer pontualmente os officios da verdadeira amizade. De sorte que, sendo os amigos bons tão raros, se não forem raros pa-

rece impossível serem bons; e a mesma multidão de diamantes induz em quem os vê suspeita de que alguns serão falsos.

A razão da segunda parte é porque a nenhum próximo podemos excluir dos comuns respeitos da caridade cristã, nem conservar com êle rancor ou aversão. E, além disto não ser lícito quanto à consciência, também não é conveniente quanto à boa política; porque, por desprezível que seja qualquer pessoa, pode ser mui útil ou mui nociva a qualquer outra de alto estado e dignidade.

Aman era príncipe e valido del-rei Assuero; Mardoqueu era um pobre judeu, desterrado da sua pátria; e, por querer Aman conservar rancor com Mardoqueu, perdeu a casa, o estado e a vida.

Entre os animais ¿quem mais brioso que o cavalo, quem mais forte que o leão e o elefante? ¿E quem mais desprezível que o rato e o mosquito? E, contudo, os mosquitos já fizeram fugir a cavalaria de um exército, e o rato pôde dar vida ao leão, roendo-lhe as rêdes onde caíu, e pôde dar a morte ao elefante, roendo-lhe os intestinos, onde entrou pela tromba...

(*Noaa Floresta*, «Amizado»).

FREI BARTOLOMEU DOS MÁR- TIRES EM ROMA

HAVENDO João Mendes de Távora, bispo de Coimbra, de chegar a certa terra e hospedar-se em casa de um fidalgo a quem ali comumente davam Senhoria, enviou êste a dizer-lhe antecipadamente que se servisse de lhe dar o mesmo tratamento, porquanto no seu exemplo contrário padeceria êle detrimento. Respondeu o bispo ao mensageiro:

— Que, assim como o negar Senhoria a quem a tinha de juro, era injúria, assim o dá-la a quem a não tinha era injuriar a outros.

Tornou segundo recado:

— Que, se lhe não desse Senhoria, também êle lha não daria.

Respondeu:

— Diga que eu irei; e que, havendo algum de nós fazer a parvoíce, melhor será que a faça êle do que eu.

A mesma reposta se conta do Sereníssimo Duque de Bragança, D. Teodósio, o segundo dêste nome. O qual, sendo visitado do Duque de Uceda, da parte del-rei Filipe, não lhe deu mais que Senhoria. Alguns criados antigos lhe repararam no perigo a que expusera sua pessoa; porque, se o de Uceda lhe dera semelhante tratamento, era lance que os empenhava em outro mais terrível.

—Não tendes razão (respondeu o duque), porque melhor era que a parvoíce fôsse sua do que minha.

Isto dizia, porque a Sereníssima Casa de Bragança tinha Excelência de juro, por ser fundada em Infante, quando dêste grau era própria a Excelência, como dos reis a Alteza. E precede em dignidade a todos os duques de Espanha e Itália hoje existentes, pois começou no ano de 1442, ainda alguns anos antes que a de Medina Sidónia.

O negar aquêle fidalgo a Senhoria àquêle digníssimo Prelado, verdadeiramente era necidade, ainda por ameaço, quanto mais por execução. Porque, deixando à parte a illustríssima e antiquíssima prosápia dos Távoras, que começou neste reino antes da fundação do mesmo reino e se continua atêgora na casa dos condes de S. João,

marqueses de Távora (dizem que por bênção do glorioso S. Bernardo), em direita varonia, seguida há 700 anos, e deixando outrossim serem os bispos de Coimbra condes de Arganil, desde o bispo D. João Galvão, a quem deu este título el-rei D. Afonso V para elle e para seus successores, e considerando só a dignidade episcopal: ¿que cousa é um bispo, senão um Príncipe da Igreja, que na sua pode respectivamente o que o Sumo Pontífice na universal?

Tem de juro uso de trono, docel e sitial (1); e até os reis veneram aos bispos como pais; e, o que mais é, os demónios respeitaram a um bispo concubinário e simoníaco notório, senão pela pessoa, ao menos pela dignidade, que, a tôdas luzes, é venerável e excelsa.

A consideração desta verdade foi a que estimulou ao V. D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo Primaz, a pugnar felizmente em Roma pelo decôro desta dignidade.

E foi o caso que, achando-se este santo prelado na Cúria Romana, onde fôra desde

(1) Genuflexório onde as pessoas riais se encostam quando ajoelham.

Trento, por causa de se absolver do vínculo da sua Igreja, que tanta carga lhe fazia, e por outras honestas causas, enquanto as sessões do Sagrado Concílio estavam paradas, viu, em uma junta que o papa fêz de cardiais e bispos, que aqueles estavam assentados e cobertos, e estes em pé e com o barrete na mão, detrás dos cardiais.

Pareceu-lhe mal a diferença e comunicou seu pensamento ao Cardial de Lorena, seu amigo, tio del-rei de França. Porém êste, suposto que entendia para si o mesmo, se escusou de falar na matéria. Buscou, pois, outra porta; e disse-o ao Cardial Alexandrino, que depois foi Pio V e hoje o adoramos nos altares; porém êle lhe dificultou o conseguir-se cousa alguma. E, replicando o Primaz que se resolvia a falar êle, respondeu com estas formais palavras: *Dices, sed non perficies:*

— Direis, mas não ohrareis.

Não obstante êste mau anúncio, o santo arcebispo, na primeira junta para que teve recado, antecipou-se de manhã e falou no ponto ao papa, sem ofensa nem da modéstia nem da liberdade. Entre outras razões que lhe propôs, foram estas :

— Que os bispos, enquanto bispos, eram

seus irmãos, e mais que os cardiais, enquanto cardiais, porquanto esta dignidade era moderna e instituída por homens, e aquela era antiqüíssima e instituída pelo mesmo Cristo. E que parecia mal estarem tantos bispos e arcebispos anciãos em pé e descobertos o tempo que durasse uma junta, que eram três ou quatro horas, e à sua vista os cardiais, talvez moços, mui assentados e cobertos. E que, se Sua Santidade assistira no Concílio, era sem dúvida que os bispos haviam ter assento diante d'ele e de tôda a Igreja que ali se representa; logo, com muito maior razão o deviam ter em juntas particulares.

O papa, ouvindo a proposta, e constando-lhe decerto que o arcebispo a não fazia por presuntuoso empenho da sua pessoa, senão por maior decôro do cargo e dignidade pastoral (pois, a fim de não ser conhecido pelos caminhos, e nos conventos da Ordem onde se agasalhara, sempre fizera o papel de um pobre frade particular), penetrou-se das suas razões.

E, à tarde, estando os Prelados em Palácio, fêz um breve arrazoado em que dava desculpa do abuso por ser antiqüíssimo e praticado por muitos pontífices, insignes em

letras e virtudes. E logo disse as razões de o mudar, confessando que lhas sugerira o Arcebispo Bracarense, que presente estava. E, finalmente, mandou assentar os bispos e fêz sinal que se cobrissem. De que, ficaram tão contentes que o esperaram à saída na ante-sala e lhe deram as graças. E o Cardial Alexandrino lhe disse :

— Quanto agora, Monsenhor Bracarense, quem poderá com Vossa Senhoria, que está vitorioso ?

(Nova Floresta, «Cortesia, etc.»).

•
• •

Tratando-se no Sagrado Concílio Tridentino da reformação de vários estados de pessoas, quando houve de se falar dos cardiais, disse não sei quem dos que estavam presentes:— *Illustrissimi, et Reverendissimi Cardinales, non indigent reformatione:*

— Os Ilustrísimos e Reverendísimos Cardiais não necessitam de reforma.

Ouvindo isto o Arcebispo de Braga, entrou-se de zêlo, e levantou a voz, dizendo : — *Illustrissimi, et Reverendissimi Cardina-*

*les indigent illustrissima, et reverendissima
reformatione:*

-- Os Ilustrísimos Reverendíssimos
Cardiais necessitam de uma ilustríssima e
reverendíssima reforma.

Note-se como o nomear aquele lisonjeiro
aos cardiais com os decorosos títulos de
Ilustrísimos e Reverendíssimos era tácita-
mente dar a razão do seu dito, isto é de não
necessitarem de reforma. ; Como se preten-
desse mostrar a incongruência ou disson-
ância da reforma com o ilustre do sangue
e com o venerável da dignidade! E isto, bem
construído, valia tanto como dizer:

— Reforma para os pequenos, para os
povos, para os prelados inferiores, atéqui-
sim; ; porê m reforma para os Príncipes Elei-
tores do Vice-Deus na terra! ; Reforma para
os Padres Purpurados do Sagrado Colégio,
onde há tantos Senhores que são a flor da
Nobreza! Tal se não permita, nem ainda
venha ao pensamento...

Se êste não é o sentido das palavras da-
quele lisonjeiro, não sei qual outro seja. E
me lembra a êste propósito o caso de Ale-
xandre Magno, indignado contra o pirata que
infestava os mares, o qual lhe respondeu:

- Eu, porque sou um homem particular,

roubando o pouco que posso, sou digno de morte; mas tu, que és ladrão grande, e roubas o mundo inteiro, todavia como és imperador, és digno de honra, e ninguém pode culpar-te.

E, carregando mais sôbre o torpíssimo vício da adulação, não me parece que vai longe do costume bárbaro de certos povos de quem escreve Causino que, tanto que o seu rei cospe, apanham a saliva e a guardam com estimação. Tais, na verdade, são os lisonjeiros, que o mesmo que em outras pessoas é vil, imundo e asqueroso, na dos príncipes, só porque são príncipes, lhes parece bem e digno de estimar-se.

Mas usemos de outro simile, mais limpo e mais engraçado. Há óculos lavrados em tal forma que as cousas pequenas representam como grandes, e outros, pelo contrário, que as cousas grandes representam como pequenas. A malícia ou ignorância humana também usa desta óptica: com os primeiros óculos vê as faltas das pessoas ordinárias, a quem despreza; com os segundos, as das pessoas sublimes de quem depende.

Conta-se que, caminhando certo homem douto de Baviera para Tirol pela Áustria

Inferior, adoeceu de febres e veio a morrer em uma aldeia.

Antes que o padre-cura do lugar o enterrasse, o juiz da terra, com os vereadores, arrecadando e revolvendo as malas do defunto, encontraram ali com um microscópio, que é um vidrinho côncavo lavrado por arte dióptrica, onde metidas as cousas pequenas aparecem de disforme grandeza, de sorte que até um cabelo (sinal de que cresce, *non per juxta positionem, sed per intus susceptionem*) se vê ôco por dentro como uma cana.

Neste óculo estava então metida uma pulga; e, como aqueles rústicos não tivessem notícia de semelhante instrumento, e vissem dentro bulir um bicho de estranha e monstruosa figura, quanto mais olhava um, e olhava outro, mais se admiravam todos. Vieram enfim a persuadir-se que era demónio familiar encerrado ali por pacto, como costumam fazer os mágicos em alguma re-doma ou em um escritório.

Então cresceu o horror nos da consulta, e diziam:

— Pois, se êste homem era arte-mágico, e assim morreu miseravelmente, sem desfazer o pacto, não se enterre em sagrada.

Durou tempo a controvérsia, até que, ou de propósito ou acaso, aberto o vidrinho, sai a pulga, e trocou-se o horror em riso de uns e confusão de outros.

Eis aqui em figura o que passa no avaliarmos os defeitos ou pecados do próximo. Em pessoas a quem desprezamos, ou lhes não somos bem affectos, uma pulga nos parece um demónio; mas em outras, de quem dependemos, e a quem veneramos, um demónio nos parece uma pulga: aquelas são para nós excomungadas; estas meteremos até em um Sacrário.

¡Oh quem fizera em pedaços êste microscópio da nossa malícia, que tão falsamente representa os objectos!

(Nova Floresta, «Correcção, etc.»).

BUGIARIAS MONÁSTICAS

UM monge de Cister, já moribundo, viu o demónio em figura de mono, sentado sôbre uma vara onde estava pendurado o seu escapulário (1), no qual, por já velho e rôto, havia lançado um remendo, porêm sem licença do superior; e agora o Inimigo, mui festejador e contente com aquele defeito contra a pobreza, lambia e beijava o remendo, e lhe corria muitas vezes a mão por cima.

O monge, reconhecendo a sua falta, se compungiu dela no coração, e porque já tinha perdido a fala, significou por acenos lhe lançassem dali aquele espírito mau, que o escarnecia. Os circunstantes, como nada viam, não entendiam o que lhes queria di-

(1) = tira de pano que alguns religiosos trazem por cima da túnica, pendente do pescoço.

zer, e sómente se admiravam. Até que foi Deus servido dar-lhe fala, e disse:

— Não vêdes o demónio, os escárnios que está fazendo, e como se deleita com aquele remendo que lancei no hábito sem licença, como se fôra meu o hábito ou o remendo? Descosei-me logo, logo, aquele remendo, para que o Inimigo me não me acuse diante de Deus.

Êles, por lhe fazer a vontade, condescenderam no que pedia, e logo fugiu o demónio; e o monge se confessou e recebeu penitência, e tornou a perder a fala, e expirou quietamente.



À vista de que no juízo de Deus se pede conta duns escritórios de nogueira na cela dum prelado, ¿como poderão ali passar bem os contadores de évano, os quadros e camisas ricas, os brincos, ramalhetes e relógios curiosos, as frutas e as conservas, e as moedas de ouro também em conserva? ¿Como poderá passar o teto duma cela, em que me consta se despenderam seiscentos mil réis; e as paredes dela, sôbre que houve consulta se se fariam de figuras de gesso

relevadas, se de azulejos de Holanda em países (1), ou brutescos (2)? ; Como poderão passar as guarda-roupas onde se ostentam em vistoso alarde as fileiras de vários brincos e peças de prata, cristal, vitorina (3) vidro, marfim, etc.! Aqui digo que tem o infernal bugio (4) que lamber e beijar muitos dias; não só porque tudo são bugiarias, senão porque ainda possuídas com notícia ou licença do prelado ou prelada, sempre amortecem, destroem e afogam o espírito da religião; e se na hora da morte seis fôlhas de papel, tomadas sem licença, tanto atormentam e dão cuidado, como atormentarão tantas alfaias, que as seis fôlhas de papel não bastam para rol ou inventário delas? E se o remendar sem licença um escapulário velho e roto, é caso para o Inimigo fazer dêle artigo de acusação, e Deus Nosso Senhor, por sua piedade, restitui a

(1) = paisagens.

(2) Brutescos, ou grotescos: figuras caprichosas representando personagens ou animais, reais ou imaginários, cercados ou entrelaçados de ornatos e arabescos de fantasia.

(3) Vitorina ou venturina: pedra fina.

(4) = mono, macaco.

fala a um moribundo para que se confesse e receba penitência, e possa morrer quieto, como esperam morrer quietos os religiosos que por uma parte fazem grandíssimo caso de que o hábito não seja, nem velho, nem roto, nem remendado; e por outra nenhum caso fazem, nem de pedir licença, nem de confessar o pecado, nem de satisfazer com penitência? Aquele monge de Cister, remendando o hábito, rompeu a pobreza; mas depois, descosendo o remendo e confessando a culpa, remendou a consciência; estoutros, que não querem romper o que está remendado, nem remendar o que está rôto, não querem romper o que estiver remendado, porque se desprezam de que o seu hábito não seja são e lustroso; nem querem remendar o que está roto, porque não fazem caso de remendar semelhantes faltas contra a pobreza religiosa.

(Estimulo Prático, 406 e 407).

TRANSCRIÇÕES BREVES

A inveja

Depois de haver feito proezas memoráveis o famoso capitão Belisário, e alcançado de muitas nações bárbaras insignes vitórias, lhe mandou o imperador Justiniano, mal informado, tirar os olhos. E êle, pôsto em uma choupaninha ao longo da estrada, pedia esmola aos passageiros, dizendo:

— ¡ Caminhante ! rial e meio a Belisário, a quem o valor expôs aos olhos de muitos, e a inveja o privou dos seus...

*

A inveja é carcoma (1) das fortunas grandes. Aristóteles, preguntado que cousa era inveja, disse:

— Antagonista da prosperidade.

(1) = caruncho, bicho roedor da madeira.

*

Os mordidos da serpente chamada *Andrio* padecem vertigens e vômitos de cólera (1) fetidíssima, e outros movimentos desordenados; e o lugar onde mordeu gasta-se, como que o roeram. Assim os miseráveis, em cujo coração se embrenha a serpente da inveja, o mesmo coração se lhes desfaz e consome, porque o bem alheio teem por mal próprio.

*

Falando-se diante del-rei Frederico que cousas serviam para aguçar a vista, e respondendo vários várias cousas, disse Áccio Sincero;

— A inveja.

Brevíssima sentença, mas não menos verdadeira do que breve. Porque os olhos do invejoso, ainda não podendo olhar direitos, nada lhes escapa, nem do bem nem do mal da pessoa invejada: do bem para detraírem, do mal para se alegrarem.

(*Nova Floresta*, «Inveja»).

(1) — um dos humores do corpo humano; *bitis*, ou *bile*.



Os trinta dinheiros

«Dinheiro», ou «Denário», se disse assim do número dez, porque valia por 10 moedas de cobre de quatro réis, ou pouco mais. Não falando aqui nos nossos dinheiros antigos, de que faz menção a Ordenação velha, que era moeda de cobre e doze delas valiam um sôllo — senão nos dinheiros Romanos, que eram moeda pequena de prata, cada uma valia quatro sestércios, e um sestércio valia dez réis (tomando êste nome no género masculino *sestertius*, que no neutro *sestertium* valia dez mil réis; e com números atrás, v. g. *centies sestertium*, valia um conto; e tantos contos quantos o dito número indicasse), Com que, um dinheiro era como os nossos dois vintêns.

Daqui se vê quão vil e abatido foi o preço pelo qual o aleivoso Judas vendeu o Senhor do mundo. Porque trinta dinheiros, se procedemos na opinião de Santo Ambrósio, que lhes não chama *Argênteos*, senão *Denários*, fazem doze tostões. E, se vamos com a opinião de Budeo, que afirma viu uma destas moedas em Paris; de A Lá

pide, que diz viu outra em Roma no templo de Santa Cruz de Jerusalêm; de Soares, Ribera e outros expositores: era cada moeda destas do pêso e tamanho (pouco mais ou menos) de dois reales de Espanha, ou dois júlios de Itália, que são os nossos quatro vintêns; e veio a efectuar-se a venda de Cristo por dois mil e quatro centos réis.

Honrado e formoso preço na verdade, para vender uma pessoa divina, como ela mesma disse irónicamente, pelo seu profeta Zacarias: *Decorum pretium quo appretiatum sum ab eis* (1)! Nem faça dúvida parecer pouca prata esta para se comprar com ela o campo do oleiro para sepultura de peregrinos; porque, como advertiu o mesmo padre Soares, não diz o Evangelho que se comprou só com estes trinta dinheiros precisamente, nem tão pouco que o dito campo era grande, e para o dito préstimo de sepultar peregrinos bastava qualquer pedaço de chão do tamanho de um adro.

(Nova Floresta, «Esmola»).

(1) «Essa bela soma que elles creram que eu valia.» (*Zacarias*, XI, 13).

*

Desprêzo de si próprio

Caminhando S. Francisco de Borja por Serra Morena, em uma estalagem aonde se aposentou buscou um aposentozinho, onde se pôs a orar de joelhos. Estavam ali as malas de um passageiro, o qual, presumindo que lhas queria revolver para furtar alguma cousa, o ameaçou, dizendo que o moeria com um pau. Mas, conhecendo depois com quem falava, lhe pediu perdão. Respondeu o santo:

— Eu vos perdôo o agastamento, tirando aquilo do pau, que não acho aqui que perdoar; porque, por meus pecados se me deve e o tenho bem merecido.

*

Êste glorioso santo fôra no século duque de Gândia e vice-rei de Catalunha; je responder tão pacato que nem a culpa do ofensor nomeia por juízo temerário, nem por arrôjo ou demasia, senão só por agastamento, e, em cima, se desquita do honorífico de perdoar, por entender que merece a pena!

E, porque não pareça que o santo não sabia aproveitar as ocasiões de ser injuriado, quando chegavam a efeito, não parando só em ameaça, ajunto o seguinte caso:

Uma vez, na pousada, o companheiro, que era asmático, esteve cuspiendo ao santo no rosto, imaginando que cuspia para outra parte; êle se calava e o chuveiro de salivas continuou grande parte da noite. Quando amanheceu e viu o companheiro sua desatenção, ficou mui envergonhado; e o santo lhe disse:

— Padre, não tenha pena, que lhe certifico não haver no aposento lugar mais próprio para cuspir do que eu.

*

Êste mesmo glorioso santo levou uma vez um porco às costas para a cozinha. A alguns que nisto repararam disse:

— ¿Que muito é levar um porco outro?

*

Quando o venerável padre Ambrósio Mariano veio a êste Reino, para nêle fundar a primeira casa dos Carmelitas Descalços

(chamados por isso entre nós os Marianos), ia buscar lenha e a trazia às costas pela cidade.

Preguntando-lhe ¿por que tomava exercicio tão vil e trabalhoso?, respondeu:

— Porque dêste modo me aquenta a lenha duas vezes.

*

Do grande cardinal Roberto Belarmino costumava dizer um judeu que, se todos os cristãos fôsem como Belarmino, todos os infiéis seriam cristãos. Quási o mesmo dizia também um hereje. E, chegando esta notícia aos ouvidos do cardinal, disse, como quem se alvoroça e alegra:

— Todavia (1) já para ser canonizado tenho duas boas testemunhas: um judeu e um hereje; falta-me agora um turco...

*

Vivia o venerável padre D. Frei Agostinho da Cruz no célebre deserto da Arrábida. Aqui lhe enviou de mimo uns figos o

(1) = ainda assim.

duque de Aveiro. Êle os pôs a secar sôbre o teto da sua celinha, que era mui baixa; e veio um corvo e levou-lhos. Disse então o servo de Deus:

Se Agostinho fôra Paulo,
O corvo, quando viera,
Não levava, mas trouxera...

(*Nova Floresta*, «Desprêzo de si próprio»).

*

Astúcia de um cego

No tempo del-rei D. Afonso de Aragão houve em Agrigento, cidade de Sicília, um cego astutíssimo e que, pelo tino, sabia as estradas de tôda aquela ilha. Êste, tendo juntos uns quinhentos cruzados, os enterrou, por que lhos não furtassem. Porém um compadre seu, que morava perto, viu o entêro ou depósito, e logo no dia seguinte lho tomou. Achando o cego a falta, conjecturou a verdade. Para certificar-se dela, foi tomar conselho com o mesmo ladrão, dizendo:

— Compadre: eu tenho enterrada em certo lugar uma quantia de dinheiro; deixei ou-

tra comigo pelo que podia suceder; agora, como entim sou cego, temo que ma furem; não sei se farei melhor em a pôr onde a outra está, ou se a deixe em minha casa...

O consultor, vendo oferecida o oportunidade de lhe tomar tudo, respondeu:

— Por melhor tenho que a enterreis.

E, para que o cego não achasse menos o primeiro depósito e confiadamente lhe ajuntasse o segundo, repôs ali o que tirara e vigiou a hora em que o cego ia dar à execução o seu conselho. Porém, êste, que não ia a guardar de novo, senão a recuperar o antigo, tanto que o achou levantou o sacco na mão para aquela parte onde supunha que o vizinho estava vigiando (como, na verdade, estava) e disse em voz alta:

-- Oh! compadre, quanto, esta vez, mais vejo eu, cego, que vós com ambos os olhos!

(Nova Floresta, Astúcia).

*

Avareza

Certo homem nobre e rico tinha dado a um seu filho, por várias vezes, boas quanti-

dades de moeda, para que corresse com os gastos e administração da casa, como mais activo que era e desocupado. Mas êle, encurtando a mão quanto podia, ia enterrando o mais (1) em lugar oculto.

Sucedeu ser necessário a êste avarento fazer jornada longe. Entretanto o pai, que já presumia o mal, buscando-o por vestígios, veio a dar com o tesouro; e dêle pagou logo salários de criados, reformou móveis da casa e repartiu esmolas; e depois, enchendo os mesmos sacos de areia, os repôs no seu lugar.

Recolhendo-se da jornada, o filho foi logo fazer estação e visita ao seu depósito, porque lá tinha o coração; mas, não achando mais que areia, à primeira vista ficou pasmado e quasi esmorecido; e depois tôda a casa confundia com gritos, queixas e desesperações.

Acudiu então o pai, dizendo mui ao fleumático:

— ¿ De que te amofinas, filho meu, ou por que te enfureces? Não tens mais que imaginar que ainda lá está o dinheiro; porque.

(1) = a maior parte.

se os sacos, e o volume, e o lugar, e o prêstimo, ou o uso, sempre é o mesmo, ¿que mais monta ter ouro que ter areia? . . .

(*Nova Floresta, Avareza*).

*

Vontade e veleidade

Vontade é determinação eficaz de procurar algum bem desejado ou fugir dalgum mal que se teme, e explica-se pela palavra *Quero*.

Veleidade é um princípio de querer com frieza e ineficácia, e explica-se pela palavra *Quisera*.

O sinal para conhecermos em nós se *queremos*, ou se sómente *quiséramos* algum bem, é ver se abraçamos, ou não, os meios necessários para o alcançar. Se o enfêrmo se põe nas mãos do médico perito, quer saúde; se o pretendente lida, agenceia, insiste, mete pedreiras, (1) faz despesas: êste quer o bom despacho. Se o estudante ma-

(1) = recomendações, empenhos

Druga, revolve os livros, poupa as horas, pergunta as dúvidas e continua as suas tarefas e disputas literárias, este quer sciência. Mas, se nenhum dêles aplicar os sobreditos meios, nenhum dêles quer, de verdade, os sobreditos fins.

Assim passa também no nosso caso. Os meios necessários para alcançar a salvação são a guarda dos Mandamentos.

Se o cristão aplica estes meios, quanto é da sua parte, com o favor divino, este quer salvar-se; se os não aplica, antes os lança em esquecimento, este não quer salvar-se, por mais que diga que, sim, quer; porque o seu *quero* não passa de *quisera*. Quisera, se não fôra tão custoso para os seus maus costumes contrários; quisera, se por amor disso não houvesse de cortar por outros querereres; quisera, se, para comprar o campo onde está escondido o tesouro, não fôsse necessário vender tôdas as suas cousas.

Enfim: quer como preguiçoso e descuidado, que o seu querer é não querer: *Vult et non vult piger*.

(*Noca Floresta, Bem-aventurança, gloria eterna*)

*

Desapêgo de parentes

Foi um secular buscar um irmão seu, monge, rogando-lhe com grande ânsia que o ajudasse a desatolar uma carroça em que levava para outra terra grandes cabedais de mercadorias preciosas. O monge, que estimava estas cousas tanto como o lôdo em que caíram, disse-lhe que se valesse de outro irmão, também secular.

— Êsse (disse êle) já morreu há um ano.

— Pois eu (replicou o monge), já morri há vinte.

*

Ao virtuoso padre António de Pina, da Companhia de Jesus, deu outro religioso recados da parte de um seu irmão. Disse, sorrindo-se:

— Ainda tenho um irmão? Três anos faz agora que eu recebi uma carta sua, e ainda a não abri, e me serve de tampa do tinteiro.

*

Mandou Santo Antão abade ao monge Pio que fôsse a casa de sua irmã, porque c

desejava vêr e sôbre isso lhe tinha feito importunas instâncias. Obedeceu o monge, chegou lá com o seu companheiro; saiu a irmã, mui alvoroçada; e êle lhe disse com os olhos fechados:

— Eu sou teu irmão: olha-me bem quanto quiseres. . . ? Olhaste já ?

E, dito isto, se tornou.

(*Nova Floresta*, «Desapêgo de parentes»).

*

A hiena e o santo

Estava S. Macário na sua cela. Vem uma hiena (animal mui feroz e cruel, que fossa nas sepulturas para manjar cadáveres, e cada gengiva não é mais que um só dente continuado), bate com a cabeça na porta, e, entrando à presença do santo, que ainda estava assentado, lhe soltou aos pés um seu filhinho, que trazia na bôca.

Advertiu Macário que o cachorro era cego, e que esta era a mercê que a mãe lhe vinha pedir: remédio para aquele mal. Toma-o, pois, nas mãos, cospe-lhe nos olhos, ora ao Autor da natureza, e lho restitui são, como pedia.

Eis que no seguinte dia torna a hiena com a pele de uma grande ovelha e, posta a cabeça em terra, com sinais de submissão e reconhecimento do benefício, lha oferece por presente. Diz-lhe, agastado, o santo:

— ¿ Donde te veio a ti a pele, se não roubaras e enguliras a ovelha? Não recebo por dádiva o que é adquirido por injustiça.

A hiena, todavia, prostrada aos pés do santo, não dava pela repulsa. Então, finalmente, o santo lhe disse:

— Promete de não fazer mais mal aos pobres, e então aceitarei o que me ofereces.

Tornou a hiena a inclinar a cabeça e se partiu mui contente, deixando a pele da ovelha: que a da sua condição roubadora não sei se a deixaria.

(*Nova Floresta*, «Dádivas, etc.»).

*

Poder do oiro

Recusava certo advogado patrocinar uma causa, por lhe parecer injusta. O pretendente, depois de larga porfia, usou de outro género de persuasão e ofereceu-lhe uma

bôlsa com duzentas moedas de dinheiro daquela terra, que tinham esculpido um cavaleiro armado. Aceitou o letrado, dizendo:

— Se v. m. investe com duzentos de cavallo armados, ¿ quem se não renderá?...

*

Intentando Filipe, rei de Macedónia, expugnar um castelo, disseram-lhe os exploradores não ser possível, em razão do sítio fragosíssimo e mui eminente. Disse o rei:

— Se pode subir um jumento carregado de ouro, tudo temos alhanado.

As lanças de ferro não são tão penetrantes como os lanços de ouro (disse S. Pedro Damião): Mais murado estava Filipe no meio da campanha do que o seu inimigo dentro do castelo; porque, por uma parte, os tesouros do rico são a sua cidade fortificada, como disse Salomão; e, por outra, não há portas fechadas, se dá nelas o dar, disse S. Valeriano bispo.

E é o que disse Cassiodoro: Que pelos grossos donativos se adquire cómodo sem

perigos de guerra, triunfo sem combate, palma sem luta, vitória sem mortandade. Sendo tribuno Lúcio Druso, estampou em Roma uma moeda com o símbolo da vitória. Tôdas as moedas tiveram sempre êste cunho (ainda que oculto), mais ou menos, segundo sua quantidade: moeda pequena, pequena vitória; moeda grande, vitória grande; muitas moedas continuadas, muitas vitórias sucessivas...

(*Nova Floresta*, «Dádivas, etc.»).

*

Dois sonhos

Sonhou um homem que via um ôvo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, o qual lhe disse por interpretação:

— Que naquele lugar onde dormia estava escondido dinheiro.

Cavou o homem, e achou ouro e prata. Desta deu por prémio ao adivinhador uma pouca parte, o qual, aceitando-a meio alegre meio triste, disse, aludindo ao ouro:

— E da gema, não há nada?...

*

O segundo caso foi que certo homem letrado, presumido e ambicioso, sonhou que empunhava nas mãos dois bâculos. Como fiava no seu juízo, quis êle mesmo ser o intérprete, e assentou que o Céu lhe prometia e prognosticava dois bispados. E pôs-se em jornada para a côrte, a entabular nela sua pretensão. No caminho deu uma trabalhosa queda, de que ficou tão estropeado que tôda a vida lhe foram necessárias duas muletas para andar. E esta queda o fêz então cair em si, e entender que as duas muletas de aleijado foram os dois bagos (1) de bispo. Porém, se era tão ambicioso e presumido que pretendia as mitras aos pares, mais profunda e irremediável fôra a sua ruína, se chegasse a possuí-las.

(*Nova Floresta*, «Dádivas, etc»).

*

D. João II e o prior do Crato

Estando el-rei D. João II de Portugal assentado junto de um bufete, com o roste

(1) = bâculos.

virado para a parede, passou por detrás D. Diogo de Almeida, Dom Prior do Crato, e não tirou a gôrra. Mas El-Rei, que via a sombra na parede, não querendo perder este ponto da sua autoridade, lhe disse:

— Afastai-vos lá mais. ¿Ainda não sabeis que os reis não tem avesso nem direito?

(*Nova Floresta*, «Cortesia, etc.»)



Alumiar os que erram

A D. Fernandô de Talavera, arcebispo de Granada, disse um criado seu palavras pesadas, descomedindo-se com êle com maior liberdade do que se podia esperar da dignidade de um officio e de outro. O bom prelado esteve muito em si, sem responder-lhe; e, quando o viu partir colérico de sua presença, pegou do castiçal e o foi alumiano diante pela escada abaixo.

— ¿Que faz Vossa Senhoria? onde vai? (disse o criado, assustando-se com aquella acção de humildade).

Respondeu o prelado :

— A fazer meu officio, que é alumiar os que erram.

Ficou o criado confundido ; e, prostrando-se a seus pés, lhe pediu perdão.

(*Nova Floresta*, «Correcção», etc.)

*

Lútero e a pompa católica

O espírito da avareza, no que toca ao culto dos altares e templos, aparenta-se com o de Judas Iscariotes, que chamava desperdício (1) e reputava mal empregado em obsequio de Cristo o unguento aromático, que avaliava em trezentos dinheiros ; e não deixou de dizimar o preço pelo modo que ainda pôde, vendendo ao mesmo Senhor por trinta.

Nenhuma magnificência e decôro é supérfluo no que toca tão próximamente seu corpo e sangue sacramentados e representa misticamente seu sepulcro, como diz Sant'

(1) = desperdício.

Tomás, falando do cális, e a patena a campa dèle, (1) como diz o padre Soares.

S. Gregório papa fêz um cális ornado de preciosa pedraria, o qual pesava trinta libras de ouro, e uma patena do mesmo, que pesava vinte oito e meia.

O padre Teófilo faz menção de outro cális de ouro maciço, tão grande que um homem o não podia levantar. Não sei que uso pudesse ter, salvo para urna do Santíssimo em quinta-feira maior.

Lutero, ímpio desprezador de semelhantes cálices preciosos (no que procedia coerente com os outros seus erros, de que na Eucaristia ainda depois da consagração fica verdadeiro pão e vinho, e de que a missa não foi instituída por Cristo Senhor nosso, nem é sacrificio, nem ainda obra boa), por outra parte o seu copo, o qual era mais que arrazoadado, e estava cingido com três coroas, umas mais acima das outras, como tiara papal: à primeira e superior chamava o Padre nosso; à segunda o Credo; à ínfima os Man-

(1) — A patena que cobre o cális é como que a tampa ou campa do sepulcro.

damentos e a todo o copo o seu catecismo. E se algum convidado não chegava a beber mais que até a primeira coroa, dizia que não sabia mais que o Padre nosso; mas, se esgotava todo, dizia que sabia o catecismo inteiro.

Lá está já onde o seu cális será eternamente aquele que disse David, também de três repartimentos: fogo, enxôfre e demónios.

(Nova Floresta, «Culto Divino»).

*

Silabadas e improvisos

Em um Colégio da Companhia, lendo um Irmão à mesa (como é louvável costume nas comunidades), chegou a um texto da Sagrada Escritura em que se fala do rio Eufrates; e não estando presente na quantidade da sílaba que devia dar a êste nome, — se breve, se longa — parou um pouco; e logo, como quem se determinava a tomar um salto grande, pronunciou erradamente, fazendo a sílaba breve.

Estava na mesa o padre doutor José de Seixas, bem conhecido por seus grandes

talentos, o qual de repente disse para os vizinhos êste dístico :

Chegando ao Eufrates, tímido parou;
E, por passar depressa, o abreviou...

*

Há engenhos felizes nos repentões, o que lhes concilia particular graça aos seus conceitos, que parecem flores, não cultivadas, mas aparecidas como por milagre.

Junto das saúdosas águas do Mondego estavam uns estudantes em dia de sueto; e vendo vir pelo rio uma cabaça, a tomaram por assunto dos seus versos. Depois que os outros disseram, disse um para remate do certame :

Zombou de tantas cabeças
Uma cabaça vazia;
Cheia, ¿ como zombaria?...

*

Dom Tomás de Noronha, fidalgo de descrição mui celebrada neste Reino, vendo falar uma pessoa de sua família com certa mulher suspeitosa, perguntou o que era. E foi-lhe

respondido que era uma adela, a quem se procuravam uns corais. Disse então, de repente :

A adela com que falais,
Boas novas não há dela;
E o que vós falais com ela,
Com os corais não o corais....



Conhecemos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por dificultosos e paradoxos que fôssem) sem deter-se mais do que enquanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôs o marquês de Fronteira o seguinte mote :

A mais formosa que Deus.

E êle, levantando os olhos pensativos e fazendo a acção costumada, saúu logo com a seguinte glosa :

Com duas donzelas vim
Ontem, de uma romaria;
Uma feia parecia;
Outra era um serafim.
E, vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seus,

Preguntei-lhes: Anjos meus,
¿ Quem vos pôs em tal estado?
Disse a feia, que o pecado;
A mais formosa, que Deus.

*

Erasmus, que em tudo o que toca à Igreja Romana roeu dissimuladamente, porque, enfim:

Queritur und tibi sit nomen Erasmus? erasmus (1)

andou tão impertinente nesta mesma matéria, que diz, muito em seu sizo, que os ecclesiásticos, fazendo, na sua reza das horas canónicas, as sílabas breves sendo longas, tem obrigação de resituir a Deus o furto que lhe fazem do tempo dos seus louvores, porque a sílaba breve leva um só tempo, e a longa dois; e isto em trinta ou quarenta anos de rezar importa cousa muito considerável.

Ao que responde graciosamente o P.^o

(1) Trocadilho: *eras mus eras rato*. Por isso roeu em tudo o que toca à Igreja Romana.

Teófilo Rainaudo que pode Deus, nosso Senhor, compensar-se nas outras sílabas que de breves se fazem longas...

(*Nova Floresta*, «Conversação afável»).



Protágoras e Evatlo

Em Atenas, um nobre mancebo por nome Evatlo, desejando aprender a arte oratória, para poder advogar nos tribunais, tomou por mestre a Protágoras, nela insigne. Recebeu êste logo de contado a metade do preço, conchavando com o discípulo em que a outra metade lhe daria, se vencesse na primeira causa que sustentasse, como réu, ou autor, ou patrono, depois de já ensinado.

Aprendeu, pois, Evatlo; mas, por não pagar, não se metia em defender causa alguma. Entendeu Protágoras a malícia e demandou-o, dizendo perante os juizes:

— Aprende, ó mancebo néscio: de qualquer modo que estes senhores sentenceiem, me hás-de pagar. Porque, se não vences nesta demanda, e te condenam, me hás-de pagar, porque eu venço, e tu ficas obrigado

a estar pela sentença. E se a mim me condemnaram, e tu vences, também me hás-de pagar, pela razão do pacto que fizemos de que, se no primeiro pleito vencias, me havias de pagar.

Respondeu Evatlo, revirando-lhe o argumento :

— Aprende, oh sapientíssimo mestre: de qualquer modo que estes senhores sentenciem, não te hei-de pagar. Porque, se te condenam, e eu te venço, por sua sentença fico livre; e, se me condenam, e tu vences, também não hei-de pagar pela razão do pacto que fizemos de que, se no primeiro pleito não vencesse, não te havia de pagar.

Neste passo os juizes, vendo a causa perplexa (1) com um nó tão cego que o mesmo desatá-lo por uma parte o apertava mais pela outra, suspenderam a sentença.

Não estariam presentes no que os lógicos ensinam, quando tratam das proposições insolúveis e que se falsificam a si mesmas: e é que em estes e outros semelhantes pactos não se entende incluída condição ou proposição destrutiva do mesmo pacto; por quanto não se deve presumir que os pactan-

(1) = enleada, complicada

tes querem fazer coisa irrisória ou impossível; e coisa impossível e irrisória é que ambos juntamente fiquem obrigados e desobrigados. E assim, a sentença daqueles areopagitas (1) havia de pronunciar que Evatlo estava livre, pois se não obrigara a seguir a vida de advogado, se não sómente a pagar, se vencesse a primeira causa — a qual se não devia entender ser aquela mesma em que se ventilasse êste mesmo ponto, pela razão referida.

(*Nova Floresta*, «Conselho»).

*

Ira e mansidão

Pedindo Atenedoro, filósofo, licença a César para ausentar-se, disse-lhe êle que lha concedia, a trôco de lhe deixar algum conselho seu, útil para todo o tempo.

— Senhor, disse o filósofo, tôdas as vezes que vos estimular a ira, correi uma por uma as vinte e quatro letras do abcedário grego, antes de falardes a primeira palavra.

(1) = magistrados, juizes

Reconheceu o César a grande generalidade e utilidade dêste ditame; e, revogando a licença, disse:

— Não vos vades, que necessito de vossa pessoa.

*

Quis um varão santo experimentar a virtude de dois monges; e com o bordão lhes derrotou e pisou tôda a hortaliça da horta, que era cousa de que muito necessitavam os monges e em que empregavam seu suor e trabalho.

Êles nada disseram, nem mostraram tristeza nos semblantes. Entraram na cela, rezaram as suas tarefas ordinárias, com grande repouso; e depois disseram para o hóspede:

— Senhor, se nos dais licença, iremos recolher algumas fôlhas que ficassem, para as cozermos, porque é hora de comerdes.

Com êste exame entendeu aquele santo que a virtude dos seus hóspedes era sólida. E com razão, porque aqui se viram resplandecer, juntas, a humildade, obediência, caridade, desapêgo das criaturas, paciência, pobreza, oração, mansidão e igualdade nos santos exercícios.



Era Santo Efrem de natural agastado, e por isso fazia muito pelo domar, e que na vida cenobita a nenhum sócio causasse moléstia.

Sucedeu que, havendo jejuado muitos dias, como tinha de costume, ao trazer-lhe o ministro (1) de jantar, caíu-lhe das mãos a panela e, fazendo-se em pedaços, derramou tudo. E, vendo o santo a sua turbação e mêdo, disse-lhe:

— Esteja de bom ânimo, Irmão; já que o jantar não quis vir a mim, eu irei lá onde êle está.

E assentando-se na casa sôbre os cacos, ali comeu e aproveitou o que pôde.



Um monge de condição colérica, por evitar encontros e dissabores com os outros sócios, disse que melhor lhe estava fazer vida solitária; e retirou-se para o ermo, levando sómente consigo uma esteira, uma manta e um cântaro.

(1) = ajudante.

Trazendo êste cheio do poço, ao pousá-lo em terra inclinou-se e entornou-se um pouco. Acudiu logo a endireitá-lo, e tornou a voltar-se para a outra parte e entornou outro pouco. Terceira vez lhe succedeu o mesmo; e neste ponto entrou-se repentinamente da cólera: pega do cântaro, e dá com êle em uma pedra, e o faz em pedaços.

Então, vendo que não tinha com que ir buscar água e que se achava no deserto, onde ninguêm o podia ajudar, reconheceu a sua má condição e disse:

— Pois, se eu nem com o meu cântaro sei estar em paz, certo é que isto vai de mim. Quero, pois, tornar para o mosteiro e sofrer a meus Irmãos.

(*Nova Floresta, Ira, mansidão.*)

*

«Trop allemand»

Adolfo, conde de Nassau, mal eleito (1) em rei dos Romanos, por morte do imperador

(1) = apenas foi eleito

Rodolfo, conde de Aspurg, escreveu a Filipe, rei de França, uma carta mui vã e confiada, em que lhe mandava (1) a restituição de certas terras, por serem, como dizia, do Império, e a Coroa de Espinhos de nosso Salvador — ameaçando que, se não lha entregassem logo, a viria tomar por fôrça.

O Francês desprezou o requerimento; e uns dizem que nada lhe respondeu, outros que pôs em uma grande fôlha de papel esta só palavra: *Trop Allemand*, que quer dizer demasiada confiança ou grande simplicidade.

Êste conde era de Alemanha a Baixa; e à nação alemã se atribui a candidez ou singeleza. Aqui consistia (2) o chiste do *trop allemand*.

Sêneca disse que quem pede a mêdo ensina a que lhe neguem: *Qui timide petit, negaturum docet*. Pode-se acrescentar que quem pede mandando, não só ensina a que lhe neguem, senão que obriga a que lhe respondam mal.

(*Nova Floresta, «Ignorância, etc.»*).

(1) = intimava, ordenava.

(2) = nisto consistia.



O varão espiritual e o «peixe náutilo»

Parece-se o varão espiritual e resignado com o peixe Náutilo, do qual escrevem Plínio e Eliano que tem uma concha emborcada nas costas, e, quando é tempo sereno, vindo acima da água, a vira para baixo e fica como descansando em um batelinho; e logo estende dois braços, como os da lagosta, e com êles vai remando, e da cauda se serve como de leme; e, se há vento, estende outros dois braços, entre os quais tem uma membrana a modo de cartilagem, ou pergaminho, e esta, ficando mais ou menos tesa, conforme o peixe quer, ganha vento, com que êle navega. E se encontra algum peixe maior, que lhe pode fazer mal, ou outro qualquer perigo, afunda a concha, a qual, enchendo-se de água, com o pêso se vai abaixo — e sumiu-se o Náutilo. Mas, se lá dentro teme algum outro dano, bóia outra vez acima.

A êste modo, o varão espiritual sabe navegar por cima das ondas e por baixo delas; pelas cousas prósperas e pelas adversas. Para qualquer ocasião traz o aparelho

todo consigo: na prudência leme, na diligência remos, na confiança velas, na humildade lastro.

Não é fácil o pescá-lo, porque o mesmo ir-se a fundo com o pêsso do amor e da humildade — é salvar-se.

(*Nova Floresta*, «Conformidade, etc.»).

*

Os judeus e o sábado

Os judeus, no mesmo lugar e sítio, e com os mesmos vestidos que os colhia o sábado, assim se deixavam ficar, ou dentro ou fora de casa; ou em pé ou assentados; ou calçados ou descalços, até acabar aquele dia. E não é menos ridículo o que refere Sinésio:

Que, navegando êle, e levantando-se uma tempestade, o piloto, que era judeu, assim como viu que o sol se punha, soltou o leme e se pôs mui descansado a ler pela Escritura Sagrada. E, imaginando os passageiros que desconfiava de irem a salvamento, todos desmaiavam.

Mas, sabendo não ser outra a causa do que a supersticiosa observância do sábado, que então começava, o ameaçavam com as

espadas nuas, se não fizesse o seu officio. E todavia o pilôto, arremedando a fortaleza dos Macabeus, desprezava a morte, pela imaginada guarda da sua lei. Até que na seguinte tarde se levantou, e continuou em fazer seu officio.

É claro que não mandava Deus estes melindres, ou *hazanherias* (como diz o castelhano), na santificação daquelle dia; e a estultícia e hipocrisia daquelle gente lhos acrescentou.

(*Nova Floresta*, «Caridade do Próximo»).

*

Palavra e acção

Os monges e habitadores do deserto, como eram tão contínuos na lição da escriptura santa, usavam, no modo de dar doutrina, acompanhar as palavras com acções. Assim o fêz o que saíu em presença dos mais com uns alforges ao pescoço: o que pendia para as costas cheio de areia, e o que pendia para os peitos quasi vazio; e logo disse:

- Os meus pecados e defeitos, que são

muitos, lanço para trás das costas, porque me esqueço dêles; os do próximo, que são poucos ou nenhuns, trago diante dos olhos...

Assim também outro ancião, que, para aceitar um discípulo, lhe mandou primeiro que dissesse muitas afrontas a uma coluna, e depois que lhe desse muitos louvores. Obedecendo a tudo o pretendente, perguntou-lhe o velho se se indignara a coluna com as ofensas, ou se se abalara com os louvores.

Respondeu êle que não, pois era uma pedra. Tornou o velho:

— Pois, se te atreves a ser como esta pedra, eu te aceito por discípulo.

(*Nova Floresta*, «Caridade do Próximo»).

*

Saber e saber

A ciência incha (diz o S. Paulo) e a caridade edifica. E ainda que o compor livros da qualidade que são os dêste pio e erudito padre também edifica muito aos outros, todavia possível é que edifique pouco ao seu

autor. Porque, como disse S. Bernardo, há uns que querem saber só para saber, e é curiosidade; e há outros que querem saber para serem conhecidos por sábios, e é vaidade; e há outros que querem saber para vender o que sabem, e é interêsse; e há outros que querem saber para edificar os próximos, e é caridade; e, finalmente, há outros que querem saber para edificar-se a si mesmos, e é prudência.

(*Nova Floresta*, «Caridade do Próximo»).

*

Camelos

Os camelos são animais acomodados para levar grande carga e tolerar jornadas longas pelos areais desertos do Egipto e Arábia, porque não perdem o tino, ainda que o rastro da estrada se revolva e confunda com os ventos, e sofrem a sede por quatro e cinco dias (e ainda mais os de Africa, que são mais robustos).

A sua carga justa dizem que são trinta arrobas, e caminham com grande velocidade, por serem os passos largos, conforme os pés

são altos; especialmente os da espécie que chamam dromades, ou dromedários, é tal a sua velocidade (como o mesmo nome grego indica, porque *dromos* quer dizer ligeireza) que vencem por dia trinta léguas.

Para que se visse que o principal officio dèste animal em serviço do homem era levar cargas, lhe pôs a natureza por sinatura um ou dois gibos, ou corcovas, nas costas, com que o pêso o moleste menos, e decline de uma e outra parte sôbre os pés e mãos que o hão-de levar, e outro debaixo do peito, sôbre o qual se deita, ao tomar ou depor a carga; e tanto que sente em cima a com que pode, se levanta e não quer mais, para que se veja que, se o homem toma pêso de obrigações sôbre o que suas fôrças ou talentos alcançam, é mais néscio que um camelo.

(*Nova Floresta*, «Confiança em Deus»).

*

O menino estúpido

Conta Plutarco que Antípatro, vendo que um mestre se desconsolava porque seus

discípulos não tomavam bem o ensino, contou êste apólogo:

Há uma região no mundo onde, pelo inverno, está o ar tão espêssO e como congelado, que as palavras, ao sair da bôca, ficam nêle prêsas e não passam aos ouvidos da outra pessoa; porém, vindo o verão, e liquidando-se o ar, então se soltam e são percebidas.

É sîmil mui próprio e doutrinal. Mas as regras padecem suas excepções, sem detrimento da verdade: meninos há em quem esta região fria nunca se descongela, e outros em quem logo o sol reina com tôda a fôrça luminosa de seus raios. Do primeiro temos exemplo em Herodes, o analfabeto, filho de outro Herodes, ático, assim chamados porque o pai foi célebre em erudição e eloquência, mas o filho nunca houve remédio para decorar as letras do A B C.

Pareceu-lhe ao mestre sairia vitorioso de tão fragosa rudeza com lhe dar vinte e quatro pagens, impondo a cada um o nome de uma letra, de sorte que o primeiro se chamasse *Alpha*, o segundo *Beta*, o terceiro *Gamma*, o quarto *Delta*, e assim os mais; porém ficou frustrada a indústria do mestre com a ineptidão do discípulo: todos os

dias tratava com os pagens, e o A B C ficou por aprender...

(*Nova Floresta*, «Ignorância, Ciência»).

*

Deus e as paredes

Caminhando S. Policarpo, bispo e mártir, com um seu diácono, por nome Camério, agasalhou-se em certa estalagem, e já alta noite o seu anjo o acordou, avisando-o que se saísse logo, porque a casa havia de cair. Acordou êle também ao companheiro; porém êste, como estava cansado do trabalho da jornada, recusava deixar o sono, e lhe disse:

— Padre, creio em Deus que, enquanto vós aqui estais, não há-de cair a casa; deixemo-nos estar.

Respondeu o santo:

— Também eu creio em Deus; mas não creio nestas paredes. Saiamo-nos de pressa.

Apenas tinham pôsto o pé fora, quando o edifício se veio abaixo.

(*Nova Floresta*, «Confiança em Deus»).

*

Cabelos pintados

Havendo Alexandre Magno nomeado por juiz a certo parente de Antípatro, seu amigo, soube depois como tingia a barba e cabelos. Mandou logo riscá-lo da pauta, dizendo:

— Não fio tantas cabeças de quem é infiel com a sua.

Dantes usavam alguns esta trapaça para desmentir a idade, fazendo-se tintureiros de si mesmos, e eram os pentes de chumbo, para se não tornarem os cabelos de prata. Mas, de pouco tempo a esta parte, excluíram uma invenção má, introduzindo outra pior, que é a das cabeleiras; os setenta a oitenta anos, trémulos já sôbre a sepultura, não parecem mais que quarenta, mui desviados dela...

(*Nova Floresta*, «Hipocrisia, etc.»).

*

Hipocrisia

É hipócrita o mercador que dá esmola em público e leva usuras em oculto; é hipócrita

a viúva que sai mui sisuda no gesto e no hábito, e dentro em casa vive como ela quer e Deus não quer; é hipócrita o sacerdote que, sendo pontual e miúdo nos ritos e cerimónias, é devasso nos costumes; é hipócrita o julgador que onde falta a esperança do interêsse é rígido observador do direito; é hipócrita o prelado que diz que faz o seu officio por zêlo da honra e glória de Deus, não sendo senão pela honra e glória própria. Hipócrita é o que não emenda em si o que repreende nos outros; o que cala como humilde, não calando senão como ignorante; o que dá como liberal, não dando senão como avarento solicitador das suas pretensões; o que jejua como abstinente, não se abstendo senão como miserável.

Assim é. Porém não cuide alguêm que, à conta dèste desengano, lhe é lícito contrair a doutrina a pessoas ou acções determinadas, dizendo ou julgando que fulano é hipócrita ou esta esmola deu por vanglória. Estes juízos são reservados a quem vê os corações que é só Deus, onde podemos chegar sem pecado e com prudência. (1) É não nos fiar

(1) Subentenda-se: *O que deremos fazer...*

levemente do que aparece e onde podemos assentar com singeleza e sem prejuízo; é entender que todos são bons, conforme a graça de Deus se lhes comunicar.

(*Nova Floresta*, «Hipocrisia, etc.»).

*

Dois ditos de Apeles

Entrou uma vez Alexandre Magno na oficina de Apeles, por honrar com sua presença a um sujeito tão insigne na sua arte; e começou a falar demasiadamente acerca da pintura. Apeles, com brandura cortês mas picante, lhe disse:

— Senhor, veja que se ri o moço que mói as tintas.

*

Do mesmo Apeles se refere outro semelhante dito, porém mais acicamente repreensivo. Expôs à porta uma pintura sua, e se pôs detrás do pano a escutar os votos e censuras várias dos que passavam. Veio um sapateiro e notou um defeito na chinela de uma figura principal. Emendou Apeles a

falta; e no seguinte dia tornou a passar aquele official, e, vendo a emenda, ficou satisfeito de si, e atreveu-se a notar outra cousa na perna da mesma figura. Então Apeles, aparecendo, lhe disse:

— Não suba o sapateiro além da chinela.

Daqui ficou o adágio contra os que dão voto no que não entendem: *Ne sutor ultra crepidam*.

(*Nova Floresta*, «Irrisão»).

*

Os santos e os ladrões

Santo Isaac, presbítero, mandou uma vez, a seus monges que deixassem na horta umas tantas enxadas. Assim o fizeram; e, estando todos dormindo, vieram a furtar hortaliça outros tantos ladrões quantas as enxadas eram; e assim como saltaram dentro, mudando de espírito sem saber como, cada um pegou da sua, e tôda a noite cavaram uma parte daquele campo que necessitava desta bem-feitoria. Ao sair de Matinas, disse o santo aos monges que preparassem tantos almoços para os homens da cava que andavam na horta. Obedeceram sem saber do

caso; ao romper da alva foi o santo, com os que levavam os almorços, onde estavam os ladrões, e disse-lhes:

— Basta, é tempo de almorçar, que tendes trabalhado bem.

Confusos com o que viam, pediram perdão. E o santo, ao despedi-los, lhes deu muita hortaliça, e disse:

— Irmãozinhos, o que se segue do necessitar não é furtar, senão pedir ou trabalhar.

*

Ao mesmo santo vieram uns pobres, quasi nus, a pedir com que cobrir-se, alegando grande necessidade; porém era fingida, porque tinham deixado os seus vestidos na toca de uma árvore.

Ouviu êle a petição com grande repouso; e logo, chamando um monge, lhe disse ao ouvido:

— Vai a tal parte, e traze-me os vestidos, que estão na toca de tal árvore.

Trazidos, lhos pôs diante, dizendo com muita paz e simplicidade:

— Ora, aqui tem cada um o seu vestido; cubram-se.

Os pobres ladrões, advertindo, ao pegar

dos vestidos, que eram os seus próprios, deram logo ao pé, mais cobertos de confusão que de roupa.

*

Veio queixar-se a S. Vicente Ferrer um taberneiro, de que muitos dos seus fregueses lhe levavam o vinho fiado e não faziam caso de pagar-lhe senão mal e tarde; que falasse o santo padre no púlpito sôbre esta matéria, pois era de consciência. Disse-lhe o santo:

— Trazei-me aqui do vinho que vendeis.

Trouxe; e aparando o Santo o seu escapulário, disse:

— Vasai aqui.

Detinha-se o homem, não sabendo o intento daquela acção e não querendo manchar o hábito do santo. Mas êle lhe disse:

— Vasai, que assim convêm ao vosso negócio.

Vasou e o vinho se escoou abaixo, deixando em cima tôda aquela parte de água com que estava misturado. Olhando então o santo para êle, que estava atônito, disse:

— Ô irmão, se vós sois o que furtais, como quereis que sejam êles os que restituam?

(*Nova Floresta*, «Furto»).

*

Benevides

Veio chamado à presença de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga e Primaz de Espanha, um sacerdote que, esquecido da precisa obrigação de seu alto grau, era amigo de Baco e Vénus. E, querendo aquele santo prelado dar-lhe repreensão, começou perguntando-lhe como se chamava. Respondeu que Fulano de Benevides. Tornou o arcebispo:

— Melhor vos chamaram (1) de Benebibis ou Malevivis.

(Nova Floresta, «Correcção, etc.»).

*

D. João II e o Corregedor

Êste discretíssimo monarca, que, para mostrar o seu amor e zêlo para com seus vassallos, tomou por insígnia um pelicano

(1) = chamariam.

rasgando o peito, soube que certo corregedor se negava a ouvir as partes, e admitia peitas. E, chamando-o à sua presença, lhe disse:

— Corregedor, olhai que me dizem que tendes as portas fechadas e as mãos abertas...

(*Nova Floresta*, «Correcção, etc.»).

*

A “rêde admirável,,

Dentro da cabeça humana, em um ventrículo do cérebro, há uma entranha a que os anatómicos chamam *rêde admirável*; composta de tantas artérias tão subtis, intrincadas e perplexas (1), que com razão mereceu o dito nome, e se mostra bem no seu maravilhoso artificio a sabedoria do Autor da natureza. Serve de coar e purificar o sangue e, de outras matérias crassas, os espíritos animais que hão-de ministrar às funções do cérebro.

‡ Que muito logo (2), que para purificar

(1) = embaraçadas.

(2) = ‡ que admira, pois...?

a alma do amor e juízo próprio, e de tudo o que é carne e sangue, em forma que sirva aos officios do amor divino, ordene este Senhor que ela passe com trabalho e apêto por muitas rêdes, e laços, e contrafiões de dúvidas, temores, perplexidades e contradicções, cuja subtileza e enrêdo foge à vista da discrição humana?

(*Luz e Calor*, «Doutrina II»).

*

Demónios arrimadiços

Algumas pessoas, que seguem o caminho da perfeição, padecem por particular disposição daquele supremo Senhor que é só o ponderador dos espíritos, a vexação dos demónios que chamam *arrimadiços*, ou *assistentes*; os quais se arrimam, ou encostam a alguma parte do corpo, mais alta ou mais baixa; e dali como desde um castelo ou padrao (1), dão contínua bateria à alma, e a teem de sítio (2) todo o tempo que

(1) Altura que domina outro terreno.

(2) Teem de sítio = cercam. sitiam.

lhes dura a licença de Deus, sem se apartarem de dia nem de noite, salvo por alguns breves intervalos, que (1) se escondem, ou ausentam. A pessoa que os padece sente a sua presença ou na fantasia, ou pelo tato e ouvidos, ou talvez pela vista, que é o mais terrível trabalho.

(*Luz e Calor*, «Doutrina II»).

*

Insuficiência da esmola

Grandes elogios da esmola pregoam as Escrituras sagradas e Santos Padres. No livro de Tobias se diz que livra de todo o pecado, e da morte eterna, e que não consentirá que a alma se despenhe nas trevas do inferno. No Eclesiástico se diz que assim como a água apaga o fogo ardente, assim a esmola resiste aos pecados. No Evangelho diz o mesmo Cristo, falando aos Fariseus, e havendo-os severamente repreendido: «Sem embargo de vossas maldades e hipocrisias,

(1) = em que.

dai esmola, que é o remédio que vos resta, e vos tornareis limpos».

Sucede pois que algumas pessoas, ouvindo ler ou prègar estes louvores da esmola, lhes parece teem achado um meio certo por onde se não despeguem de seus vícios, privando-se dos gostos dêste mundo, nem venham a parar nas penas eternas que temem; e assim abrem a bôlsa ao pobre, porêm não abrem o coração a Deus: socorrem a miséria alheia temporal, e não socorrem a espiritual própria: ministram pão ao pobre, e elas vão comendo o veneno que comiam: não despedem da sua porta o necessitado, porêm dentro fica a ocasião da ofensa de Deus.

Protestamos a estes tais que a sua confiança é ilusão do demónio. Porque os auxílios que Deus dá a intuito da esmola, para que o pecador se converta, não derogam a sua liberdade, com que pode resistir-lhes, e não aceitá-los. Além de que estas caridades temporais, que não procedem do verdadeiro amor de Deus, costuma o Senhor remunerá-las com outros bens e felicidades temporais, como são a boa fama, descendência copiosa, êxito feliz nas pretensões e negócios, fidelidade dos servos, etc. E quando entrar

em contas com o pecador, lhe poderá dizer:

— Do que vos devia em nome dos meus pobres já estais pago na mão de outras criaturas. Pagai-me agora o que deveis à minha honra gravemente ofendida.

(*Luz e Calor*, «Doutrina IV»).

*

Origem da fortuna dos Habsburgos

Do imperador Rodolfo I se escreve que, sendo ainda só conde de Aspurg e Hássia, e andando à caça, viu que um pároco levava o Santíssimo Viático a um enfêrmo que estava em um casal daqueles campos.

Era o dia chuvoso e os caminhos mui lodosos, e o sacerdote caminhava a pé; e como, ao passar por onde estava o conde, êste reconhecesse o que era, logo se lhe enterneceram as entranhas e humedeceram os olhos; e, desmontando-se do cavalo, adorou o Santíssimo Sacramento com ambos os joelhos em terra; e logo disse ao sacerdote:

— Indigna cousa é por certo que eu ande

a cavalo e vós vades a pé, levando a meu Senhor e Redentor Jesus Cristo.

Fêz logo montar o sacerdote, pegando-lhe êle no estribo com grande humildade e tendo a cabeça descoberta. E dêste modo lhe foi servindo de laçao até a casa do en-fêrmo, e de volta fêz o mesmo até à igreja.

O pároco tornando-lhe o seu cavalo, êle o não quis aceitar, dizendo que o tomasse para si, porquanto era cousa indigna que usasse mais daquele animal, depois de haver servido para ministério tão sagrado.

Então, o sacerdote, cheio de espírito profético, lhe prometeu, da parte do rei dos reis e senhor dos senhores, que havia de ser imperador, e a sua casa engrandecida e sublimada com grandes reinos.

E assim se cumpriu, sendo depois imperador, e princípio da augustíssima casa de Áustria.

(Últimos fins do homem, p. 66).

*

Vergílio e Augusto

Contrafu Vergílio grande amizade com o estribeiro-mór do imperador Augusto, por-

que sabia bem de alveitaria e conhecia as raças dos animais. Tinha seu estipêndio e ração, como os outros moços da cavalaria imperial.

Sucedeu mandarem de mimo ao imperador um potro mui formoso, de quem todos conjecturavam que havia de sair cavalo de grandes brios e ligeireza. Porém Vergílio disse que não prestaria; e assim o mostrou a tempo.

Soube isto o imperador, e lhe mandou dobrar as padas (1) da ração. Vieram-lhe depois uns cães de Espanha; e Vergílio, perguntado, disse que seus filhos seriam de grandes fôrças e velocidade; e também o sucesso mostrou que acertara, e Augusto lhe mandou tresdobrar as padas.

Finalmente o imperador, levado de umas suspeitas que o traziam inquieto, entrou em dúvida se era filho legítimo do imperador Octávio; e, tomando Vergílio à parte lhe perguntou que lhe parecia neste ponto, julgando-o por alguns sinais.

Vergílio, captando primeiro vénia e res-

(1) *Pada* : pão pequeno, que se separa pelas divisões que tem um pão longo.

salvando-se de que havia muita diferença em conhecer o nascimento dos brutos a conhecer o dos homens, finalmente, animado pelo mesmo imperador a declarar livremente o que entendesse, disse:

— Julgara eu que Vossa Majestade não era filho do imperador, senão de um pai-deiro.

— Porquê? disse o imperador.

— Porque, respondeu Vergílio, em som de graça, sendo Vossa Majestade um imperador tão magnífico, até agora me não premiou senão com padas.

Augusto celebrou o dito, e dali em diante o favoreceu como convinha.

(*Nova Floresta*, «Dádivas, liberalidade»).



Sinónimos morais

¿ Que cousa é o homem neste mundo? Comediante no tablado, hóspede na estalagem, uma candeia exposta ao vento, padecente caminhando para o suplício.

¿ Que é a língua humana? Feira de mal-

dades; fera indomável; risco doméstico e contínuo.

¿Que cousa é a nossa alma? Faísca do lume incriado; sêlo da forma divina; pupilas espirituais para ver e admirar os espectáculos invisíveis e eternos.

¿Que é o mundo? Hospital de doidos; aparência e jôgo de títeres; casa cheia de fumo.

¿Que são as honras e dignidades? Eça rial: por fora brasões e telas e luzes, por dentro ripas de pinho, e lixo.

¿Que é a nobreza? Riquezas já de mais longe...

¿Que é o ouro e prata? Atractivos das invejas; fadiga dos néscios; defunto nobre no túmulo dos cofres; sangue do corpo da república que anda em movimento circular; conselheiro de insolências...

¿Qual é o homem que não tem o mesmo que tem? O avarento. ¿E qual lhe fica o mesmo que larga? O liberal.

¿Que é a formosura humana? Letra boa no sobrescrito; irrisão dos anos; pecado em flor, que as mais das vezes vinga.

¿Qual é a cousa que o homem mais trata e menos conhece? Êle próprio. ¿E qual a que sempre nos mente e sempre a cremos? O nosso amor-próprio.

¿Que atalho é mais breve para a ruína?
A ocasião.

¿Que é a morte? Filha do pecado; terror dos ímpios; suspiro dos santos; sumidouro de homens.

¿Que é o inferno? Reino da morte viva.

¿Como se escapa do inferno? Seguindo a Cristo. ¿Como se segue a Cristo? Abraçando a cruz. ¿Como se abraça a cruz? Aborrecendo-se a si próprio.

¿Que cousa é Deus? Não tem definição.
¿Que cousa é Deus? Quem mais o amar, mais saberá o que é.

(*Calor*, p. 515).

*

O mundo

Se alguêm visse, desde um pôsto eminente, tôdas as mudanças que no mundo se succedem no espaço de meia hora, ¡que admirado ficara de ver a fúria com que esta roda se revolve!

Veria aqui prantos, acolá festas; aqui banquetes, acolá brigas; agora desposórios, e logo enterros; por uma parte exércitos batalhando, por outra navegando armadas.

Estes edificam, aqueloutros destroem; estes sobem pelos degraus da honra, aqueloutros descem; eis ali pede esmola quem há pouco tempo foi rei, acolá tiram a outro da mão o cajado para lhe meterem o scetro.

Veria, reparando no mesmo homem, como nunca permanece no mesmo estado, succedendo-se, como as revoluções da roda, a saúde e a enfermidade, o trabalho e o descanso, a honra e o desprêzo, o tormento e o deleite, o temor e a esperança.

E então, admirado, diria consigo:

— ¿ Isto é mundo, ou é mar? ¿ São homens, ou são ondas? ¿ É vida humana, ou é roda?

Tudo é, irmão; porque sua perpétua instabilidade tornou o mundo em mar, e os homens em ondas, e em roda a vida humana.

¿ Que quereis vós ver na roda, senão voltas, ou no mundo senão mundo, isto é: inconstância e vaidade?

O que se deve estranhar é que, sendo mar, sendo roda êste mundo e esta vida, fundamos tão grandes tôrres sôbre a nossa vida, fazamos tanto finca-pé no mundo.

(*Exercícios Espirituais*, «Tomo I, pág. 262»).

*

O banho da duquesa

De uma duquesa de Veneza se escreve que era tão deliciosa (1), e de tal melindre no comer, que o não tocava com suas mãos, senão que os eunucos, seus trinchantes, lho partiam primeiro em pequeninos, e ela com garfos de ouro os chegava à bôca. E, para banhar seu corpo, se não contentava com águas odoríferas exquisitas; se não que os seus criados, com impertinência cansadíssima, recolhiam das flores quantidade de orvalho da madrugada, e com êste suor da aurora se lavava.

(*Últimos fins do homem*, p. 65).

*

Mil tormentos

Sendo tantos os tiranos e os verdugos, e em tão diversas nações, desde que a reli-

(1) = dada às delicias do luxo

gião cristã começou, bem certo é que o número de mil antes ficará curto que excessivo.

Porque aqui entram as cruzes, os *suspêndios* (1), as aspas, *crurifrágios* (2), torradores, grelhas, vivicombúrios (3), precipícios, condenação aos metais, a exposição das virgens nos prostíbulos, a degradação (4) para terras inabitáveis, o despôjo não só dos officios e fazenda, mas até da pele.

Aqui se juntam os *escorpiões*, que eram varas cheias de espinhos, com que eram os mártires açoutados; os *eqúideos* ou potros, onde eram trateados (5); os *cúleos* (6), tormento formidável (que antigamente se inventou para os parricidas, que era coser a pessoa dentro de um saco forte de coiro, metendo-lhe juntamente dentro uma cobra, um cão, um bugio e um galo, e lançar êste saco no mar; o tormento do *cifonismo*, que era amarrar e arvorar o mártir nu e untado

(1) = fôrças.

(2) = quebraduras das pernas.

(3) = queimas de vivos.

(4) = degrêdo.

(5) = torturados.

(6) = odres, sacos de coiro

com mel em um madeiro alto, onde multi-
dão de vespas e moscardões o picassem; o
tormento da cárfia, usado agora entre os
turcos, que é pendurar a pessoa nua por
ganchos metidos pela mão ou pé furado,
deixando-a ficar assim até morrer de fome;
o tormento da túnica molesta, que era uma
camisa justa e basta, banhada em materiais
mui combustíveis, a que pegado o fogo con-
sumia-se o padecente queimado vivo; o tor-
mento do empalamento, que era assentar a
pessoa sôbre um pau rijo, alto e agudo na
ponta, e puxar-lhe pelos pés até passar do
secesso ao casco da cabeça; o tormento do
lagar, que era fazer do corpo humano o que
fazem os lagareiros dos cachos de uvas,
oprimidos debaixo da viga, correndo de lá
sangue, como aqui vinho; o tormento de
esburga-pernas, que era calçar ao mártir
umas botas justas de coiro cru e saltos
grandes, e logo, aceso lume por baixo, se
encolhia o coiro, e assavam as pernas do
padecente; então, puxando os verdugos pe-
los saltos com fôrça, traziam as botas den-
tro pegada tôda a carne, ficando êle só com
OS OSSOS...

(Paraiso dos contemplativos, p. 73).

*

O Foi, o É e o Será

*Esse, Fuisse, Fore, tria florida sunt sine flore;
Nam simul omne perit, quod fuit, est, et erit.*

Três flores são, mas sem flor,
O Foi, o É e o Será :
Porque logo murchará
Tudo o que é, foi e fôr.

(*Nova Floresta*, «Bem-aventurança, glória eterna»).

*

O apólogo das cotovias

A êste ponto faz (1) o apólogo que se conta das cotovias que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus criados que tratassem de meter a fouce, se vissem estar os pães (2) já sazoados; e ouvindo êste recado uma delas, foi pelos ares avisar

(1) == serve; vem a propósito.

(2) == o trigo.

as outras que mudassem de sítio, porque logo vinham os segadores. Porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo:

— Deixemo-nos estar, que de mandar êle os criados a fazer-se a obra vai ainda muito tempo.

Dali a alguns dias ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes encomendara; e que mandava selar a égua para êle mesmo ir ver o que convinha.

— Agora sim, disse então aquela cotovia astuta. Agora sim, irmãs. Levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dói a fazenda.

(Nova Floresta, «Alma»).

FIM DO SEGUNDO VOLUME

ÍNDICE

	Pag.
INTRODUÇÃO.....	IX
TRANSCRIÇÕES:	
I — Juliano Apóstata	1
II — A soberba e a morte (O Gran Lama)	9
III — O Alquimista	15
IV — Henrique III empenha o gabão para cear	23
V — D. Jayme de Bragança e o pobre	29
VI — Eremitas, anacoretas e cenobitas	33
VII — Futilidade e gongorismo	39
VIII — A virtude do silêncio	43
IX — Desprézo das ofensas	53
X — C menino ressuscitado	57
XI — O monge e o passarinho	61
XII — A lição do cadáver	65
XIII — O mundo passa	69
XIV — Embaixada de D. Manuel ao Papa	73
XV — A prodigiosa menina Teresinha de Jesus	77
XVI — O assalto à catedral de Antuérpia	81
XVII — Frechas e frêcheiros	87
XVIII — Martírio de S. Tiemo	91
XIX — Astrólogos e agoiros	95
XX — Os setenta camelos	103

XXI — A vida é morte.....	115
XXII — A divina fiança.....	121
XXIII — Piques e despiques.....	127
XXIV — Duo in carne una.....	133
XXV — Jôgo.....	137
XXVI — Portugueses e Espanhóis.....	143
XXVII — Sentenças e avisos espirituais....	149
XXVIII — Pasquins.....	161
XXIX — Bibliotecas e Biblia.....	167
XXX — Os hóspedes exigentes.....	175
XXXI — Os três cegos.....	181
XXXII — Arte de ter amigos.....	185
XXXIII — Frei Bartolomeu dos Mártires em Roma.....	193
XXXIV — Bugiarias monásticas.....	203
XXXV — TRANSCRIÇÕES BREVES:	
<i>A inveja</i>	207
<i>Os trinta dinheiros</i>	209
<i>Desprizo de si próprio</i>	211
<i>Astúcia de um cego</i>	214
<i>Avareza</i>	215
<i>Vontade e veleidade</i>	217
<i>Desapêgo de parentes</i>	219
<i>A hiena e o santo</i>	220
<i>Poder do oiro</i>	221
<i>Dois sonhos</i>	223
<i>D. João II e o Prior do Crato</i> ..	224
<i>Alumiar os que erram</i>	225
<i>Lutero e a pompa católica</i>	226
<i>Silabadas e improvisos</i>	228
<i>Protágoras e Evatlo</i>	232
<i>Ira e mansidão</i>	234
« <i>Trop Allemand</i> ».....	237

<i>O varão espiritual e o peixe náu-tilo</i>	239
<i>Os Judeus e o sábado</i>	240
<i>Palavra e acção</i>	241
<i>Saber e saber</i>	242
<i>Camelos</i>	243
<i>O menino estúpido</i>	244
<i>Deus e as paredes</i>	246
<i>Cabelos pintados</i>	247
<i>Hipocrisia</i>	247
<i>Dois ditos de Apeles</i>	249
<i>Os santos e os ladrões</i>	250
<i>Benevides</i>	253
<i>D. João II o Corregedor</i>	253
<i>A «rede admirável»</i>	254
<i>Demónios arrimadiços</i>	255
<i>Insuficiência da esmola</i>	256
<i>Origem da fortuna dos Habs- burgos</i>	258
<i>Virgílio e Augusto</i>	259
<i>Sinónimos morais</i>	261
<i>O mundo</i>	263
<i>O banho da duquesa</i>	265
<i>Mil tormentos</i>	265
<i>O Foi, o É e o Será</i>	268
<i>O apólogo das cotovias</i>	268

ANTOLOGIA PORTUGUESA

PLANO GERAL

SALVO poucas excepções, de que beneficiam três ou quatro das suas melhores jóias, o tesouro da literatura nacional mantêm-se ainda hoje quasi inacessível ao maior número, pois continua enterrado profundamente, ou na própria massa volumosa da obra de vários autores, ou na antiguidade e raridade das edições de muitos outros, ou ainda no aspecto material rebarbativo de certas exumações realizadas modernamente.

Pareceu, pois, oportuno aos iniciadores desta *Antologia Portuguesa* oferecer ao público uma colecção ou biblioteca onde fique arquivada e concentrada a produção literária de muitos dos bons prosadores e poetas nacionais de todos os tempos e escolas.

O que se pretende é pôr a alcance dos olhos da

gente moça que começa a escrever, e das famílias cuidadosas da boa educação portuguesa dos seus filhos, e ainda dos mestres e estudantes da língua e literatura maternas, um copioso panorama de *lugares selectos* que possam entrar em tôda a parte, convir do ponto de vista moral a tôdas as idades e atrair, pela leveza e modernidade da apresentação material, todos aquelles espiritos que logo fogem apavorados à menor aragem do antigo, do sério e do pesado.

Banidos ficam assim desta emprêsa, liminarmente, quaisquer intuitos ou ademanos de erudição, que não vestiriam bem à nossa áurea mediocridade, nem quadram à essência do nosso propósito. Se o que queremos é chamar muita gente, para que admire connosco, ¿ como iríamos afugentá-la, espantando-a e aterrando-a com ares misteriosos de beneditinos e de sábios? Convidamos o leitor para um sarau, e não para uma aula, sabendo bem, aliás, que há saraus onde se aprende e aulas onde se goza; mas sabendo, outrossim, que o mestre desejoso de ter alunos, quando a freqüência é livre, evita fazer o ensino maçador, ou desiste de ensinar tudo de uma vez.

Não queremos que os nossos volumes tenham o aspecto de velhos compêndios, mas que vistam à moda, como as mais recentes novelas ou livros de versos. Por isso fugiremos com empenho

às copiosas anotações e às longas dissertações críticas; e esperamos nunca perder de vista, ao organizar a nossa escolha, a vantagem de dourar a pílula, antes de oferecê-la ao paladar biqueiro da gente moça ou leviana. Poremos assim muitas vezes, sem cerimónia, títulos nossos e novos aos trechos que apresentarmos; não duvidaremos, quando tal convenha ao nosso objecto, condensar e abreviar o texto autêntico por supressão de períodos e de passos mais ou menos longos, e mais ou menos indigestos ou impróprios; e, com risco de que os eruditos nos alcunhem de sacrilegos, havemos de eliminar, na nossa reprodução, a maior parte, ou a quasi totalidade, das transcrições latinas e das citações de fontes, umas e outras não só inúteis, mas até nocivas, ao plano que traçamos, de atrair os irreflectidos, os fúteis e os apressados ao aprêço e convívio dos melhores modelos da nossa literatura.

Convém dizer, visto terem carácter espiritual ou religioso tantas obras dos nossos melhores prosadores, sobretudo de Quinhentos e Seiscentos, que os livros ou trechos puramente místicos serão excluídos da *Antologia*, quando os não recomende algum altíssimo interêsse de beleza formal. Ficarão mais bem situados e serão mais justa e seriamente apreciados, quando alguém se lembre de os arquivar e seleccionar, como merecem tan-

tos, em antologias propriamente religiosas, destinadas a leigos.

A *Antologia Portuguesa* adoptará naturalmente, salvo casos especiais, a nova ortografia official, não só por ser aquella em que estão sendo industriadas as gerações que despontam, mas ainda porque, sejam quais forem os inconvenientes da norma vigente, cumpre segui-la, ou (se preferem) suportá-la, sob pena de continuarmos e agravarmos a anarquia que ella pretendeu remediar.

Além da ortografia sera também modernizada a pontuação. O que se considera primordial ou essencial na lição dos clássicos antigos e modernos, é o vocabulário, a syntaxe e o estilo; e para tornar accessíveis ao grande publico estas riquezas intrinsecas, convém que discretamente se arredo tudo quanto, sendo accessório ou secundário do ponto de vista artistico e literário, que é o nosso, repugne ao gosto e costumes da época e assim amedronte sem vantagem aqueles que desejamos atrair!

Para auxiliar a leitura virão explicadas em glossários ou notas curtas, consoante os casos, as particularidades do vocabulário ou syntaxe que, para o leitor de cultura mediana, possam assumir carácter de difficuldades. Cada escriptor será biographado e explicado literáriamente, numa succinta *introdução* sem pretensões de critica sábia;

e uma nota bibliográfica das obras e edições respectivas guiará às bibliotecas eruditas ou livrarias comerciais qualquer leitor que consigamos converter ao culto assíduo dos bons autores.

Em regra irá cada mocho a seu soito: a cada escritor caberá seu volume; o que naturalmente não impede a concessão de mais de um tomo a certos que o mereçam por vastidão e valor da sua obra, ou, ao contrário, o alojamento de dois ou mais em sociedade, quando sejam menores o homem, a produção, ou a importância de uma e outro.

A *Antologia Portuguesa* não se encerrará nos limites do campo, aliás vasto, dos velhos escritores clássicos e de todos aqueles bons poetas e prosadores portugueses cuja obra caiu já, segundo o nosso direito civil, no domínio público. Na respectiva colecção hão-de ser incluídas também antologias de escritores contemporâneos, e até vivos, cuja produção seja bastante extensa, bastante nacional e bastante apreciada do público, para tornar recomendável a sua inclusão nesta biblioteca literária de bons modelos. Para tal efeito a casa editora a quem incumbe a parte material e financeira do empreendimento tem no seu fundo de livraria a propriedade literária, integral ou limitada, dos livros de muito bons autores nossos, entre os quais bastará citar as obras

de Alexandre Herculano; e promete empregar os seus melhores esforços em conseguir de outros autores e editores a indispensável autorização legal para que as suas produções sejam largamente extractadas na *Antologia*. Assim o fêz já para as obras de Camilo e de Eça de Queiroz: assim está disposta a proceder com as de outros ilustres escritores contemporâneos, mortos ou vivos, cujos autores ou editores se disponham a auxiliá-la nesta empresa de patriotismo, de educação, e de amor da língua e da literatura nacionais.

Fica assim explicada, em todos os seus intuitos e aspectos, a tarefa a que se abalança, com elevada compreensão do que deve às suas velhas tradições e aos seus justíssimos créditos, a Livraria Aillaud. Resta agora que o público estime pelo seu exacto valor, e auxilie com a merecida aceitação, o patriótico empreendimento. Resta, emfim, que Deus nos dê a nós, que temerariamente aceitámos o encargo de organizar e dirigir a *Antologia Portuguesa*, a intelligência, o critério e o bom gôsto necessários ao desempenho de tão honrosa comissão.

Lisboa, 29 de Maio de 1919.

A. de C.







LPot
B5226n

172647

Author Bernardes, Manoel

Title Nova Floresta, vol.2. (Estimulo Pratico, Luz e

... Tins do Homem.) etc. (Ed.2.)

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU

